«MASSIEL CANTA BERTOLT BRECHT» — POR CARLOS PORTO (NO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 1970 N.º 17 218 ANO 50.º PREÇO 1$50

SEGUNDO UMA DECLARAÇÃO ENTREGUE HOJE NA A. I. P.

A indústria europeia ameaça de "guerra" a dos EUA

As indústrias dos países do Mercado Comum e da E. F. T. A., através de uma declaração de todas as respectivas Associações e Federações Industriais (esta manhã entregue aos representantes dos órgãos informativos, na Associação Industrial Portuguesa) preconizam a abolição dos obstáculos não pautais e ameaçam os Estados Unidos de reacções semelhantes se tiverem execução as medidas restritivas resultantes da lei sobre o comércio externo ora em apreciação no Congresso dos EUA.

O eng.º Carlos Alves, que entregou a declaração, estava acompanhado pelos srs. eng.º Fernando Cruz, dr. Mário Neves e prof. Salazar Leite. Disse antes da entrega do documento, *«que esta é a reacção dos parceiros comerciais dos Estados Unidos ás medidas proteccionistas em vias de concretização por parte daquele país»*.

Explicou o eng.º Carlos Alves que *«desde há muitos meses se encontra em preparação no Congresso de Washington um conjunto de medidas restritivas das importações no mercado norte-americano. O movimento proteccionista foi reforçado quando, em Junho passado, falharam as conversações entre os Estados Unidos e o Japão, que visavam limitar as exportações têxteis japonesas para o mercado daquele país.*

— *No princípio do Verão* — disse o eng. Carlos Alves — *o «Ways and Means Comittee» da Camara dos Representantes aprovou uma proposta para se aplicarem restrições quantitativas não só na importação de têxteis como de calçado e para se criarem mecanismos proteccionistas automáticos em relação a outros artigos; paralelamente, votou-se a manutenção do «American selling price», sistema proteccionista de imposição pautal que incide sobre vários produtos químicos e de cuja abo-*

(Continua na 8.ª página)

TRABALHO DOMÉSTICO OU PARTICIPAÇÃO NA VIDA ECONÓMICA NACIONAL?

Duas realidades contraditórias num mundo em evolução: a crescente participação feminina nos sectores de actividade económica e a insistência com que por vezes se teima em conservar a imagem da mulher confinada ao trabalho doméstico, a sua entrega exclusiva á tradicional missão de esposa e mãe. Daí o aparecimento de centros «de formação profissional doméstica». Mas não haverá que desenvolver outras iniciativas que permitam treinar a mulher para tarefas mais produtivas ao serviço da comunidade nacional?

(Ler na página central)

As ornamentações do Chiado, dedicadas à quadra natalícia, que se aproxima, tomam já aspecto que merece registo pela imagem. Os ornatos, a iluminação que se pretende feérica e a música geralmente transmitida por instalações sonoras criam um ambiente de acordo com certos símbolos tradicionais do Natal.

HOJE 36 PAGS.
VISADO PELA CENSURA

NO MEIO DE NOTÍCIAS CONTRADITÓRIAS ACERCA DA SUA SAÚDE

O PAPA PAULO VI INICIOU A SUA VIAGEM MAIS LONGA

(LER NA PÁGINA 22)

Dois mascarados assaltaram um casal de sexagenários (mas a G.N.R. já lhes deitou a mão)

CORUCHE, 26 — Um pobre casal de sexagenários apanhou, há coisa de 20 dias, um susto dos diabos. As tantas da noite deram pelo escancarar da porta da ua humilde casa nos arredores desta vila (mais exactamente em Foros de ale Cavalos, Fajarda) e quando lobrigaram melhor tinham pela frente dois mascarados que, à viva força, queriam os «valores» dos atarantados moradores.

Bem procurou o sr. Pedro António jogar a mão a uma caçadeira) mas a arma acabaria por servir de instrumento agressivo ao serviço de um dos malandrins. Mul- ta pancada no sr. Pedro e maus tratos também na esposa, por sinal paralítica, não facilitaram a vida aos assaltantes que desnorteados pelos gritos dos ofendidos retiraram apressadamente não sem primeiro fazerem depradações e estragos na residência dos velhotes.

A G. N. R. fez silêncio a respeito do caso mas deitou mãos ao trabalho. E aí temos os facínoras já a contas com a justiça. Nomes: José António (de Foros de Fajarda) e Vicente Vieira Nobre (natural de Benavente). Não vão assaltar ninguém durante os tempos mais próximos.

Gigantesco transformador eléctrico envolve no seu transporte cerca de 100 pessoas

Saiu no dia 24 das fábricas da EFACEC, em S. Mamede de Infesta, o maior transformador eléctrico de potência construído, e a instalar, em Portugal — 150 000 KVA e 220 000 V —, que se destina à Central Termoeléctrica do Carregado, da C. P. E. — Companhia Portuguesa de Electricidade, S. A. R. L., e semelhante a outros dois já ali instalados e em funcionamento, também fabricados pela EFACEC.

O transporte deste gigantesco transformador, uma operação que envolve cerca de 100 técnicos e outros especialistas, programa-se pelas seguintes etapas:

— Das Fábricas da EFACEC para o porto de Leixões foi utilizado um conjunto tractor-zorra — cujo rodado possui 74 rodas... — o maior existente no País.

— De Leixões para o Carregado via Lisboa, por navio concebido para operações desta envergadura, fretado especialmente para o efeito.

— Do cais, propositadamente construído, no rio Tejo (junto à Vala do Carregado), até à Central Termoeléctrica utilizando novamente o conjunto tractor-zorra.

Trata-se de mais uma realização da EFACEC, a maior organização do País no ramo Electrotécnico.

As motivações dos emigrantes e o destino dos seus ganhos

segundo um inquérito da L. U. C. e da L. U. C. F.

PORTO, 26 — Em 1968, as direcções-gerais da L. U. C. e da L. U. C. F. procederam a um inquérito, através dos organismos agrários da Acção Católica, o qual serviu de estudo no terceiro encontro dos diplomados católicos, sujeito ao tema «Visão Cristã dos Problemas da Emigração».

Nesse inquérito, forçosamente limitado (não atingiu as zonas do País, por nelas não existirem organizações agrárias da Acção Católica) se baseou o rev. dr. A. P. Teixeira Fernandes, na sua conferência na abertura do I Curso sobre Problemas da Emigração, ontem, na Acção Católica, como dissemos.

Pelo referido inquérito se verificam os seguintes e expressivos números quanto a percentagens de emigração (em 1968) e suas origens e consequências.

● CAUSAS DA EMIGRAÇÃO — Melhoria do nível de vida — 55,2 por cento; seguir o exemplo de outros — 36,8; desemprego — 3,8; desejo de conhecer outros povos e costumes — 3,7.

● CAUSAS DA EMIGRAÇÃO CLANDESTINA — Dificuldades na obtenção da documentação legal — 30,9 por cento; melhoria do nível de vida — 20,6; seguir o exemplo de outros — 14,7; desemprego — 2.5; conhecer outros povos e costumes — 1.9.

● IDADE DE SAÍDA DOS EMIGRANTES — Entre os 14 e 15 anos — 12,3 por cento; entre os 16 e 20 anos — 50,8; entre os 21 e 24 anos — 6.3; de 25 e mais — 30.6.

● EMIGRAÇÃO INDIVIDUAL E FAMILIAR — Emigração individual — 60.4 por cento; emigração do agregado familiar — 14,6; da família para juntar-se aos chefes — 25.0.

● EMIGRAÇÃO LEGAL E CLANDESTINA — Principalmente legal — 40.9 por cento; legal e clandestina por igual — 35.5; principalmente clandestina — 23,6.

● VOLUME DO RETORNO — Nulo — 4,8 por cento; pequeno — 73,9; razoável — 18,1; grande — 3,2.

● VIDA RELIGIOSA, APÓS O REGRESSO — Continuam a praticar — 59.5 por cento; continuam a não praticar — 22,0; deixaram de praticar — 14,7; Passaram a praticar — 3,8.

● INFLUÊNCIA NO MEIO — Boa — 17,4 por cento; razoável — 51,9; nenhuma — 21.3; má — 9,4.

Destino dos ganhos dos emigrantes

● APLICAÇÕES DADAS PELAS FAMÍLIAS AOS FUNDOS ENVIADOS PELOS EMIGRANTES — Compra de casa ou terras — 37.7 por cento; compra de outros bens (vestuário, aparelhos electrodomésticos) — 31.7; educação dos filhos — 23,7; pagamento de dívidas — 2,2; outras aplicações — 4,7.

● APLICAÇÕES QUE OS EMIGRANTES DÃO ÀS ECONOMIAS QUE TRAZEM — Compra de casa ou terras — 47.6 por cento; depósitos nos bancos — 34,5; comércio — 6.6; indústria 4.9, outras aplicações — 9.4.

Volume da emigração

Quanto ao volume da emigração para a Europa (França, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Luxemburgo Holanda, Suiça, Bélgica, Suécia) o total é de 679 459.

Para países de outros continentes (Brasil, África do Sul, E. U. A., Venezuela, Canadá, Austrália, Argentina, Bermudas), temos um total de 882 260.

DE ONTEM PARA HOJE

A LIBERDADE DOS MARES

A «legítima defesa em Direito Internacional» tem novos conceitos, como não podia deixar de ser. Tudo evoluciona conforme as épocas e os costumes, a ciência e a técnica. «Ciência e Técnica tornaram-se componentes deste direito», como disse ontem o comandante Eduardo Serra Brandão, no Museu de Marinha, ao efectuar-se a sessão de abertura dos Trabalhos do Centro de Estudos de Marinha, a que preside o antigo ministro do Ultramar e governador-geral de Moçambique, almirante Sarmento Rodrigues. Presentes também o sr. ministro da Marinha e embaixador do Brasil. Citou o comandante Serra Brandão intervenções dos últimos anos baseadas na legítima defesa: «1), a «quarentena» levada a efeito contra Cuba por forças navais dos Estados Unidos, em Outubro de 1962, e 2) a captura do navio de guerra americano «Pueblo», ao largo da costa da Coreia do Norte, fora das águas territoriais deste país, realizada em Janeiro de 1968. «Tal como a crise cubana, o princípio da liberdade dos mares e o conceito de legítima defesa atingem, com a crise do «Pueblo», novas dimensões. E várias perguntas ficam em suspenso: será, de futuro, considerada «inofensiva» pelos estados ribeirinhos a passagem de navios tipo «Pueblo», num deambular vagaroso ao longo da costa durante vários dias»?; virá a ser regulado ou até proibido o «reconhecimento electrónico» nas águas adjacentes ás costas de um Estado estrangeiro?; pode um Estado considerar-se vítima de «agressão» perante uma indiscrição militar sistemática por meio de «contrôle» electrónico contínuo e sem restrições que põe a nu a sua capacidade de defesa costeira?; acabará por se estabelecer uma semelhança entre o espaço aéreo e a zona contígua em matéria de «segurança e legítima defesa»?

EÇA DE QUEIROZ E A EUROPA

No Centro de Cultura Popular principiou ontem um ciclo de estudos sobre a Geração de 70. Primeiro orador foi o antigo ministro da Saúde, dr. Martins de Carvalho e tema da conferência foi «Eça de Queiroz e a Europa». Disse: «Nenhum escritor consegue ser totalmente descomprometido, sob pena de se tornar alienado perante o mundo em que vive. Por isso, sem nunca ter visitado o Ultramar português, o problema nacional que lhe diz respeito, então intensamente vivido tal como agora, aparece na «Ilustre Casa de Ramires» sob a forma do relato de uma vida onde se miniaturiza a própria vida nacional.»

DOIS MORTOS E DOIS FERIDOS

A entrada das Caldas da Rainha chocaram um automóvel e uma motocicleta, tendo morrido os srs. Ramiro Ferreira Felizardo, de 34 anos, que conduzia a moto, e José da Silva Gaspar, de 26 anos, que seguia no automóvel. O pai do primeiro, sr. Silvestre Felizardo, de 58 anos, negociante de gado, como seu filho morador em Cabreiros, recolheu ao Hospital de Santa Maria, em estado grave. O condutor do automóvel, sr. Sérgio Marques dos Santos, de 28 anos, industrial, das Caldas da Rainha, acha-se internado no hospital daquela cidade.

NASCEU A BORDO

O «Infante D. Henrique» atracou ontem ao Tejo, vindo do Ultramar. Em Luanda tinham embarcado a sr.ª D. Maria Fernanda Horta Serra Fuzeiro e seu marido sr. Belarmino Alfredo dos Santos, pedreiro, de 26 anos, da Azambuja. Ao chegar ao Tejo aquela senhora teve o seu bom sucesso, nascendo um menino a que foi dado o nome de Jorge Henrique Serra Fuzeiro.

ELOS CLUBE

A direcção e elementos de destaque do Elos Clube foram ontem ao Palácio de S. Bento saudar o Presidente do Conselho a quem ofereceram toda a sua colaboração para os empreendimentos do Governo que visem o incremento, cada vez maior das relações luso-brasileiras. A Convenção Elista efectua-se em 1971 e o sr. Presidente do Conselho disse que, com a maior satisfação, a patrocinará.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Joaquim Ferreira da Silva

Faleceu esta manhã, no Hospital do Ultramar, onde estava internado há tempos, o dr. Joaquim Manuel Ferreira da Silva, de 65 anos, director-geral dos Serviços de Saúde do Ultramar, aposentado, e que durante muitos anos prestou serviço como médico no Ultramar.

O dr. Joaquim Ferreira da Silva era natural de Pardilhó, concelho de Estarreja, casado com a sr.ª D. Maria Alexandrina Ferreira da Silva e pai dos srs. Manuel Joaquim Ferreira da Silva, funcionário superior da TAP, em Joanesburgo, e António Rui Ferreira da Silva, do Ministério da Saúde e Assistência.

Era ainda irmão do sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva, arcebispo de Cízico, de monsenhor José Manuel Ferreira da Silva, secretário de seu irmão, do dr. António Ferreira da Silva, médico em Ervedosa do Douro, e das sr.as D. Emília e D. Ana Ferreira da Silva, a viverem em Pardilhó.

O funeral efectua-se amanhã da capela do referido hospital para a terra da sua naturalidade, saindo ás 10 horas.

SUFRÁGIOS

Lídia da Conceição Sales Almeida

Evocando o 5.º aniversário do falecimento da menina Lídia da Conceição Sales Almeida, seus pais e avó mandam amanhã celebrar missa de sufrágio, ás 10 horas, na igreja do Socorro, á Rua Marquês de Ponte de Lima.

Problemas da emigração relacionados com a Igreja debatidos no Porto no curso da Acção Católica

PORTO, 26 — No prosseguimento do I Curso Sobre Problemas da Emigração que termina ao fim da tarde de hoje, na sede da Acção Católica, com a sessão de encerramento presidida pelo bispo, D. António Ferreira Gomes, foi, esta manhã, desenvolvido o tema «Emigração e Pastoral da Igreja» pelo rev. Agostinho Jardim Gonçalves, assistente geral do Movimento Mundial dos Trabalhadores Cristãos.

O orador, depois de se referir aos valores cristãos contidos nos motivos que levam milhares de portugueses a procurar, através da emigração, melhores condições de vida, sublinhou o papel da Igreja face ao fenómeno migratório, salientando o que é comum á Igreja no seu conjunto e o que é específico na missão dos padres e dos leigos.

Após um debate entre equipas, houve um plenário, durante o qual o orientador da sessão, rev. Jardim Gonçalves, pôs em relevo o apelo que a vida dos emigrantes dirige á fé dos crentes e á Igreja em geral, tanto em Portugal como nos países que acolhem os emigrantes.

Durante a tarde, noutra conferência, o rev. Aurélio Granada falou, de «motu próprio». «De Pastorali Migratorium Cura», seguindo-se o planeamento do trabalho a realizar na diocese com uma reunião de mesa-redonda para o estudo das conclusões.

Este curso, promovido, como dissemos, pelo Serviço Diocesano da Emigração, teve assistência numerosa e muito interessada.

Venda de caridade no Stand Renault

A venda de caridade a favor do Infantário de Nossa Senhora da Purificação realiza-se, este ano, no Stand Renault, à Avenida da Liberdade, 114. A «Venda» abrirá no próximo sábado, às 15 horas.

Os mais antigos colaboradores da CIDLA homenageados num jantar de confraternização

Amanhã, pelas 20 e 30 horas, a Cidla reune cerca de 550 convivas num jantar de confraternização num dos pavilhões da Feira Internacional de Lisboa.

Este jantar de homenagem aos mais antigos colaboradores da Cidla será presidido pelo sr. dr. José Luís Nogueira de Brito, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

OS ESTUDANTES DE TÓQUIO «VÍTIMAS» DA POLUIÇÃO

TÓQUIO — Nesta cidade, capital de um dos países mais conscientes do mundo em matéria de educação, mais de 500 000 crianças estão a ser ameaçadas nos seus estudos pelo espectro da poluição, isto é, pela contaminação do ar e da água e pelo barulho.

Um estudo do Instituto Metropolitano de Educação de Tóquio, aponta o barulho como um inimigo do progresso escolar, mais perigoso que a poluição do ar, a qual, só por si, é considerada um impedimento em 130 escolas da cidade.

Por DON SHANNON

Exclusivo «The Los Angeles Timees»-«DL»

Em 225 escolas das 1547 que a capital, incrivelmente superpovoada, alberga, o barulho já foi acusado como o principal culpado do mau rendimento escolar: os automóveis figuram em primeiro lugar, os aviões, em segundo e os combóios, em terceiro, na lista dos principais causadores de ruído.

Uma destas escolas é o Liceu Omori n.º 1, cujos alunos oscilam entre as idades dos 11 e 14 anos. As salas de aula têm cada uma duas pequenas janelas, abertas numa parede dupla de tijolo vidrado. A atmosfera das salas, num dia quente, é abafadíssima.

Esta escola é uma das sete situadas nas vizinhanças do aeroporto internacional Haneda. Esses sete edifícios escolares quase não têm janelas, precisamente para se defenderem do ruído dos aviões a jacto que os sobrevoam, de seis em seis minutos (ou nas horas de mais tráfego aéreo de três em três minutos).

MAIS DE 100 FONS

O Liceu Omori tem 684 alunos e o número total de alunos que frequentam as sete escolas a que nos referimos eleva-se a 3000. As condições em que estes alunos se vêem obrigados a estudar representam, só por si, o preço especialmente elevado que o progresso tecnológico custa aos cidadãos japoneses.

Teruji Nishie, director do Liceu de Omori, explicou que um «jumbo jet» a levantar voo origina na escola um ruído da ordem dos 105 fons (medida da intensidade do som equivalente aos decibeles). Dentro das salas de aula, o ruído reduz-se a 45 fons se as janelas estiverem hermèticamente fechadas. Mas, como o sistema de ar condicionado não funciona devidamente, de vez em quando, têm de se abrir as janelas, o que eleva o nível do som.

O Ministério da Educação considera que o ruído acima dos 90 fons é nocivo á saúde e que o limite máximo desejável para uma sala de aula se situa ao nível dos 55 fons.

— Como as crianças não vivem em casas á prova de som, não conseguem, evidentemente estudar em casa — disse Nishie.

Não causa, pois, surpresa, que o Liceu de Omori figure entre as escolas de mais baixo rendimento escolar da capital

DE DIA PARA DIA

Perto, do Liceu Omori, situa-se a escola primária de Hareda-Asahi. A brisa marítima é interceptada pela enorme estrutura de uma fábrica metalúrgica e por uma nova estrada. O director da escola, Shogo Higuchi, está muito aborrecido com o aumento da poluição do ar e com o aumento contínuo do ruído.

Higuchi entende que os seus 300 alunos devem ser incluídos no numero total de 1 460 000 alunos (1 400 000 do ensino primário e 60 000 do ensino secundário) das áreas metropolitanas que o Instituto considerou afectados pela poluição do ar.

— Isto está a piorar de dia para dia, desde o ano passado — disse, referindo-se á estrada que foi inaugurada no ano passado e que se destina ao tráfego entre o aeroporto e Yokohama. A estrada passa muito perto da escola.

Nishie pediu ao Instituto Nacional de Saúde que promovesse um estudo, a fim de se apurar os efeitos que o barulho e os edifícios á prova de som têm sobre os alunos.

INQUIETAÇÃO

O estudo chegou á conclusão de que os estudantes ficam mais inquietos e impacientes quando a poluição do ar aumenta.

Higuchi está convencido de que a poluição tem graves consequências para a saude. Os seus alunos estão abaixo da média quanto a peso, altura e medida de tórax.

Higuchi concluiu, como Nishie, que os edifícios á prova de som não melhoraram o rendimento escolar. As crianças pobres que vivem em bairros miseráveis dificilmente poderão conseguir grandes resultados escolares, dado o seu constante contacto com ambientes poluídos.

Alguns dos 23 bairros de Tóquio proporcionaram a transferência de alunos asmáticos para escolas situadas fora da cidade. O bairro Shinjuku, no Centro Ocidental de Tóquio, pensou fazer o mesmo em relação a estudantes cuja saude pudesse ser afectada pela poluição atmosférica da cidade. A ideia, porém, não pôde ser posta em execução, por falta de fundos.

NOTA do dia

DORMIR OU TRABALHAR

A PRIMEIRA COISA A DIZER sobre desenvolvimento, de que toda a gente fala ou está em vias de falar, é que a palavra desenvolvimento passou a ter curso corrente quando se deu conta de haver pessoas a quem a palavra progresso fazia cócegas ou engulhos. Para falar a verdade, a substituição silenciosa não faz mal nem bem. Mas progresso era uma espécie de chavão, que se escrevia com P grande, do que uns faziam bandeira e com que outros se alarmavam, por envolver, mais no seu sentimento do que na sua interpretação crítica, certo peso de intenção reivindicativa. E deixou-se cair o progresso para não perturbar a paz dos espíritos, erguendo-se o desenvolvimento quando se tornou evidentemente necessário ressuscitar a ideia que ela encerra.

O segundo ponto é o da generalização tanto do uso da palavra como do seu conceito. Toda a gente ouve falar, vê mencionadas estatísticas e percentagens, toda a gente mais ou menos sabe que há taxas bastante variadas de crescimento, que a nossa é das mais modestas da Europa e, daí, para falar a verdade, toda a gente também sente borbulhar em si uns certos fumos de capacidade de análise ou entendimento das coisas o que, por sinal, não é nada mau. É o que pode dizer-se que é uma espécie de aproximação da consciência das realidades. E toda a gente percebe, porque se ouve dizer e é de intuir, que a indústria há-de estar na operação de arranque necessária para nos lançarmos no grande esforço que se nos pede: dizemos que se nos pede sem pensar que é o Governo que pede, mas que havemos de ser nós mesmos que nos pedimos.

Sobre a indústria, precisamente, de há uns tempos para cá se tem assinalado a necessidade de rever o seu estilo e o seu ritmo. Sem com isso pretendermos qualquer posição de quem descobre a pólvora, sabemos muito bem que apontámos aqui, quando o assunto parecia tabu, a posição viciosa em que a nossa indústria se tinha deixado cair, em contradição total não só com as realidades europeias mas também com as novas realidades que vinham a desenhar-se das nossas portas para dentro. Situação viciosa, dizemos. Viciosa e falsa, na medida em que alguns sectores viviam à sombra de regimes proteccionistas que não era possível harmonizar com as inelutáveis tendências de uma livre circulação de mercadorias. Quer dizer: a concorrência a que se tinha fugido ao nível nacional era agora inevitável ao nível internacional.

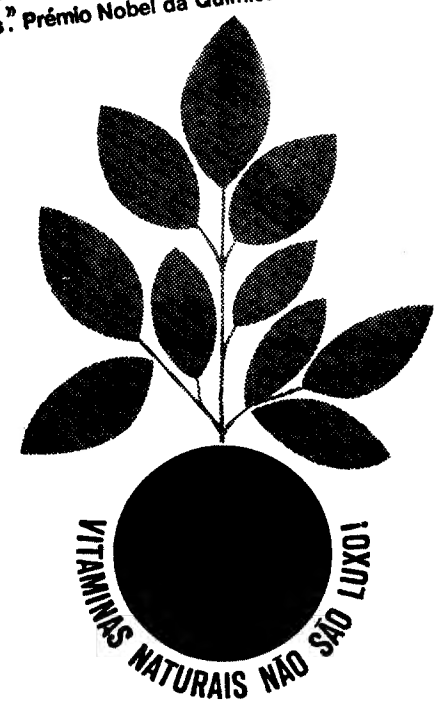
No discurso de Setembro, que marcou depois do Verão o reatar das actividades políticas, o prof. Marcello Caetano pôs o quadro a descoberto, o quadro de uma indústria que «carece de imaginação e de ousadia, habituada ao proteccionismo e viciada na utilização do crédito para suprir as carências de capital próprio». No discurso da semana passada, o ministro da Economia refez e actualizou o quadro, não já no aspecto crítico do que foi, mas no aspecto institucional do que se pretende que seja. Procura-se o estímulo, interrompem-se as tutelas, fomenta-se uma reorganização com base nas concentrações que permitam dimensão própria para um ritmo de trabalho e rendimento que se tenham na conta de desejáveis. E estabelecem-se condições para atrair capitais algumas vezes tímidos.

A **contrapartida oferecida** é o benefício fiscal. Como disse o ministro, a redução da taxa da contribuição industrial «significará que, tendo em conta os seus adicionais, a tributação de lucros da generalidade das empresas portuguesas passará de um pouco mais de 30 por cento para cerca de 25 por cento». É a ajuda oferecida à indústria para o embate que têm de sofrer na actualização dos seus métodos. Alguém há-de pagar e é de esperar que seja justa a escolha da porta onde se vai bater. De qualquer modo, não poderá a indústria ficar só a lamentar-se do que sinta que lhe tenham tirado, o seu sossego cómodo e pachorrento. Há-de ficar também a regozijar-se das vantagens que lhe são oferecidas, não para dormir, mas para trabalhar.

CAMPANHA DE PREVENÇÃO E FOMENTO DA SAÚDE
diese

"O PRÉMIO NOBEL LINUS PAULING NUNCA SE CONSTIPA"

"A vitamina C natural é a cura e a prevenção contra as constipações vulgares." Prémio Nobel da Química e Prémio Nobel da Paz, Linus Pauling



ACEROLA

A mais rica fonte natural de Vitamina C, defende o organismo contra as infecções, os resfriados, as constipações e as gripes tão vulgares nesta época.
Com ACEROLA a sua capacidade física e intelectual mantém-se intacta.

em embalagens de 50 e 250 cáps.
a 60$ e 180$ — envia-se à cobrança pedidos a: diese av. da República, 46 - Lisboa-1

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

VIOLETTES AMERICAN SHOW

LIA OYA
vedeta internacional da canção

FOUR REBERTES
ACROBATAS e FANTASISTAS

LÍDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

GILDA PEARL
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, às 17 e às 21.30 (M. 12 anos)
O OURO DE MACKENNA

Da inocência e dos inocentes

«O INOCENTE», de Calvo Sotelo. Encenação de José Osuna. Cenários e montagem de Octávio Clérigo. Coreografia de Fernando Lima. Ilustrações musicais de José Luís Navarro. Intérpretes: Igrejas Caeiro, Hermínia Tojal, Costa Ferreira, Gilberto Gonçalves, Manuela Maria, Mário Pereira, Fernanda Montemor, Virgílio Marques, Adelaide João, Mário Sargedas, Ruy Furtado, Adelaide Susana, Arminda Taveira, Helena Cardinali, Lia Isabel, Lina Marce.

Há em matéria de arte uma coisa muito feia e dificilmente perdoável. Chama-se mistificação. «*O Inocente*», de Calvo Sotelo, é, ainda por cima, uma dupla mistificação. Porque, quanto à forma, pretende enfarpelar-se com estes trajes esquisitos que agora o tatro usa (sim, este teatro para capelinhas — *sic* — todo intelectualóide, vocês conhecem o género), e por debaixo da farpela, e muito (oh muito) visíveis surgem os cordelinhos do drama de faca e alguidar, as imbecilidades da fotonovela com pitadinhas de pimenta (falsificada); as convenções do teatro tão possidònìamente burguês como já nem se usa. O coro que comenta a acção — distanciador, diz José Osuna! — até canta!; as máscaras que pretendem reforçar a sátira que não existe: o espectáculo que é levado à plateia (a participação do público, não esqueçamos, é muito moderna — ver nota do encenador — são, pois, a farpela a querer imitar o modernaço, os pechisbeques com que o autor (certamente) o encenador, o assistente-director-tradutor-actor (Igrejas Caeiro, o próprio) pretenderam dar o tom. Mas é claro que o tom não podia deixar de sair falso. Esta, portanto, a mistificação ao nível do significante.

Como dificilmente poderia deixar de ser, essa mistificação é reflexo e factor de uma outra ainda mais grave e perigosa: a que respeita a um conteúdo que se pretende de denúncia e é de um conformismo total, que se pretende de acusação e é de uma absoluta ineficácia, que se pretende corajoso e só não é anódino por ser, repito, mistificador e oportunista.

A brincar dizem-se coisas sérias, diz a publicidade. Ora, trata-se precisamente do contrário: a sério, com uma seriedade e uma chateza que tornam, além de tudo o mais, o espectáculo insuportável, dizem-se coisas que só se podem tomar como uma brincadeira. Mas que não o são porque Calvo Sotelo sabe muito bem a que moinho levou a sua água.

«*O Inocente*» é uma amostra lamentável do teatro espanhol (1): lamentável até pela (falsa) realidade espanhola (2) que pretende reflectir. Pelos vistos, em Espanha as secretárias, terão que ser pagas; as mulheres da limpeza estão prontas a dormir com o primeiro que aparecer (basta a cena em

(Continua na página seguinte)

estúdio cinco

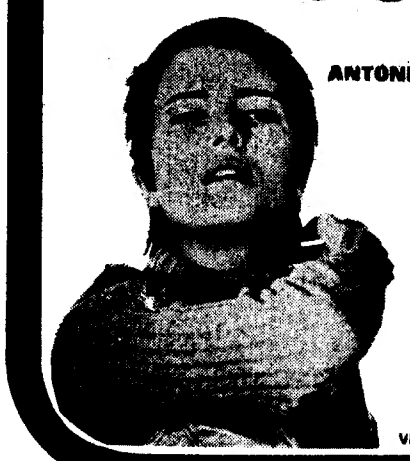
7ª semana

Há
num domingo como outros
uma tarde de futebol
que finda em amizade e confidência

Há
entre um ruído de eléctrico
e o guincho agressivo de uma porta
intrigas que se fazem e desfazem
nos recantos sombrios das pastelarias

Há
entre as idas e vindas
dos capilheiros que cortam o Tejo
um momento de dor

O CERCO



realização de ANTÓNIO DA CUNHA TELLES

MARIA CABRAL
MIGUEL FRANCO
RUI DE CARVALHO
MARIO JACQUES

participação de ARMANDO CORTÊS

VITORIA FILME ADULTOS

MARIA VITÓRIA ADULTOS

• UM ÊXITO QUE NÃO ADMITE COMPARAÇÕES! • Hoje às 20,45 e 23 h.

• Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam os populares artistas

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL

NA SENSACIONAL SUPER-REVISTA

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

UM ENORME ÊXITO DE GARGALHADA, COM:

• NICOLAU BREYNER

A SIMPÁTICA ACTRIZ • ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO • RONY VALY

E, NO «COMPÈRE»,
• OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA,

BARROSO LOPES no «Troca Tudo»

RONY VALY atracção brasileira

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE
às 21 e às 23 horas

O PROCESSO de KAFKA

Maiores de 17 anos
50 % DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
Subsídios da Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro
Espectáculo do GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Alves, Suc., Rua Batalhoz.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

• RISO EM «ALTA FIDELIDADE»

teatro VARIEDADES

será na ESTREIA da super-revista

«... E O ZÉ FAZ TUDO!»

PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Poema de JOÃO NOBRE e AUGUSTO SANTOS TAVARES
Música dos maestros JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

onde brilham as «estrelas»
SALVADOR ★ FLORBELA ★ CARLOS COELHO
com a colaboração de — Pela 1.ª vez em revista
MARIEMA ★ MARIA DO CÉU GUERRA
VICTOR MENDES—CARLOS GONÇALVES—LUIS MASCARENHAS
E A ATRACÇÃO INTERNACIONAL
«DUO OURO NEGRO»

Dir. de ensaios: EUGÉNIO SALVADOR
Dir. de montagem: HERNANI e RUI MARTINS — Coreografia de PAULO JOSÉ — Figurinos e Dir. Guarda-roupa: MÁRIO ALBERTO e JUAN SOUTULHO

ADULTOS

INOCÊNCIA E INOCENTES

(Continuação da 4.ª página)

que Igrejas Caeiro espreita as pernas da mulher da limpeza para classificar esta peça ao lado de certas rábulas de revista do Parque Mayer); as funcionárias públicas, idem. Em Espanha as grandes empresas fazem falcatruas que os funcionários topam que é uma limpeza. Em Espanha os grandes empresários, os das falcatruas, são denunciados por tipos cheios de consciência, homens que são autênticos santos (embora aceitem cunhas de ministros comprometidos ou amem a arte de guerrear), e são castigados com... enfartes de miocárdios (aos quais se canta um hino!).

Depois de «*Tombo no Inferno*» (de Aquilino!), de «*A Relíquia*» (de Eça!), Igrejas Caeiro equivocou-se, não sei se involuntàriamente (3).

Igrejas Caeiro conseguiu um público para o seu teatro, obteve um grande êxito com o seu último espectáculo. Nada justifica, nenhuma circunstância justificaria, este excesso de reverência para com o teatro comercial, para com o deus-bilheteira, para com este teatro que, além de comercial, é também reaccionário. Acresce ainda que Igrejas Caeiro é subsidiado. Esses subsídios só se admitem se apoiarem uma actividade que defenda o Teatro, a Cultura, o Espectador. Um espectáculo como este representa valores negativos que nem estão, nem podem estar, ao serviço do Teatro, nem da Cultura, nem do Espectador.

Um texto destes dificilmente daria um espectáculo aceitável: deu um espectáculo execrável. Como criticar, todavia, actores que são chamados a interpretar personagens que não têm o mínimo de consistência ou de verdade? Igrejas Caeiro, no protagonista, embora esforçando-se (salvo quando se esquecia) por modificar uma voz demasiado marcada pela prática radiofónica, quase ficou sem voz, ajudando a afundar o que, aliás, não tinha salvação: o seu trabalho é um estenderete de clichés, de golpes para a plateia, de pleonasmos de expressão (aquele abanar de cabeça!) que nenhum actor digno desse nome pode usar. Das jovens intérpretes do coro, obrigadas a fazer aquela triste figura... que dizer?

CARLOS PORTO

(1) Igrejas Caeiro anuncia a estreia de uma outra peça espanhola: «**O Concerto de Santo Ovídio**», de Buero Vallejo. Valha-nos isso...

(2) Num texto cuja realidade é marcadamente espanhola (basta ouvir aquela triste diatribe contra a Inglaterra!) por que falar numa empresa portuguesa? Publicidade ou demagogia?

(3) Começo a ter dificuldade em acreditar quando leio uma coisa como esta: «**A Relíquia**» foi considerada o melhor espectáculo de todo o festival de Madrid (no programa)...

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«JOE... PROCURA UM SÍTIO PARA MORRER»

TÍTULO ORIGINAL — «Find a Place to Die».
REALIZAÇÃO — Anthony Ascott (Itália).
PRODUÇÃO — Hugo Fregonese (Eastmancolor e Widescreen).
MÚSICA — Gianni Ferrio.
INTÉRPRETES — Jeffrey Hunter, Pascale Petit, Giovanni Pallavicino, Daniela Giordano, Rezio Fazeli, Adolfo Lastretti, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Imperial Filmes.
ESTREIA — Cinema Olímpia (23-X-1970).

Mais um **western** italiano. Desta feita o cenário são ruínas e o intérprete principal é americano, para que o despiste do espectador seja maior. Mas não se iluda. Jeffrey Hunter só lá está para manter as aparências. A máscara cai logo que o écran se ilumina. «Joe... Procura um sítio para morrer», não tem onde cair... morto.

L. A.

TEATRO NO BARREIRO

BARREIRO, 26 — O Grupo Proscenium vem depois de amanhã a esça de Friedrich Dürrença de Friedrich Dürrenmatt «O processo da sombra de um burro», espectáculo que se integra nas comemorações do centenário da Sociedade União Democrática Barreirense (Franceses).

ESTREOU ONTEM no

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (a av. ROMA) TELEF. 717017

HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 HORAS

Sábados e domingos também às 16 horas — Maiores 17 anos

JOSÉ OSUNA dirigiu em cenário de OCTÁVIO CLÉRIGO

Elenco (por ordem de entrada em cena)

IGREJAS CAEIRO — HERMÍNIA TOJAL — COSTA FERREIRA — GILBERTO GONÇALVES — MANUELA MARIA — MÁRIO PEREIRA — FERNANDA MONTEMOR — VIRGÍLIO MARQUES — ADELAIDE JOÃO — MÁRIO SARGEDAS — RUY FURTADO

CORO DAS JOVENS CONTESTATÁRIAS

Adelaide Suzana — Armanda Taveira — Helena Cardinali — Lia Isabel — Lina Maree

Produção, tradução, assistência de encenação e direcção de ensaios de IGREJAS CAEIRO

THE KING OF WHISKIES

SANDEMAN SCOTCH WHISKY

PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

COLISEU

AMANHÃ

As 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDIOSO FESTIVAL MUNDIAL DE CIRCO

O PROGRAMA DAS NAÇÕES

Bilhetes à venda

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

3.ª SEMANA

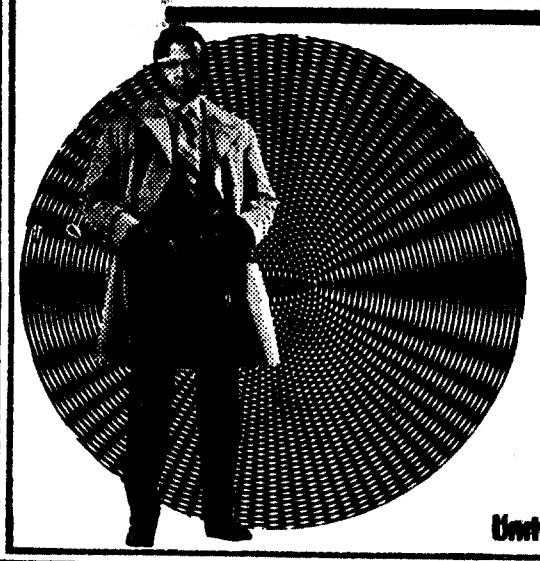
um filme de CARRA!

SIDNEY POITIER

MARTIN LANDAU

CHAMAM-ME... MISTER TIBBS!

"They Call Me MISTER Tibbs"



O INSPECTOR TIBBS EM ACÇÃO QUANDO A VIOLÊNCIA PAIRA NA CIDADE!

United Artists

ADULTOS

RANK FILMES

Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

RESTAURANTE TÍPICO

de MÁRCIA CONDESSA

SÁBADO DIA 28

festa de homenagem ao fadista portuense

ANTÓNIO REIS

com a participação de elevado número de conceituados artistas do FADO — DA RÁDIO — DO TEATRO pelo que se torna impossível publicar os seus nomes

PRAÇA DA ALEGRIA, 38 M/ de 17 anos

JOSÉ BOTAS

COMUNICA A TODOS OS SEUS CLIENTES
E AMIGOS QUE INAUGUROU
O SEU NOVO ESTABELECIMENTO

CINE OBJECTIVA

NA RUA BARATA SALGUEIRO, 28

ONDE AGUARDA O PRAZER DA SUA VISITA

OUTROS ESTABELECIMENTOS

CINE OBJECTIVA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 108

COLORFILME

RUA PASCOAL DE MELO, 135-A

FIUSKA — Fotografia e Cinema

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 17-A

PROCOLOR

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 105-4.º

LISBOA

VIDA MUSICAL

Concerto no Tivoli

Realiza-se amanhã no Tivoli, pelas 18 e 30 horas, o primeiro dos anunciados concertos do Círculo de Cultura Musical pelo categorizado «Ensemble Instrumental de France». O excelente agrupamento francês é constituído pelos seguintes artistas, todos primeiros prémios do Conservatório Nacional, de Paris: Jean-Pierre Wallez (violino solista); Jean Estournet, Christian Grenne, Nicolas Risler e Patrik Dias. Lormand (viola); Franky -Pelas (violinos); Christian Dariel (violoncelo); Sylvain Wiener (contrabaixo); e Martine Roche (cravo). O programa a apresentar compõe-se de: «Divertimento em fá menor», de Durante; «Concerto para quatro violinos», de Aubert; «Concerto para violino, em dó maior», de Haydn; «Cinco peças para cordas», de Hindemith, e «Sinfonia simples», de Benjamin Britten. O Ensemble Instrumental de France» apresenta-se também na série da noite para os sócios do Círculo com luga no Teatro Maria Matos, na segunda-feira, ás 21 e 45, com um programa inteiramente preenchido com obras de Vivaldi.

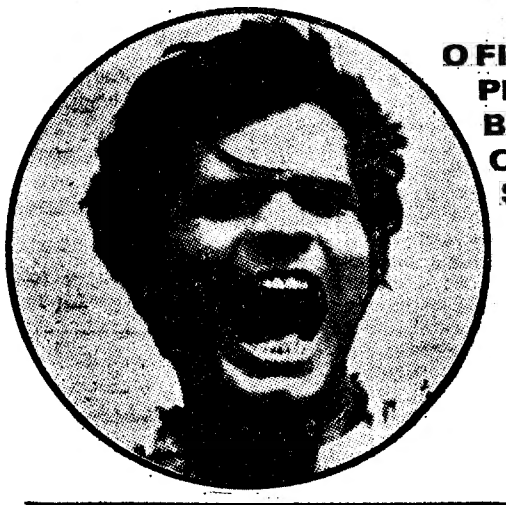
Tauromaquia

Alternativa de Óscar Rosmano

No próximo domingo, em Águas Calientes (México), Raul García dará a alternativa de «matador de toiros» ao português Óscar Rosmano, no decorrer de uma corrida em que ambém actuam o «rojoneador» Gastón Santos e Raul Contreras «Finito».

Dois «records» de cavaleiros

O cavaleiro José Samuel Lupi somou, na temporada finda, 71 exibições em Portugal, França e Espanha, cortando cento e trinta orelhas e ganhando numerosos troféus. E o seu colega José Mestre Batista cinquenta, no Continente português, devendo actuar, ainda, em Lourenço Marques nos dias 25 e 27 de Dezembro.



O FILME COM MAIS PRESTÍGIO DO CINEMA BRASILEIRO QUE TEM OBTIDO ESPECTACULAR SUCESSO EM TODA A PARTE DO MUNDO!

A COLUMBIA FILMES apresenta
TARCISIO MEIRA
ROSSANA GHESSA / IZABEL CHRISTINA

ADULTOS

A FÚRIA DO CANGACEIRO

QUELÉ DO PAJEÚ

Real. de
ANSELMO DUARTE · Eastmancolor

NA CAÇADA A UM ESTRANHO SEM FACE E SEM NOME, O ENCONTRO DUM AMOR ESCALDANTE E VIOLENTO!

HOJE, às 21.45
ESTREIA NO EDEN

Dois ídolos do público num filme do mais trepidante!

Johnny Hallyday
Eddie Constantine

FRANSCOPE EASTMANCOLOR

REALIZAÇÃO DE JOHN BERRY

MAIORES DE 13 ANOS

com ANNABELLA INCONTRERA • CATHERINE ALEGRET

MÚSICA E ACÇÃO NUM FILME 100 % MODERNO!

COM A APRESENTAÇÃO NO PALCO (ÀS 22.30) DO FAMOSO E MODERNO CONJUNTO
«EKOS»
ESTE CONJUNTO GRAVA PARA DISCOS ALVORADA

OS "HIPPIES" E OS "GANGSTERS"

HOJE, SURPREENDENTE ESTREIA no POLITEAMA

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

POR BEM FAZER, MAL HAVER. É SEMPRE ASSIM

Chamava-se Lily Wu aquela mulher do Vietnam que o capelão-capitão Lombardi do exército americano transportara á América para ser tratada de uma grave afecção nos canais biliares. A vinda de Lily faz parte de um plano, o qual é: há muitos doentes no Vietnam, cerca de 200, mas não querem ser transportados aos Estados Unidos porque temem pela competência médica dos americanos. O capelão joga na cura de Lily e no seu regresso á pátria, a fim de mostrar aos indígenas como se trabalha bem e como todos serão bem tratados no País da Liberdade.

O conflito nasce na hora em que Lily Wu se recusa a regressar ao Vietnam. Toda a sua família fora morta, toda a sua aldeia fora destruída. O seu maior desejo é permanecer nos Estados Unidos, tornar-se cidadã do Mundo Livre. Nas horas vagas, aprende o juramento que a tornará cidadã: «Juro obediência á bandeira dos Estados Unidos e juro que a defenderei... uma nação, sob Deus, indivisível...» Encosta-se ao ombro maternal de Joe Gannon e grita: «Não, não quero voltar!».

Ali, Lily Wu está em segurança e em paz. O médico, para melhor a convencer, aponta-lhe a rua através da janela: «Vê, aqui não há guerra nem inimigos de quem fugir.» Por isso ela quer ficar. Por isso ela não quer mais Vietnam.

Simplesmente, o capelão demonstra-lhe por *a* mais *b* que ela tem de ir, para dar o exemplo e para ajudar os seus irmãos vietnamitas a tratarem-se, a ser felizes, a tornarem-se igualmente cidadãos. Como Gannon declara, no hospital todos se interessam pelo bem do próximo, logo há que levar a usufruir desse bem o maior número de doentes do Vietnam, 200, segundo os cálculos do capelão. Lily Wu acaba por aceder, por renunciar à cidadania americana, embora fique, gostosamente, a colaborar com as forças americanas, e aceita regressar ao Vietnam se a operação correr bem.

Corre. Corre bem devido á grande sabedoria do Gannon e à colaboração do pastor Lombardi, que durante a operação «esteve em contacto com uma Autoridade mais Alta».

●

FAZER ALGUMA COISA QUANDO NÃO SE FAZ NADA

Inaugurou-se uma rubrica em TV Juvenil: «Tempos livres». São seus responsáveis Carlos Tudela e Santos Careto.

O seu objectivo: trazer até ao público juvenil a experiência de outros jovens no preenchimento dos tempos livres. A ideia parece com muito interesse e poderá mesmo ultrapassar os estreitos limites do tratamento magazinesco.

Tivemos exemplo disso logo no primeiro episódio, que nos transportou a uma empresa, a Fima-Lever (estão a ver, estão a ver, o «Diário de Lisboa» não se importa de fazer publicidade...) onde os empregados se empenham em levar á cena a peça em um acto de Alves Redol «Maria Emília». Viu-se como o preenchimento dos tempos livres pode ser qualquer coisa de diferente de uma ocupação passiva, de como *o não fazer nada* pode transformar-se em fazer-se alguma coisa de importante na construção da pessoa.

Os trechos da peça apresentados no decorrer da reportagem demonstraram uma frescura de representação, uma atenção ao texto, que o mesmo é dizer: à intenção do autor, um já saber ocupar o palco, que são belíssimos triunfos para outras iniciativas mais ambiciosas.

Humildemente, o ensaiador, Agostinho Rego da Silva, veio dizer-nos que não possui nenhuma formação teatral, que tudo ali está feito na base do seu amor pelo teatro, da sua intuição. A intuição e o amor ficaram bem patentes no decorrer da reportagem. O resto virá por acréscimo, virá na prática e no estudo. Ter na cabeça instalado um armazém de ideias secas ou molhadas, mal arrumadas, não resolve grande coisa, serve quando muito para botar umas falas mais ou menos eruditas ouvidas não se sabe onde.

Três intérpretes da peça depuseram sobre a sua experiência teatral: Luís Manuel de Almeida Barbosa, Helena Maria e João Rafael Assunção Ramos disseram-nos, com emoção, até que ponto o trabalho no palco aperfeiçoa a sua humanidade, até que ponto ele é importante como uma janela de súbito rasgada para a compreensão de muitos problemas e para a destruição da rotina, da alienação.

Assim, *TV Juvenil* deve ser eleita como a rubrica de maior interesse, de maior influência no público, da programação de ontem. Os funcionários da Fima-Lé-ver deram o exemplo a todos os seus camaradas por esse País fora: os tempos livres podem ser os tempos da liberdade, da consciência, da integração do homem no seu mundo.

●

FADO OU FILOSOFIA?

Não, não: de fados não falarei. Aconteceu tudo muito abaixo de ser nada. As vezes uma pessoa não gosta mas até se diverte, diz uma larachas e mesmo que no fim acabe com a habitual exclamação «meu Deus, que mundo este!» sempre até lá desopilámos, aliviámos o fígado de não se sabe que kafkaniana opressão. Quer Filipe Moreira, quer Odete Mendes fizeram tudo quanto puderam para serem esquecidos depressa: o primeiro, mui exclamativo e sentensioso, dedicou os seus dois fados á saudade, género: «quem nos martiriza? Quem nos escraviza? É a saudade...» E que para entender a saudade não vale ser grego, cubano, polaco ou francês: «o que é preciso é ser português...»

(Continua na 24.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: «Falua», programa infantil, por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do programa—Solistas ligeiros; 20 e 40: 3.º Episódio do Folhetim «Esplendor da Santidade» (Vida de S. João de Brito); 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades no estúdio; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 2.º acto da ópera «A Mulher sem sombra» (Strauss). Intérpretes principais: soprano, Leonie Rysanek; tenor, Hans Hopf; baixo-barítono, Paul Schäfler; soprano, Christel Goltz; Côro da Ópera de Viena; Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção de Karl Böhm; 17 e 30: Humoresque op. 20 (Schumann), piano, Claudio Arrau; 18: Música do século XX; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore Português — Música Regional de Trás-os-Montes, recolhida e seleccionada por Michel Giacometti e Lopes Graça; 19 e 40: O pianista Louis Kentner — Reminiscências de D. João (Mozart); 20: Sinal Horário — Diário Sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Música instrumental — Dia de Bodas em Tiroldhaugen (Grieg). Orquestra Sinfónica da Baviera, dirigida por Kurt Graunke; 20 e 30: Coros; 21: Parte de um concerto idealizado no auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa, e organizado pela Emissora Nacional. Colabora o Quarteto de Condas do Ponto, constituído por: Carlos Fontes, violino; Cunha e Silva, violino; José Luís Duarte, viola; Carlos Figueiredo, violoncelo; 21 e 19: O pianista Artur Rubinstein interpreta Chopin; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano, por Madalena Soveral Torres — 1.º prémio; 22 e 07: Quinteto de câmara; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,3 mc/s. — Às 23: Música de piano; 23 30: Semanas Internacionais de Música em Lucerna de 1970 (gravações cedidas pela Rádio Basileia); Parte de um concerto pela Orquestra da Suíça Italiana sob a direcção de Marc Andreae; 0 e 10: 13 rondós (Adam de Halle). Pró-Música Antiqua, sob a direcção de Safford Cape; 0 e 27: Duplo quarteto em mi menor op. 87 (Spohr), pelo Octeto de Viena; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Prefácio; 19 e 20: Contraste; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: A nossa música; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM, 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 02: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 30: Carrossel-3; 23: Noticiário; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Artistas portugueses; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados por Miguel Sanches e Teresa Tarouca; 21 e 45: O conjunto de Allan Price; 22: uando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónica de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Mini-Decoração; 14 e 20: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho. *2.º período* — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa — Física Moderna; 19 e 30: Telejrnal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil — Robin dos Bosques; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 35: Prtugal além da Europa; 21 e 5: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: Série do Oeste «Cimarron Strip»; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Um dia com... o tenente Pimenta da Gama; 22 e 30: Concerto, pela Sociedade Filarmónica de Pêro Pinheiro; 22 e 50: Série de aventuras «O Santo», e 23 e 35: Fecho.

Reacção da indústria europeia à lei de proteccionismo nos E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

lição o Mercado Comum faz depender importantes concessões negociadas no «Kennedy Round».

Em 19 do corrente, tal proposta de lei *«foi aprovada na Camara dos Representantes, devendo, agora, seguir para o Senado, onde será apreciada em principios de Dezembro».*

— A reacção dos parceiros comerciais dos Estados Unidos ás medidas proteccionistas em via de concretização não se fez esperar — disse o engº Carlos Alves — tendo vários países aludido a possíveis retaliações. (É de notar, aliás, que muitas vezes se têm feito ouvir nos próprios Estados Unidos contra a proposta de lei proteccionista, considerando-a prejudicial ao interesse norte-americano bem entendido).

Aludindo á declaração que publicamos a seguir, afirmou o presidente da A. I. P. que ela representa uma das mais significativas reacções á proposta de lei em questão que, se vier a ser aprovada, não sómente levará ao estabelecimento de quotas sobre a importação de calçado e de certas categorias de têxteis como irá autorizar o chefe do executivo a introduzir novas quotas em relação a produtos importados que representem pelo menos 15 % do mercado interno Trata-se de uma declaração subscrita conjuntamente pelas Associações e Federações Industriais do Mercado Comum e da E. F. T. A. (incluindo a Finlandia) Na passada terça-feira, esta declaração foi entregue aos embaixadores dos Estados Unidos da América nas respectivas capitais.

É do seguinte teor a declaração entregue aos jornalistas:

As Federações Industriais que representam as respectivas actividades na Comunidade Europeia e na E. F. T. A. não podem deixar de exprimir a sua profunda preocupação perante o conteúdo da legislação sobre comércio externo agora presente ao Congresso dos E. U. A.

No ano passado, as nossas nações em conjunto importaram mercadorias dos E. U. A. no valor de 10 190 milhões de dólares. O investimento directo americano nos nossos países, cujo valor é superior a 18 050 milhões de dólares, rendeu, em 1968, mais de 850 milhões de dólares de dividendos e juros, os quais foram repatriados para os seus titulares nos E. U. A.

Estas importações e investimentos proporcionam ás nossas indústrias o estímulo da concorrência e da nova tecnologia e beneficiam, em geral, as nossas economias através de uma melhor distribuição internacional dos recursos.

Mas os produtos têm de ser pagos e o capital remunerado, o que tem de se fazer, em grande parte, através das nossas receitas de exportação (9462 milhões de dólares provenientes dos E. U. A., em 1969).

Se o acesso ao mercado dos E. U. A. viesse a ser bloqueado relativamente a uma gama cada vez mais extensa dos nossos produtos, os nossos Governos seriam forçados a reagir perante as políticas restritivas dos E. U. A., entre outras razões pela incidência que tais políticas viriam a ter nas balanças de pagamentos.

Repugnar-nos-ia considerar tal actuação, a não ser que fôssemos postos perante a difícil opção de defender a retaliação junto dos nossos Governos ou apoiar o estabelecimento, internamente, de um permanente clima deflacionista.

É evidente que, nas políticas comerciais adoptadas em ambos os lados do Atlântico, há aspectos em relação aos quais cada parte podia legitimamente pôr objecções. Além disso, a nossa própria experiência não nos permite subestimar os efeitos nas empresas e na massa trabalhadora das alterações nas indústrias sujeitas á concorrência das importações.

Não pensamos, porém, que estes problemas possam ser resolvidos através de uma acção unilateral visando refrear as importações, sem o devido respeito pelas obrigações internacionais, ou num clima de recriminação mútua.

Existem, e demonstraram a sua utilidade, as instituições consultivas e a estrutura conciliatória em que estamos todos empenhados. Que elas sejam utilizadas e se não destrua o trabalho de vinte e cinco anos de liberalização do comércio, em que os E. U. A. desempenharam um tão relevante papel e de cujas vantagens beneficiaram ampla e justamente.

Empregamos deliberadamente estas últimas palavras, pois em termos gerais os direitos aduaneiros que incidem sobre os produtos manufacturados que entram nos E. U. A. não são, certamente, mais baixos do que os correspondentes direitos na Europa; e essa posição relativa irá permanecer quando os acordos do «Kennedy Round» entrarem em pleno vigor.

O que agora se requer á acção positiva no sentido de resolver os mais importantes problemas comerciais, bem como pensamento construtivo que permita encontrar soluções para os que agora surgem, tais como o dos obstáculos não pautais.

É do interesse de todos apoiar o movimento para um comércio mais livre através de equilibradas concessões mútuas

aa) *Franz Josef Mayer-Gunthof, presidente da Federação dos Industriais Austriacos; Carl Hill-Madsen, presidente da Federação das Indústias Dinamarquesas; Erik Tuomas-Kettunen, presidente da Federação das Industrias Finlandesas; Harold Thrane-Holst, presidente da Federação das Indútrias Norueguesas; Carlos Garcia Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa; Ingmar Eidem, presidente da Federação das Indústrias Suecas; Etienne Junod (União Suiça do Comércio e da Indústria); Fritz Berg, presidente da União das Indústrias da Comunidade Europeia; e John Partridge, presidente da Confederação da Indústria Britânica.*

ABERTURA DO ANO LECTIVO NA ACADEMIA MILITAR

Na sede da Academia Militar, em Gomes Freire, realiza-se, amanhã, ás 11 horas, a cerimonia de abertura do ano lectivo, á qual presidirá o Chefe do Estado e estarao presentes membros do Governo.

A guarda de honra ao Presidente da Republica será prestada por um batalhão de alunos com bandeira, guião, banda de musica e tantarra.

Na sessão solene, que se efectua no Ginásio, o comandante da Academia, general Amaro Romão, relatará as actividades do ano lectivo findo, proferindo depois a lição inaugural o dr. Rodrigo Martins Guerreiro Boto, professor catedrático da 16.ª cadeira, que versará o tema «A expansão dos fundos oceânicos».

No final, serão distribuídos os prémios de aptidão intelectual, aptidão física e de aprumo e apresentação militar, aos alunos que mais se distinguiram no ano lectivo de 1969-70.

O director de serviços da Direcção-Geral de Segurança José Sacchetti foi louvado

O «Diário do Governo», insere hoje uma portaria do ministro do Interior em que é louvado o director de serviços da Direcção-Geral de Segurança José Barreto Ferraz Sacchetti Malheiro, «que ora deixa o exercício das suas funções».

Diz ainda a portaria que ele «serviu durante cerca de vinte anos na Polícia Internacional e de Defesa do Estado e na Direcção-Geral de Segurança e que se revelou um funcionário de forte personalidade, actuando, em todas as circunstancias, com inteligência, lealdade, aprumo e inexcedível dedicação».

Por isso manda o Governo «pelo ministro do Interior, dar-lhe publico louvor pelos serviços prestados, que devem ser qualificados de relevantes».

Assina a portaria o próprio ministro do Interior, dr. António Gonçalves Rapazote.

VITAMINAS SINTÉTICAS E VITAMINAS NATURAIS

O alarme provocado pelas palavras do dr. Linus Pauling, Prémio Nobel da Paz em 1962, e prémio Nobel da Química em 1954 «os medicamentos não evitam os resfriados e podendo fazer diminuir os incómodos da constipação, podem também fazer mal por causa da sua toxicidade e dos seus efeitos secundários» soou como um alarme. Reportando-nos, porém, a assunto das vitaminas naturais, visto que é esse o ponto de partida para aquela afirmação, pode dizer-se que as vitaminas químicas, sintéticas, são obtidas pelo método da síntese. Por isso os físicos alimentares acreditam e recomendam que só as preparações de vitaminas naturais completas, com todos os seus nutrientes, conhecidos ou desconhecidos, devem ser usadas alimentarmente e até como terapêutica de manutenção. Consideram-nas sem perigo mesmo quando usadas a longo prazo. Talvez se encontre aqui, também, a explicação para o número invocado pelo conhecido e laureado cientista, dr. Linus Pauling do uso «de 300 miligramas de vitamina C, natural, diários, desde há cinco anos, sem nunca se ter constipado», quando a dose média diária estabelecida como normal, para uma pessoa não sujeita a agressões exteriores (frio, doenças infecciosas, etc.), seja apenas de 50 miligramas.

Quando o dr. Linus Pauling denuncia o erro, até agora seguido, de tomar o menos possível de vitamina C, pois ela não é uma droga, nem é tóxica está perfeitamente de acordo com tudo o que a investigação tem prova a respeito da grande diferença entre alimento e medicamento, entre vitaminas naturais e sintéticas obtidas químicamente em laboratório.

Quer isto dizer que os derivados de produtos químicos não poderão nunca comparar-se em «actividade» com os da natureza.

Os agentes da Lisnave tomam conhecimento da campanha de promoção de vendas para o próximo ano

Os Agentes da Lisnave nos principais mercados do shipping internacional encontram-se em Lisboa, a fim de participarem nas reuniões sobre promocão de vendas para 1971, a decorrer nas instalações do Estaleiro Sul, na Margueira.

A abertura das reuniões foi feita pelo Snr Eng.º Vasco de Mello, Administrador-Delegado, que realçou a importancia da acção dos Agentes estrangeiros no sucesso da campanha de marketing da Lisnave, no campo da reparação naval. Estavam presentes o Snr. Eng.º Nils Eckerbom, Administrador-Delegado Adjunto, e os Directores da Empresa.

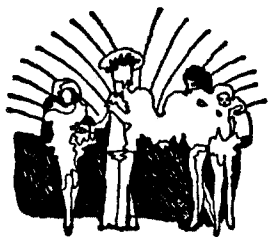
O encontro tem por objectivo esclarecer os Agentes sobre a orientação geral da campanha e definir detalhes em que a mesma val ser posta em prática particularmente relacionada com a expansão em curso e início de funcionamento da doca de um milhão de toneladas Deadweight.

Empresa em rápida expansão, a Lisnave evidencia estar consciente das persoectivas que se lhe proporcionam como Companhia nacional em permanente confronto com a concorrência internacional.

28.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 26 de Novembro de 1970



BOM APETITE

CASTANHEIRA
R. de Torre-Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

A COLMEIA
RESTAURANTE DIETETICO
E MACROBIÓTICA
(VIDA LONGA)
SELF-SERVICE
ENCERRADO AOS DOMINGOS
RUA DA EMENDA, 110-2.º
T. 370500 (AO CAMÕES)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA
CAFÉ INCONFUNDIVEL NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D
ABRE AS 7 HORAS

RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef 228244
LOCAL APRAZIVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

QUINTA DE
S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 5 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE
FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

A VIDA COMEÇA

AOS CINCO CANTINHOS

Um jardim só jardim. (Nem reformados). Apenas gente para um jogo aos cinco-cantinhos. Seis dentro da brincadeira e um de fora: eram sete. (Aritmética certa). Depois, uma exacta razão de companheirismo: nenhum dos garotos tinha mais de dez anos — nem menos de oito.

De repente, entre eles, o pânico. O caixa-de-óculos, de farda azul de contínuo de repartição pública, passou ali e parou. Ia sem pressa. (Dentro do seu tempo, pois claro). Aproximou-se, depois, lentamente.

Aí, cautelosamente, os rapazes começaram a tirar-se dos seus cantos, e lá foram segurando, á mão cheia, as pastas da escola. (Livros e cadernos; berlindes e lápis, dentro de caixas e a fazer barulho).

O sétimo — o mesmo que tinha ficado de fora dum jogo para seis, com cinco-cantinhos e um centro — mais depressa que os outros, ajeitou a sacola nas costas correadas.

O homem, então, atreveu-se a dar dois passos para o meio deles. (Era uma mágica). Mas, quando voltou a parar, pareceu de todo um sujeito normal. (A farda estava-lhe feita á medida dum casaco de quatro botões).

(O miúdo da boina pensou: «Vamos ver se é chui?». **O outro disse-lhe apenas nos olhos:** «Eh pá, tá calado». **Mas era tarde demais. O moço já tinha a mão estendida para reforçar a pergunta.)**

«O sô diz-me q'horas são?»

«Se faxavor» — **animou o mais pequeno a resposta, lembrando-se de mês-e-meio de catequese.**

O homem desfez o tamanho da manga até ao pulso, e, num gesto certeiro, mostrou o relógio. (Grande como as horas, mas complicado por um ponteiro de segundos a rodar aos pulinhos).

«Sabes ver as horas?». **(Comunicativo).**
«Sei, sim sôr. Ora, são quase... quatro»
«São três e quarenta-e-dois». **(Correcto).**
«Pois é. Inda não são quatro».

Nesta altura, já todos os pequenos estavam debruçados no mostrador do relógio do homem. (Era, no entanto, cedo demais para que a sua memória, conjuntamente, pulsásse). Em seguida, ele trouxe a mão á posição normal. Meteu-a toda no bolso das calças e desandou.

Então, o miúdo dos olhos curtos, meio a fechá-los, perguntou ao das botas: «Quanto tempo é que temos?

«Faz as contas» — **disse o outro.**
«Sei lá, pá. Só subtraindo».
«Quem de 60 tira 42...»
«É 18» — **disse o da sacola.**
«Então, soma lá: oito e dois; e vai um; e está certo».

O mais puto inclinou a cabeça, piscou o olho aos companheiros, e, á pressa, contestou:

«Deixa lá isso! Nós já faltámos, para que é preciso, agora, saber as horas?»

(Não era mais o tempo que contava. Mesmo assim tinham desfeito o jogo dos cinco-cantinhos).

TAVARES DA SILVA

CALHAMBEQUE BEAT CLUB

NOVA «BOITE» LISBOETA

EXACTAMENTE cinco anos depois da abertura do «Calhambeque-Club Minicar» foi inaugurado o «Calhambeque Beat-Club», acto sublinhado com a presença dos dr. César Moreira Baptista e eng.º Álvaro Roquete, secretário de Estado da Informação e Turismo e director-geral do Turismo, além de muitas outras individualidades. Nuno de Almeida e Paulo Alexandre proprietários daquelas «boites», fizeram as «honras da casa». O segundo assegurou que enfileirava no numero dos que procuram engrandecer o património turístico nacional.

Na «boite» podem escolher-se ambientes diferentes: decoração em estilo «belle époque», um tanto formal, com musica suave, ou a decoração modernissima, com um órgão de luzes, que permite os mais variados efeitos e actualizadíssima musica «beat».

O «Calhambeque» engloba ainda o «Beat Store», conjunto de lojinhas que compreendem: o «snack», pequenino restaurate e snack-bar; «Nuno's» tabacaria com jornais, revistas e muitas novidades: «Help», «boutique» para jovens de ambos os sexos: «Albertus Maximus», uma novidade em Lisboa, com artigos para a juventude, importados directamente de Londres e «Discoteca Zip-Zip», com as gravações desta etiqueta.

O «Calhambeque» passou, pois, a ser um complexo comercial de utilidade turística, planeado e decorado pelo arquitecto Marcelo de Morais e por Octávio Clérigo. Muita gente da Imprensa, Rádio e Televisão esteve presente na primeira noite da nova «boite» lisboeta. Esse convívio — segunda afirmou ainda Paulo Alexandre — é o maior estímulo para futuras realizações.

A CANÇONETISTA Maria José Valério estuda uma proposta para se deslocar a Angola e Moçambique, onde realizará uma série de espectáculos. Propõe-se também voltar ao Brasil, onde já actuou durante largos meses. A partida está prevista para Fevereiro do próximo ano.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00** ✲ **Beco do Espírito Santo, 1** ✲ **Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos** ✲ **Consumo mín. 90$00** ✲ **Beco dos Cortumes, 10** ✲ **Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Villar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58** ✲ **Tel. 367093** ✲ **Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

Aberta todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174** ✲ **Telef. 661915** ✲ **Consumo mínimo 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Fernando Silva e Carlos Duarte. Tocam: António Valentim e Francisco Gonçalves ✲ **Rua do Vigário, 60** ✲ **Telefone 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00** ✲ **Taxas incluídas** ✲ **Rua Nova da Trindade, 2|2-A** ✲ **Telef. 35007-323406** ✲ **Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.)** ✲ **Rua Gilberto Rola, 24** ✲ **Telefones 676655-67341**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Paia da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57** ✲ **Telef. 34006** ✲ **Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves ✲ **Cons. mín. 40$00** ✲ **Travessa da Espera, 8** ✲ **Telefone 35464** ✲ **Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16** ✲ **Tels. 362889-328503.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio ✲ **Cons. mín. 50$00** ✲ **R. das Taipas, 14** ✲ **Tel. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00** ✲ **Travessa dos Fiéis de Deus, 37** ✲ **Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Odete Mendes, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conj. Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00** ✲ **R. da Barroca, 133** ✲ **Telefs. 36960 e 30532** ✲ **Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00** ✲ **Rua das Trinas, 67** ✲ **Telef. 669857** ✲ **Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Tino Araújos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 70$00** ✲ **Rua do Norte, 91** ✲ **Telefs. 30095-328713** ✲ **Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossano Lima, João Cabra. Tocam: Edgar Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) ✲ **Encerra aos domingos** ✲ **Rua do Adiço, 9** ✲ **Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Martinho Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00** ✲ **Rua da Rosa, 219** ✲ **Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Techa, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo** ✲ **Cons. mín. 35$00. Largo do Peneireiro, 7 (Alfama)** ✲ **Telefone 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras** ✲ **Cons. mín. 40$00** ✲ **Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO)** ✲ **Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

JOCKEY-BAR

Rua Nova de S. Mamede, 52 ✲ **Telef. 654648** ✲ **Ar condicionado** ✲ **Aberto todos os dias das 18 e 30 ás 03 e 30.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ **Telef. 370889** ✲ **Poesia com Correia da Silva** ✲ **Encerra ás 3 e 30.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades Internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58** ✲ **Telef. 55366**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ **Avenida Duque de Loulé, 73** ✲ **Telef. 530171.**

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 ✲ **Campo Grande** ✲ **Telef. 770172** ✲ **Encerra ás 3.30.**

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro ✲ **SINTRA** ✲ **Telef. 981661.**
Encerra á meia-noite.
Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

ARCHOTE-CLUB

Discos ✲ **Rua D. Filipe de Vilhena**

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ **Telef. 367136** ✲ **Encerra ás 3 horas.**

TAGIDE

Variedades. Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22** ✲ **Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 ✲ **Telef. 33723.**

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117** ✲ **Matinées todos os dias** ✲ **Encerra aos domingos.**

ADAGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A** ✲ **Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades Internacionais ✲ **Telefs. 244521 - 264526-264596-264621-264946.**

FORTE VELHO

Paço ✲ **S. João do Estoril** ✲ **Telef. 261337.**

Dizem os leitores...

«Assaltos» às alunas da António Arroio

Do nosso leitor sr. Carlos Julio Camacho Rodrigues recebemos esta carta:

«A Escola de Artes Decorativas António Arroio tem um novo edifício, o que provocou satisfação geral. Satisfação para toda a gente, menos para um sector — os alunos. Passa-se que a localização da escola, na zona da Picheleira, obriga os alunos a atravessar de noite (pois há aulas a começarem ás 8 horas e a terminarem ás 19 horas) uma zona da cidade que não está devidamente vigiada e onde a civilização parece não ter ainda penetrado grandemente.

Indivíduos de tola a espécie e de formação bastante deficiente sujeitam as alunas aos seus «dichotes» que muito ficam a dever á boa educação, quando não tentam ir mais além. As raparigas, assustadas, são obrigadas a defender-se, utilizando qualquer objecto que tenham á mão e já várias inqualificáveis cenas de pancada tiveram lugar.

Um colega, que de uma das vezes tomou a defesa de algumas, afastando dois destes indivíduos, foi «esperado» á saída pelos mesmos e mais quatro que o deixaram em verdadeiro mau estado físico.

Por ultimo, e para abreviar este meu protesto, um grupo de rapazes, abeirando-se de um grupo de raparigas que abandonavam a escola á noite, e vendo goradas as suas intenções, perseguiu-as com paus e pedras, partindo a cabeça a uma delas.

Pergunto: para quando o fim destas manifestações medievais?. Não poderemos mandar tranquilamente as nossas filhas á escola?».

O ministro das Obras Públicas desloca-se a Estarreja em visita de trabalho

ESTARREJA, 26 — Em visita de trabalho, desloca-se no sábado a esta vila, o eng.º Rui Sanchos, ministro das Obras Publicas e Comunicações, acompanhado de técnicos do seu gbinete. Será recebido pelo governador civil do distrito de Aveiro, dr. Vale Guimarães; presidente da Camara Municipal; dr. Francisco de Oliveira Pinto; vice-presidente, António Marques de Oliveira e Silva; vereadores, director e técnicos da Urbanização.

Em sessão de trabalhos, nos Paços do Concelho, serão estudados os seguintes assuntos: localização do novo edifício do tribunal da comarca; reconstrução das estradas nacional e municipais que atravessam a sede do concelho e sofreram profundos estragos devido á abertura de valas para as redes de água e saneamento e cabos telefónicos (o encargo da reparação, bem urgente, pois aquelas artérias encontram-se em lamentável estado, é demasiado elevado para poder ser suportado exclusivamente pelo Município); localização e construção urgente das Escolas do Ciclo Preparatório e Técnico; e construção urgente do reservatório de águas em Santo Amaro, donde por declive, será abastecido o reservatório da Senhora do Monte, permitindo ainda o abastecimento a toda a freguesia de Beduido, que inclui a sede do concelho, e a parte da de Salreu. Durante a reunião serão, igualmente, analisadas a construção da variante de Estarreja da E. N. 109 e a continuação dos trabalhos de reconstrução e bermas no troço daquela rodovia compreendido entre Estarreja e Arouca e a comparticipação da J. A. E. para efeito de iluminação daquele troço; construção da casa do guarda junto da estação de tratamento de águas e saneamento; e o plano já do conhecimento daquele membro do Governo, da reconstrução de 26 estradas municipais (pretende-se iniciá-la já no próximo ano), a executar logo que o Ministério das Finanças autorize o empréstimo correspondente ao valor das comparticipações, cujo escalonamento está proposto para 6-7 anos.

Outro importante problema cuja solução é procurada pela Edilidade (de há um ano a esta parte bastante activa e procurando dinamizar o concelho, dotando-o das obras e benefícios que se impunham, para acompanhar os rumos do progresso, de acordo com os propósitos da presidência, vereação e chefe do distrito, e os anseios da população) e será, igualmente, debatido na reunião o problema das águas poluídas provenientes dos grandes complexos industriais aqui instalados (Amoníaco Português, Uniteca e Cires).

A visita do eng.º Rui Sanches é, pois, aguardada com a maior expectativa, esperando-se que resulte deveras benéfica para o progresso estarrejense.

INSTITUTO GULBENKIAN DE CIÊNCIA

Numa das salas da sede da Fundação Gulbenkian, realizou-se uma reunião do pessoal do Centro de Estudos de Economia Agrária daquela instituição, para estudo das suas actividades científicas, com vista à elaboração do plano de trabalhos do Centro referente ao ano de 1971.

Participaram na reunião, além dos srs. eng. Mário Pereira e eng. Manuel de Lencastre Bobone, respectivamente director e subdirector do Centro de Estudos de Economia Agrária, os srs. profs. eng.os Henrique de Barros e Castro Caldas, da Comissão Técnica e Orientadora, e todo o pessoal de investigação e assistentes.

COMECE O NATAL MAIS CEDO...

COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

Comece desde já ás suas compras com o cartão **SOTTOMAYOR.**
Este ano não deixe tudo para a última hora.
Este ano use o cartão **SOTTOMAYOR.**

Comece o Natal mais cedo e pague mais tarde as suas compras usando o cartão SOTTOMAYOR

Impacto

U.R.S.S.: TAMBÉM A MIDI VENCEU

DA grande tempestade num copo de água que assaltou o mundo ocidental — «maxi» contra «mini» — também não poupou a União Soviética. O vencedor, na batalha dos centímetros, é a «midi».

Pelo menos, foi essa a impressão com que se ficou após se ter assistido a uma passagem de modelos realizada recentemente pela principal agência soviética da especialidade. Além de uma selecção colorida e variada de vestuário feminino, a passagem de modelos incluía igualmente as novidades da moda masculina, previstas para a época de 1971-72.

Dentre cerca de 30 modelos femininos apresentados, as versões abaixo do joelho excediam largamente as versões acima ou ao nível do joelho.

Trata-se, efectivamente, de um meio termo. De acordo com Victor Yaglovsky, director da casa de modas, as bainhas devem situar-se entre 25 e 40 centímetros a contar do chão.

Todavia, a moda admite perfeitamente que o comprimento da saia dependa do gosto da sua possuidora. As revistas soviéticas de modas femininas têm insistido neste ponto junto das suas leitoras desde que começou a controvérsia, aconselhando-as efectivamente a procederem de acordo com as suas inclinações no aspecto da altura das saias.

Por HARRY TRIMBORN

As revistas da especialidade baseiam os seus argumentos numa palavra raramente ouvida no Ocidente quando se trata de questões de moda — «sensatez».

De facto, Yaglovsky quase se atreveu a usar ele próprio esta palavra, afirmando que o maior comprimento das saias era mais adequado ao frio do clima russo; contudo, apressou-se a assegurar aos jornalistas presentes que a «moda» e não a temperatura ditavam o comprimento das saias.

Todavia, o conceito de «sensatez» esconde-se por detrás da industria da moda soviética.

A desenhista-chefe Helga Maranik, da casa de modas de Tallinn (Estónia), declarou:

«A nossa divisa não são os excessos. As tentativas no sentido de vestir de acordo com os ditames das mais recentes revistas da moda conduzem frequentemente a resultados muito duvidosos. É sempre util caminhar-se um pouco atrás da moda, em vez de á frente dela.»

«Sensatez» — argumentam as revistas soviéticas de modas...

Alla Levashova, directora de um departamento da especialidade no ministério da industria ligeira afirmou por seu turno:

«Todos os exageros da moda se tornam absurdos e ridículos.»

Estes argumentos, por muito razoáveis que pareçam ao homem que paga as contas, podem ser apenas uma desculpa para que os armazéns soviéticos de vestuário consigam libertar-se do material obsoleto que ainda se encontra nas suas prateleiras.

Pode por outro lado, significar que os gerentes das fábricas de vestuário não estão dispostos a incomodar-se em levar a cabo as modificações necessárias para que a produção possa enveredar por novos caminhos. A sua tarefa não consiste em obter lucros, mas sim em proporcionar uma das três necessidades básicas.

Deste modo, os fabricantes soviéticos de vestuário não seguem o exemplo dos seus colegas ocidentais, os quais com alguns traços dos seus lápis de desenho, fazem com que determinada moda se torne obsoleta de um dia para o outro.

Tal atitude poderia significar que os estilos soviéticos mais recentes são apenas apropriados para usar nos «kolkholz» do campo.

Assim não acontece, de facto, a julgar pelo que nos foi dado observar recentemente na casa de modas. Os modelos apresentados eram tão coloridos, atraentes e estilizados como os que se vêem no Ocidente. Efectivamente, exceptuando alguns modelos baseados em motivos campesinos russos, todos eles podiam ter sido produzidos pela maioria das casas da especialidade ocidentais.

Foram mesmo apresentadas duas versões bastante ousadas. Uma consistia num modelo em veludo preto com calças brilhantes e uma blusa de gaze transparente que deixava ver as costas e parte do peito.

A outra, feita do mesmo material, era ainda mais ousada, pois revelava uma parte ainda maior do peito.

Os correspondentes ocidentais presentes consideraram ambos os modelos deliciosos. Mas o que pensariam os puritanos para além das muralhas do Kremlin? Permitiriam de facto que uma mulher russa os envergasse? Não, admitiu Yaglovsky.

«Apresentámos estes modelos apenas para produzir um pouco de animação, como uma fantasia. Duvido muito que os fabricantes concordassem em confeccionar estes modelos.»

Yaglovsky declarou que cerca de 20 por cento dos modelos apresentados nas passagens de modelos so-

(Continua na 12.ª página)

FESTEJOS ACADÉMICOS EM VIANA DO CASTELO

VIANA DO CASTELO, 26 — Com o patrocínio da Reitoria do Liceu Nacional e do seu Centro de Actividades Circum-Escolares vão aqui realizar-se, a partir do próximo sábado, as tradicionais Festas Académicas do Primeiro de Dezembro.

No programa estão incluídos os seguintes números: dia 28, ás 16 horas, cortejo pelas principais ruas da cidade; dia 29, ás 15, prova de perícia automóvel junto do Mercado Municipal; dia 30, ás 22, baile no salão nobre dos Bombeiros Voluntários; e 1 de Dezembro, festival desportivo no Estádio Dr. José de Matos (15 e 30) e sarau no Teatro Sá de Miranda (21 e 30).

A MIDI VENCEU A BATALHA

(Continuação da 11.ª página)

viéticos são rejeitados para a produção em massa. A decisão pertence a uma comissão de arte especial composta de gerentes de fábricas, desenhistas, artistas e outros especialistas.

Havia muito por que optar nesta passagem de modelos, a qual incluía tudo desde fatos de banho — excluindo bikinis — até aos casacos de peles. Foram apresentados fatos para homem, vestidos de saia e casaco e trajes de noite, alguns deles extremamente atraentes.

Os trajes de noite envergados pelos modelos — todos eles belos e elegantes como os do Ocidente — eram literalmente antiquados. Muitos eram no estilo «império» ou noutros estilos igualmente fora de moda. O trajo do dia-a-dia foi descrito como uma versão modernizada do estilo de 1930, a que não faltavam os chapéus moles e de abas largas.

Os modelos masculinos apresentados situavam-se cerca de 20 anos antes dessa data e teriam causado as delícias de um janota da época los czares.

Resta saber se os janotas soviéticos poderão alguma vez adquirir tais atavios. Yaglovsky admitiu que decorrerão alguns anos antes que este vestuário se encontre à venda nos armazéns. Nessa altura, é possível que esteja outra vez antiquado.

Todavia, os soviéticos acreditam que podem resolver este problema com um pouco de educação. Declarou Levashova:

«Vale a pena ensinar ás pessoas que é impossível alcançar todas as inovações da moda. É necessário ensinar as normas da estética na escola, até mesmo na escola infantil, para desenvolver o sentido da beleza sem o sentimento de inveja ou o desejo de açambarcar.»

Com uma filosofia semelhante, um fabricante de vestuário do Ocidente arriscava-se a abrir falência.

MINI — a moda do passado?

PUBLICIDADE

Novo
NCR CENTURY
na actividade seguradora

Além de especialistas em computadores, somos também técnicos de seguros.
Só assim temos a consciência de fornecermos aos nossos clientes EXACTAMENTE aquilo que eles necessitam.

NCR THE NATIONAL CASH REGISTER COMPANY OF PORTUGAL, orgulha-se de anunciar o fornecimento de mais um equipamento NCR CENTURY.

COMPANHIA DE SEGUROS
FIDELIDADE
Fundada em 1835

A FAMÍLIA DE COMPUTADORES DE TÉCNICA MAIS AVANÇADA

NCR CENTURY

Homenagem ao edil de Amarante

AMARANTE, 26 — Promovida pelo concelho, foi prestada homenagem ao sr. comendador José Gonçalves de Abreu, pela sua recondução no cargo de presidente do Município, onde tem desenvolvido, nestes ultimos quatro anos, obra valiosa para o progresso do concelho.

No decorrer do almoço, nos claustros do convento de São Gonçalo e no qual tomaram parte altas individualidades civis e militares do distrito do Porto, usaram da palavra, para se referirem á personalidade e as qualidades do homenageado, os srs. Soares da Costa, presidente da Junta de Freguesia de Bustelo, como componente da comissão executiva da homenagem; eng. Pedro Alvelos, em nome da vereação; dr. Babo de Magalhães, que fez o elogio do homenageado, o qual agradeceu e prometeu continuar a dedicar o seu melhor interesse ao concelho.

DIRIGENTES DO SINDICATO DO PESSOAL DE LANIFÍCIOS

PORTO, 26 — Reuniu-se a assembleia geral do Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Lanifícios do Distrito do Porto, a fim de eleger os corpos gerentes para o triénio de 1970/72.

Apresentada uma única lista, esta foi aprovada. É assim constituida:

Assembleia geral — Srs. Adriano Júlio Teixeira da Silva Cardoso, presidente; João Marques Vieira e Joaquim Montenegro Freitas.
Direcção — Srs. Albertino de Oliveira Sengo, presidente; Delfim José Alves Cardoso Mesquita, D. Júlia Barreiro Oliveira, Francisco de Jesus Vieira e Aurélio Moreira Pinto.

Construímos máquinas de fazer dinheiro

Nós construímos "máquinas de fazer dinheiro". Na Ford construímos veículos comerciais — em número tão grande que somos um dos primeiros da indústria.

Parece que temos aprendido bastante sobre este assunto. Como fazê-los 100% económicos e eficientes. E como fazê-los 100% rentáveis.

Porque se eles não fossem "máquinas de fazer dinheiro" para os seus proprietários, já há muito que não nos encontraríamos entre os primeiros.

A Ford constrói camiões de 3.500 a 15.000 Kg e veículos comerciais desde 1.200 até 2.750 Kgs de P. B.

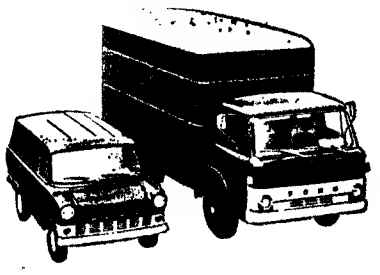
Considerem, por exemplo, a vasta gama de camiões da série **K** e **D.** Permitem ao comprador encontrar exactamente o modelo de que precisa.

Várias distâncias entre eixos e capacidades de carga. Adaptáveis a qualquer serviço. Cabinas avançada ou normal, basculante e fixa, mas sempre excepcionalmente confortáveis e luxuosas.

Ou considerem as famosas **Transit.** As únicas comerciais 100%.

Para carga ou passageiros, a gasolina ou Diesel, de roda simples ou dupla, as **Transit** são os veículos mais versáteis do mercado.

Não precisa de querer uma grande máquina de fazer dinheiro. Com Ford, basta querer fazer dinheiro.



Ford à frente

Ford

À sua disposição nos Concessionários Ford

CIESA-NOX ADAPT. CAM-1

PROBLEMAS DA MULHER DE HOJE

«Racionalização» do trabalho doméstico e efectivos femininos na produção

Enquanto em todo o mundo civilizado aumentam os efectivos que trabalham nos diferentes ramos de actividade económica, começam a aparecer entre nós, à semelhança do que se verifica em diversos países estrangeiros, certos centros que, velando cuidadosamente pela conservação da imagem tradicionalmente «feminina», se propõem valorizar o trabalho doméstico, «racionalizando-o». E assim, estes centros empreendem, num ritmo notável, cursos de formação profissional doméstica», destinados a donas de casa, procurando ajudá-las a realizar com eficiência e aproveitamento de tempo, o trabalho que a sua missão de mulher exige. O que naturalmente pomos em questão é a actualidade e o valor desta missão dita feminina...

Por HELENA NEVES

—*Pugnamos nos nossos cursos por uma valorização das tarefas domésticas. Nesse sentido orientamos as senhoras que os frequentam. Todas consideram o trabalho doméstico como uma profissão — diz-nos uma directora de um destes centros, com sede em Lisboa. Dá-se uma perspectiva de organização, administração e contabilização das despesas do lar. Enfim liberta-se a mulher dos aspectos negativos do trabalho doméstico dentro de uma orgânica de planeamento, tornando-o até atraente. Ministramos também os cursos de Organização Doméstica, Pequenos Socorros, Decoração Floral e Artes Decorativas, Relações Humanas na Família, Psicopedagogia Infantil, Convivência Social, Estilos, Trabalhos em Vidro, Tratamento de roupas e serviços. Os cursos têm a duração de um mês, ocupando, geralmente 1 hora e meia por semana. A mensalidade oscila entre os 180$00 e os 250$00. Pretende-se, portanto, uma formação feminina integral, que dignifique o papel da mulher. E não apenas como dona de casa mas também como esposa e como mãe.*

Claro que as senhoras que frequentam estes cursos pertencem «a uma classe média com preocupações intelectuais». Pois as das classes de menores rendimentos, quando sòmente domésticas não lhes sobra tempo para tais preocupações: subequipadas do ponto de vista de material auxiliar, os orçamentos exíguos não lhes possibilitam o luxo de terem empregada doméstica, nem os filhos em infantários. Estas apenas possuem o «curso da vida». A prática feita de experiência ganha no decorrer nunca fácil das tarefas do lar e das relações familiares que as faltas ensombrecem. As frequentadoras dos aludidos cursos não têm estes problemas. Uma vez inquiridas, soubemos que a maioria tem empregada doméstica. As restantes declararam contar com os serviços de uma mulher paga á hora e usufruirem de um equipamento doméstico que a média das mulheres portuguesas consideraria simplesmente invejável.

Opções

— *Agrada-lhes de tal modo o ambiente de que as rodeamos, que grande parte das senhoras que frequentam os cursos continuam ligadas a nós* — prossegue a directora do centro. *A ligação estabelece-se através da criação de clubes, que funcionam, semanalmente, mediante a propina módica de 50$00 mensais. Neste momento está a funcionar o Clube de Decoração.*

Entramos nas salas agradáveis onde conjuntos de senhoras trabalham e cavaqueiam. Lídia Santos frequenta o curso porque «acha divertido», outras senhoras porque «vieram trazidas por amigas». Donas de casa e esposas exemplares. Como modelo é-nos apresentada a sr.ª D. Adelaide Lisboa, mãe de sete filhos, que sentindo o vazio de anos encerrada em casa, resolveu frequentar também os ditos cursos. Uma empregada doméstica, equipamento doméstico completo e a circunstância de cinco dos seus filhos passarem o dia ocupados na escola, eis três factos que determinaram, naturalmente, esta opção!

Exemplo da mulher doméstica da classe média: fuga negativa à frustração quotidiana

Num discurso pronunciado em 21 de Outubro de 1945, Pio XII afirmava: «A dignidade da mulher reside na vocação de esposa e mãe. A negação actual desta dignidade é posta com a igualdade de direitos com o homem, a par com o esquecimento do fim proposto pelo Criador, com o abandono geral do lar, esquecimento e desprezo das ocupações domésticas e uma vida cada vez mais exterior... Restituir o mais possível a honra devida á missão da mulher e da mãe no seio do lar doméstico, eis a palavra de ordem que se eleva por toda a parte». Mas mesmo as mulheres que por força da sua formação ou mentalidade se situam no passado, sentem a vacuidade desta missão forjada por imperativos que nada têm de comum com a natureza dita «feminina». Como se não existisse uma única natureza humana, por essência produtora.

— *Durante anos, pensei que o casamento me realizava completamente como mulher: casa e filhos sem saídas sequer. Depois verifiquei que me sentia angustiada. Tinha estagnado. Precisava de um arranque de ordem intelectual. Daí o ter vindo para estes cursos. Aqui compreendi que o ser dona de casa não é um facto acidental mas uma profissão, com uma técnica própr norm sim a xam do m orient gadas labor sr.ª D*

Sim
E sint
sempr
classe
guesia
bém
a sua
angús
tal es
estas
do-as.

Tôm
dos, e
ou b
lar. P
vas
ção,
traba
tranh
das e
freque
contr

Na verdade, estas pertencem a homens que fizeram a História — Molière, Napoleão, Wagner... A última, a incompleta, não é ainda conhecida. Mas uma coisa é certa — A caneta é uma Parker 75. Quem a utiliza é alguém com personalidade e extremo bom gosto. Alguém que exige que a sua caneta seja macia, pessoal, com o peso exacto, isto é, uma peça única! Portanto, uma PARKER 75.

Modelos: Vermeil, Insignia, Silver e agora a nova 75: Place Vendôme

PARKER 75

PARKER

PRODUTOS DE THE PARKER PEN COMPANY,

fabricantes das canetas, esferográficas e lapiseiras mais desejadas do mundo.

Distribuidores exclusivos para Portugal: VIALGA Representações, S. A. R. L.
Rua Joaquim António de Aguiar, 45, 2.º-D. — Telef. 53 32 54 — Lisboa-1

PILULAS DE ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE
CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)
REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL E ULTRAMAR:
CREFAR
RUA DA MADALENA, 171-2.º
LISBOA

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

CRISTAIS
PORCELANAS
MÉNAGE
PRESENTES PARA A QUADRA DE NATAL
CASA DAS UTILIDADES
RUA IVENS, 54 — LISBOA

CHAPÉUS
PALMARES

O SEU "CHIC" E A SUA CATEGORIA SÃO INTRANSMISSÍVEIS!

AV. DA REPUBLICA, 14 Telef. 53 37 33
cial
CENTRO DE LÍNGUAS

Matando os ócios em prol do lar, do doce lar

própria, horário de trabalho, normas de eficiência, etc. Assim as tarefas domésticas deixam de ser amadorismo. Além do mais, é preciso sabermos orientar e ensinar as empregadas e todos aqueles que colaboram connosco-finaliza a sr.ª D. Adelaide Lisboa.

Sim a angústia é um facto. E sintoma corrente, de causas sempre iguais na mulher da classe média ou da alta burguesia. E infelizmente também é um facto generalizado a sua reacção negativa a esta angústia. Mas as causas de tal estado de coisas, justifica estas mulheres, ultrapassando-as.

Contradições

Têm rostos de seres realizados, enquanto as mãos pintam ou bordam objectos para o lar, para o doce lar... Passivas consumidoras, a produção, o que se constrói pelo trabalho, permanece-lhes estranho. Orientam as empregadas e, nos intervalos dos ócios, frequentam os cursos ou encontram-se nos clubes, onde criam ilusões de utilidade que lhes adormecem as frustações. Ausentes da participação económica Ausentes do mundo. Este mundo onde os efectivos felinos se vão somando na população activa: Nos Estados-Unidos, as mulheres constituem 36% do total dos trabalhadores; na Holanda, 50% das mulheres casadas exercem uma profissão; na Alemanha de Leste a percentagem de mulheres activas é de 42% na indústria, 46% na agricultura e de cerca de 70% no comércio e serviços; na Suíça os efectivos femininos eram de 31% em 1969 e na U. R. S. S. as mulheres representam 48% da mão-de-obra que se dedica á indústria, 60% nos serviços de administração e 58% do total de especialistas diplomados, o que perfaz, no total de elementos activos, 50%. E também entre nós, apesar do aparecimento destes cursos classificados de «formação profissional doméstica», a mulher começa a conquistar uma nova face: a face humana do ser produtivo

LUGARES COMUNS E IDEIAS CONVENCIONAIS

Ainda dos «Lugares Comuns e Ideias Convencionais» do escritor brasileiro Fernando Sabino, eis hoje algumas profissões:

ADVOGADO — Esperteza. — Ignorância. — Mal sabem redigir uma petição.

BACHAREL — No Brasil toda a gente é.

COSTUREIRA — Nunca entregam o vestido no dia marcado. Ficam com metade da fazenda para elas.

CRIADA — Não se encontra uma boa hoje em dia, só trazendo-as da província. Mas acostumam-se e ficam logo piores do que as outras. — Todas têm algum defeito. — Muito carinho com as crianças e isto é o principal.

DIPLOMATA — Bela carreira, viajar. Perdão, um diplomata não viaja, é viajado. Ser mandado de um momento para outro a lugar distante. — Mas ganha-se bem. — Maneiras de diplomata.

ENFERMEIRA — Namoram os médicos.

ENGENHEIRO — Pontos. — O progresso da nação.

LAVRADOR — Abastado.

MARINHEIRO — Jovem de olhar nostálgico que caminha gingando e tem uma amada em cada porto.

MÉDICO — São todos iguais. — O melhor médico da gente é a gente mesmo. — Letra indecifrável. — Querem é receitar. — «Actualmente tenho um muito bom».

PADRE — Quem estudou em colégio de padres, aprendeu a conhecê-los. — Há padres bons e maus, assim como há médicos bons e maus, o que nada prova contra a medicina.

PALHAÇO — É sempre um homem triste. — Lembram a nossa infância.

POLÍTICO — São todos iguais. — Prometem mas não cumprem. Enriquecem á custa dos cofres públicos. — Ainda assim há os PROBOS e os IMPOLUTOS.

PRELADO — Sempre virtuoso.

VARREDOR — Uma profissão tão digna como qualquer outra.

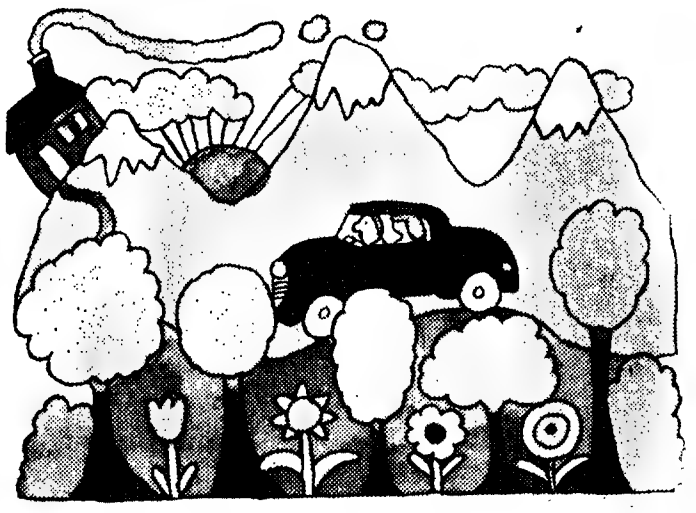
RASTREIOS DE TUBERCULOSE ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Os Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, por intermédio do seu Dispensário Antituberculoso e com a colaboração técnica do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, estão a realizar rastreios da tuberculose pulmonar e das doenças cardiovasculares entre os estudantes universitários de Lisboa. Esses rastreios efectuam-se na sede daqueles Serviços, na Av.ª Julio Dinis, 29, todos os dias uteis, entre as 9 e as 12 e 30, com o seguinte calendário: hoje, alunos da Faculdade de Direito, da letra F, a João Madeira U; dia 24, de João Madeira V, a José L.; dia 25, de João M. a Manuel F:; dia 26, de Manuel G. a Maria M.; e dia 27, de Maria N. a Z.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
Fundada em 1875
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

B2
Onde quer que vá vai melhor com Hertz



Para cada situação há um carro Hertz

Se tem um carro utilitário e quer mudar para um carro de turismo no fim-de-semana; se precisa de mais carros, de um momento para o outro; ou se subitamente, o seu carro não anda, a Hertz tem sempre o carro que lhe convém. Além disso, todos os nossos carros são novos e verificados em 19 pontos capitais, antes de os entregarmos aos nossos clientes.
Para cada situação a Hertz tem sempre um Ford ou outro magnífico automóvel à sua disposição.

Contacte connosco em Lisboa (telef. 328247), Porto (telef. 33455), Faro (telef. 23537) ou em qualquer das nossas delegações: Estoril, Penina, Alvor, Lagos, Portimão, Monte-Gordo, Ofir, Coimbra, Viana do Castelo, Funchal e em todos os aeroportos, ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

A TARIFA DO ANO
mais quilómetros com menos dinheiro
Hertz-747

Hertz
vai melhor com Hertz

na IMPÉRIO
o seu seguro automóvel é também um seguro à sua medida. Talhado para o proteger em todas as curvas, em todas as circunstâncias.

Porquê?

Porque o Seguro **Império é** feito para si,
para o seu caso **particular. À sua medida.**
E é feito para **o proteger. A si e à** sua família.
Como condutor **e chefe de** família,
a medida da sua **responsabilidade** aumenta
em cada dia, **em cada hora,**
em cada curva da **estrada ...**
Em cada curva **da vida.**
A Império deseja, **com este** novo Seguro,
aumentar a sua protecção
e a segurança que Você representa para os seus.

seguro do condutor ✤ chefe de família

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Rua Garrett, 62 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 720, r/c. - Porto
Rua da Sofia, 92, 1.º - Coimbra

PENTA-CSI-2-70

OFERTA GRÁTIS DE INFORMAÇÃO
Queiram informar-me acerca da melhor maneira não só de SEGURAR O MEU AUTOMÓVEL, MAS TAMBÉM A MINHA FAMÍLIA E EU PRÓPRIO, COM O SEGURO DO CONDUTOR - CHEFE DE FAMÍLIA.

Nome ---------- Telef. ----------
Rua ----------
Local ----------
Já é Segurado em Automóvel da Império? SIM NÃO

Rua Garrett, 62 - Lisboa

2-70

DEBATE PARA UM CONCEITO DE ASSISTÊNCIA (1)

Não deve confundir-se ASSISTÊNCIA com caridade e amor ao próximo

• Depoimentos do prof. Melo de Carvalho e do dr. Cayolla da Mota

Prof. Melo de Carvalho: Definir uma «política social»

O recente Seminário de Planeamento no Domínio do Bem Estar Social permitiu um amplo e frutuoso debate acerca do conceito de Assistência. Participaram no referido encontro técnicos de diversos departamentos, o que tornou ainda mais aberta e valiosa a discussão do tema.

No intuito de trazer a construtiva polémica para o grande público, pusemos duas questões a diversas personalidades presentes. Respondem hoje o prof. Melo de Carvalho, da Direcção Geral da Assistência, e o dr. Cayolla da Mota, da Direcção-Geral de Saúde.

Pergutamos:

1 — Como podemos inserir a Assistência no contexto do planeamento social?

2 — Que pensa deste Seminário?

PROF. MELO DE CARVALHO: «Racionalização de tarefas»

1 — Pensamos não ser possível dar uma resposta adequada ao problema, se não partirmos um pouco mais detrás. Sem que seja definida uma «política social» que integre coerentemente todos os elementos que intervêm no «campo social» como formas concretas de acção capazes de assegurar o verdadeiro progresso do País, garantindo o desaparecimento gradual das desigualdades sociais fundamentais e permitindo a todos os cidadãos o acesso a condições de vida consideradas como mínimas no

DR. CAYOLLA DA MATA

contexto social, não nos parece que se possa pensar em termos de integração da «assistência» no planeamento social.

Como se sabe, a noção de planeamento social tem, necessàriamente, de ser perspectivada na via do desenvolvimento, entendido não na linha do simples crescimento económico, mas considerado como uma operação complexa com um objectivo social de largo alcance que recobre toda a comunidade. A sua característica principal será a de procurar a integração global de todo o processo que deve ser planeado e executado, partindo do princípio de que todos os elementos, quer sociais, quer económicos, são totalmente interdependentes.

Os últimos decénios mostraram, através da experiência de vários países, que não existe contradição ou verdadeira oposição entre o progresso social e o progresso económico. Todas as acções de investimento no domínio não especificamente económico, mostraram a sua rentabilidade a longo prazo, tendo contribuido de forma clara e eficaz, para o aperfeiçoamento do sistema social. Se nos esquecermos dos programas sociais, no planeamento global do desenvolvimento, é quase certo que surgirá, inevitàvelmente, um certo tipo de desenvolvimento que beneficiará exclusivamente certos estratos minoritários da população em detrimento dos estratos mais largos.

AMBIGUIDADE

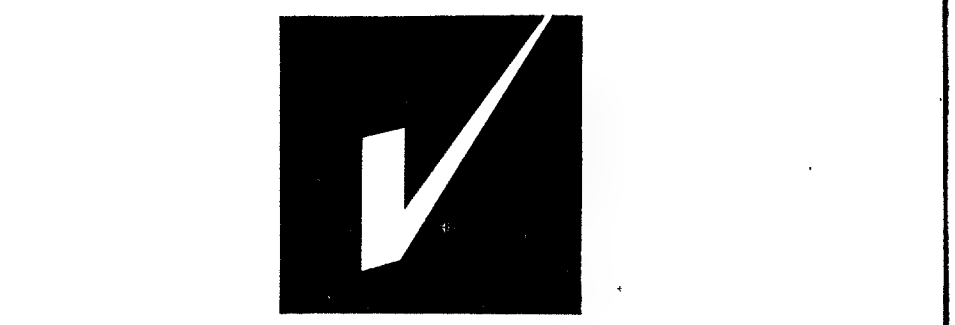
Mas para que tal integração da «assistência» no planeamento para o desenvolvimento seja possível, é indispensável que aquela resolva uma ambiguidade de base que contamina constantemente, todas as acções que realiza. De facto, no nosso País, o termo «assistência» tão depressa se refere á acção benevolente deixada á iniciativa particular, baseando-se no conceito de caridade e de «amor ao próximo», como designa a acção intencional do Estado que procura responder a um direito do cidadão, ainda que esta intervenção seja considerada como suplectiva, como se sabe. O termo «asslistência» reveste-se, por isso, de uma funda ambiguidade, na medida em que não há uma clara delimitação daquelas duas acções que constantemente colidem do que resulta o desordenamento das acções e a descoordenação dos serviços.

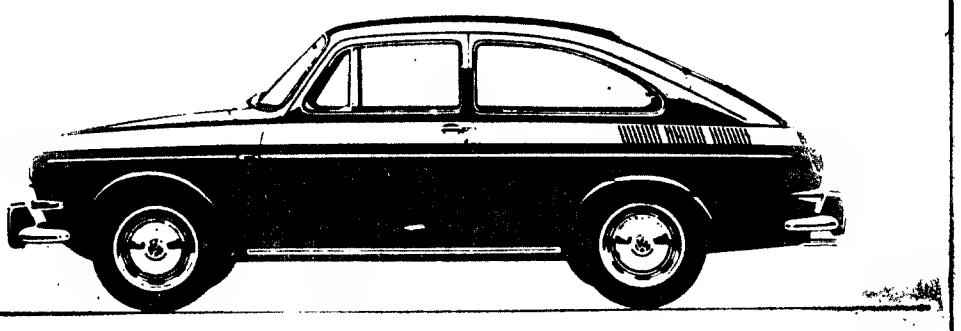
Contràriamente a uma opinião muito corrente que define para a «assistência» uma posição puramente subsidiária e residual, pensamos que para ela é indispensável reservar um lugar de grande importância na «política social» a que nos referimos. Tal é não só aconselhado pelas circunstâncias actuais do nosso País. Tanto quanto podemos saber, nenhum país poude, até agora, prescindir da «assistência», mesmo naqueles casos em que a segurança social está mais desenvolvida, na medida em que há sempre grupos marginais que por esta não são abrangidos. Contudo, parece-nos indispensável elaborar um novo conceito que defina para a «assistência» um autêntico estatuto de «serviço público» que determine, sem ambiguidade, a intervenção do Estado no sentido de resolver as necessidades básicas, seja qual for o ponto em que estas se

(Continua na 19.ª página)

CARROS USADOS VOLKSWAGEN COM GARANTIA

Todas as qualidades de um NOVO... com o preço de um USADO!





VENDEM-SE COM FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
Av. Antonio Augusto de Aguiar, 30-A — Telefs. 366751/7-370171/5

Oferecemos-lhe o „Saber Como"
aumentar a produtividade na metalo-mecânica

Ao Serviço Informativo ENG.º GUSTAVO CUDELL
Apartado, 248 - Porto
Queiram enviar-me literatura sobre:
marcar X no que interessa
- ○ Máq. Kaltenbach
- ○ Ferramentas eléct. Fein
- ○ Abrasivos Rhodius
- ○ Máq. de polir inox

REPRESENTAMOS EM EXCLUSIVO

FEIN	(Alemanha)
RHODIUS	(Alemanha)
KALTENBACH	(Alemanha)
NIBRU	(Suíça)
FINOMAG	(Holanda)
REISHAUER	(Suíça)

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO - MÁQUINAS FERRAMENTAS

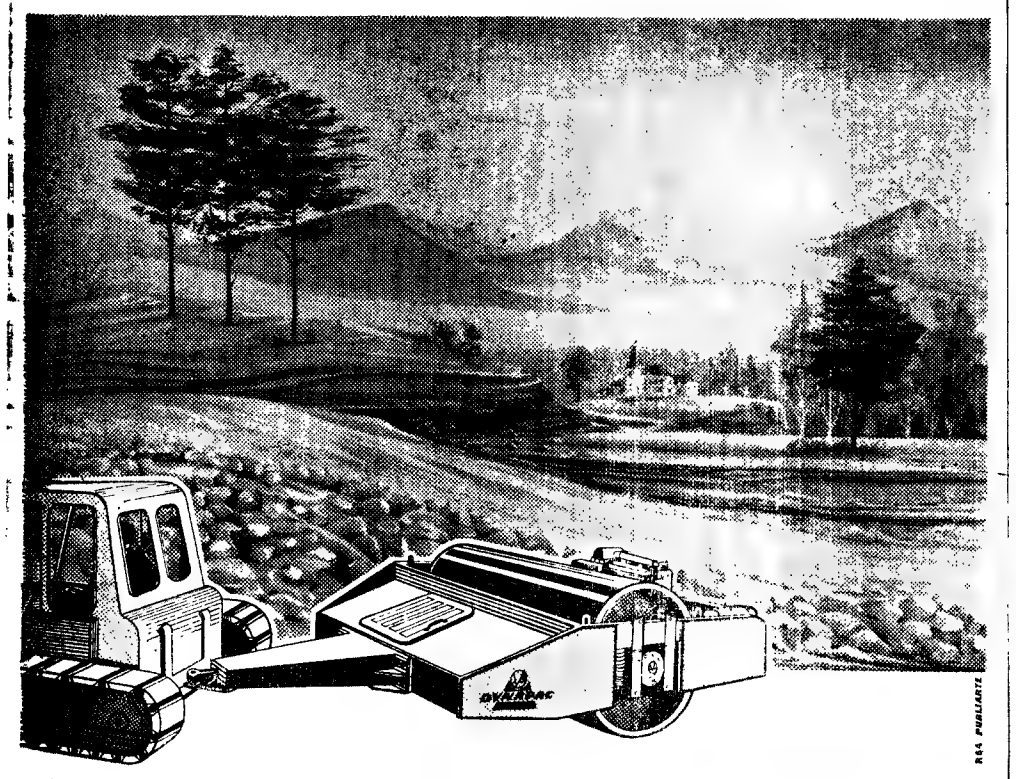
ENG.º GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●

PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723

LISBOA 1 - Rua Passos Manuel, 69-A
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

COMO RESOLVER ESTE PROBLEMA?

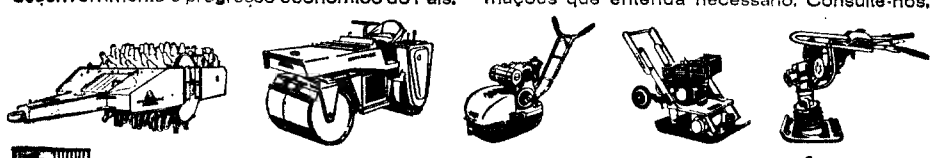


VIBRO-VERKEN

a solução está agora no **ALUGUER!**

Para resolver este problema de compactação e muitos outros, tem a VIBRO-VERKEN compactadores por vibração, modelo DYNAPAC CH/CF agora em regime de ALUGUER.
De norte a sul do País VIBRO-VERKEN, uma frota completa de máquinas vibradoras de compactação desde placas compactadoras até cilindros rebocados e auto-propulsionados), cooperando com todos os empreiteiros e entidades oficiais, na renovação industrial, com vista a uma rápida melhoria do desenvolvimento e progresso económico do País.

ROLIM COMERCIAL, um gabinete técnico devidamente apetrechado, a disposição de qualquer empreiteiro para o estudo dos seus particulares problemas de compactação. Caso seja do interesse dos nossos clientes, o nosso contrato de ALUGUER prevê a opção de compra de qualquer máquina VIBRO-VERKEN, dentro do período inicial, sendo considerado como amortização os pagamentos do correspondente ALUGUER. ROLIM COMERCIAL, assistência técnica garantida. Peça todos os detalhes e informações que entenda necessário. Consulte-nos.



ROLIM COMERCIAL, S.A.R.L.
MÁQUINAS - MOTORES - FERROS - AÇOS - EQUIPAMENTO INDUSTRIAL - PRODUTOS QUÍMICOS
LISBOA-2 - Largo Vitorino Damásio, 3 - Tel. 668173 — PORTO - Rua Eng. Esequiel de Campos, 116 (à via rápida)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais
BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra prorrogado até dia 13 de Dezembro de 1970, o concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa, devendo os interessados dirigirem-se à Secretaria do mesmo Batalhão, sita na Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Lisboa e Paços do Concelho, 18 de Novembro de 1970.

O Vice-Presidente,
SEGISMUNDO DO CARMO
DA CÂMARA DE SALDANHA

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Setúbal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, no referido concelho, de uma linha aérea a 30 kV, com 5099 metros de comprimento, incluindo um troço já existente com 3474 metros, entre o posto de seccionamento 30-22 e a Subestação 60-1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Novembro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

EM CASCAIS
LOTES PARA MORADIAS OU BUNGALOWS

Nas mais progressivas zonas de Cascais.
Preços desde: 70 contos

Proprietário: **J. BARAONA**
«Edifício Cascais»
Av. Valbom, 28 - 1.º — Telef.: 282345
CASCAIS

Grand "Old Parr"
REAL ANTIQUE & RARE OLD SCOTCH WHISKY
AGENTES CASA SIMÕES
LARGO DO CHIADO, 17 - LISBOA

SNR. AUTOMOBILISTA

GANHE DINHEIRO! POUPANDO O SEU AUTOMÓVEL! DEFENDA-O DOS INVERNOS! MANDANDO APLICAR NO CHASSIS E NA CHAPARIA INTERIOR A CAMADA PROTECTORA «PLASTICOAT»

Protecção total garantida por 6 anos
Não precisa mais parafinar nem pintar
Anti-ferrugem, anti-ruídos ———— Aumenta a vedação
CAMPANHA INVERNO de 1/11 a 1/4/71
Marque já a sua entrada
Preços: 650$00 — 550$00 — 450$00

COTAL — Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
ESPECIALIZADOS HÁ 25 ANOS

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ESTAÇÕES DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) E LISBOA (REGO)
AVISO
AOS SRS. EXPEDIDORES

A fim de se facilitarem, durante a quadra do Natal, a recepção e a expedição de remessas nas estações de LISBOA (SANTA APOLÓNIA) e LISBOA (REGO) e de se evitarem as aglomerações que é costume verificarem-se todos os anos durante aquela quadra, os despachos de remessas de detalhe de e com destino àquelas estações sofrerão algumas restrições, pelo que se aconselha aos Srs. expedidores a consulta, no seu próprio interesse, do aviso que se encontra afixado nas estações.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido. Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Para um conceito de assistência

(Continuação da 17.ª página)

possam fazer sentir, evitando que fique ao sabor da simples iniciativa particular a resolução de problemas básicos da comunidade que necessitam de meios e técnicas de que nem sempre ela dispõe.

Se designarmos por «Assistência Pública» este novo conceito veremos que as acções beneficentes particulares não desaparecerão, mas serão mais claramente delimitadas e ao Estado caberá a tarefa de montar um serviço público que, usando técnicas e métodos próprios e sendo dotado dos meios indispensáveis, procurará responder a um direito do cidadão.

INTEGRAÇÃO

Daqui ressalta imediatamente que esta acção deve ser planificada de modo a evitar a sobreposição de acções e o desperdício improdutivo de estruturas, permitindo a detecção das reais necessidades do País nesta matéria e a elaboração das linhas de acção capazes de lhes fazer frente com eficácia.

Esta planificação deverá ter, portanto, um duplo sentido: por um lado deverá procurar dar coerência interna ás acções assistenciais, através da avaliação lúcida das necessidades e do potencial de recursos disponíveis, por outro lado, deve integrar-se directamente no planeamento geral para o desenvolvimento do País.

Só esta integração e aquela racionalização de tarefas, tornará possível a pesquisa das respostas para problemas básicos do planeamento social.

— Quais os objectivos de ordem social que, em função de determinada região, constituem condição necessária para o desenvolvimento?

— Qual o tipo de acções integradas (públicas e/ou particulares) que são mais rentáveis para determinada região poder progredir socialmente?

— Em que medida a criação de serviços sociais deve antecipar ou preparar as transformações desejadas na linha do desenvolvimento?

— Qual a tendência evolutiva, do ponto de vista social, de uma determinada região, tendo como ponto de partida a sua situação actual?

— Tendo em conta este ponto de partida, quais os objectivos a longo e médio prazos que determinam acções capazes de inflectir a tendência actual da evolução, no sentido mais conveniente?

É claro que esta perspectiva pressupõe, como é natural, a criação de novas estruturas que, de uma forma sintética, devem centrar os seus esforços sobretudo:

— Em procurar realizar uma coordenação das actividades que recobrem tipos de intervenção comuns ou afins, e em fazer convergir harmónicamente, todas as acções para um objectivo comum: o do desenvolvimento de uma determinada região.

— Em introduzir a noção de evolução, elaborando estruturas que possuam real capacidade em controlar e orientar os acontecimentos, através da sua flexibilidade, mobilidade, previsão geral, etc.

— Em definir as acções colectivas a integrar numa perspectiva comum de modo a que se encontre resposta, simultâneamente, para as necessidades de carácter individual e colectivo.

RACIONALIZAÇÃO

2 — Considero este seminário como um dos acontecimentos mais importantes em que me foi dado participar na D. G. A. O Gabinete de Estudos Sociais iniciou, através dele, um tipo de acção que me parece poder ser de importância decisiva para a racionalização do trabalho dos serviços e para a sensibilização dos técnicos na linha do planeamento.

Penso ser absolutamente indispensável que este tipo de iniciativas continue e isto por duas razões fundamentais:

— em 1.º lugar, porque através do testemunho de técnicos estrangeiros com a competência do prof. Levy, é possível pôr em confronto dois tipos de realidades e daí extrair valiosos elementos para o nosso trabalho;

— em seguida, porque se é possível ver com clareza as dificuldades técnicas do planeamento, também ressalta como de importância fundamental a necessidade de realizar um profundo esforço de racionalização das tarefas que os serviços estão realizando.

DR. CAYOLLA DA MOTA:

«Opções segundo as possibilidades»

1 — A assistência, no sentido corrente do termo, como sector de administração publica, encontra-se entre nós distribuida por mais do que um Ministério, mas é no da Saúde e Assistência que as suas tradições são mais antigas e os seus propósitos talvez mais precisos. Neste contexto, os seus objectivos devem ser estudados e as suas tarefas planeadas, na medida do possível, para no conjunto com outros grandes sectores sociais da Administração — saúde e ensino — se procurarem definir mais claramente as finalidades, estabelecer as metas a atingir no decurso de períodos de tempo bem determinados e se fazerem oportunamente as opções que as nossas necessidades imponham e que as possibilidades, em pessoas e meios, nos permitam com vista a conseguir um maior e progressivo bem-estar social da população portuguesa.

DISCUSSÃO

2 — Penso que foi muito oportuna a decisão do Gabinete de Estudos da D. G. Assistência em promover este seminário e em conseguir a orientação e participação do prof. Émile Levy, técnico consagrado do planeamento no sector da vida social, em França, e professor universitário ilustre. A exposição da sua autoria, exprimiu profundamente as necessidades e as vantagens — e também as dificuldades — das técnicas de planeamento racional das umerosas tarefas a enfrentar no campo da saúde, do ensino e da acção social. A possibilidade de uma larga e franca discussão, aberta a todos os participantes, valorizou extraordinàriamente os benefícios decorrentes das exposições feitas no decurso deste seminário.

ora diga-nos...

— Festeja o seu aniversário?

Até aos trinta, todos, ou quase todos, festejam o dia do seu aniversário...

● *Respondeu a jovem Maria Dulce Marques Nogueira Gonçalves, desenhadora cartográfica:*

— Sim, todos os anos. Há sempre uma festa especial.

— Vai trabalhar nesse dia?

— Não vou.

● *O José Manuel Travassinha, bibliotecário, informou:*

— Geralmente, a família reune-se numa festazinha.

— Costuma receber presentes?

— Normalmente, sim.

● *Por último, disse-nos o desenhador cartográfico José Luís Almeida Rodrigues:*

— Todos os anos. Quando há mais dinheiro, vai-se passear, quando não há, faz-se uma festazinha intima. É da praxe receber presentes todos os anos.

— Veste roupa nova?

— Tenho que estrear qualquer coisa. Dizem que até é bom.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

RAPIDAMENTE, sim, porque tempo é dinheiro. Para todos e para si em especial. E, como sabe, os negócios não podem esperar. Acerte a sua hora pela hora da TAP. Na Europa, em qualquer dos destinos directos,* a TAP oferece-lhe ligações rápidas para outras cidades, de modo a facultar-lhe um itinerário prático na sua viagem de negócios e ainda — além do conforto e comodidade — todas as atenções, todos aqueles pequenos nadas que fazem do nosso serviço de bordo um motivo de orgulho que não escondemos.

através do mundo
em boa companhia

MARCA 70

* MADRID, PARIS, LONDRES, BRUXELAS, FRANCKFURT, GENEVE, DUSSELDORF, ZURICH, AMSTERDAM, COPENHAGUE

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

ABAT-JOURS ORLY

UMA ORGANIZAÇÃO A SUA DISPOSIÇÃO PARA QUALQUER TIPO DE ENCOMENDA E QUANTIDADE
FORNECIMENTOS PARA TODO O PAIS
E ESTRANGEIRO
Fábrica e Escritório:
Av. Defensores de Chaves, 65-A—LISBOA—Tel. 76 36 18

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Novembro de 1940 publicava:

«A inauguração do «Círculo Eça de Queiroz» veio animar Lisboa. É um novo pórtico literário que se abre sob a égide dum cavaqueador fino e espiritual que, mesmo quando não escrevia, sabia traçar, nas finas colunas do seu cigarro, um maravilhoso romance de família e de ironia.

«A fundação do «Círculo Eça de Queiroz», que é de iniciativa puramente particular, nada tendo, portanto, com qualquer organismo oficial, vem consagrar uma figura que, embora diferentemente disputada, bem merece esta chama enternecida da vida intelectual.»

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

ALCATIFAS
TECIDOS — TUFADAS
FLOCADAS — AGULHADAS — PLÁSTICAS
TAPEÇARIAS
NÓLÃ
AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

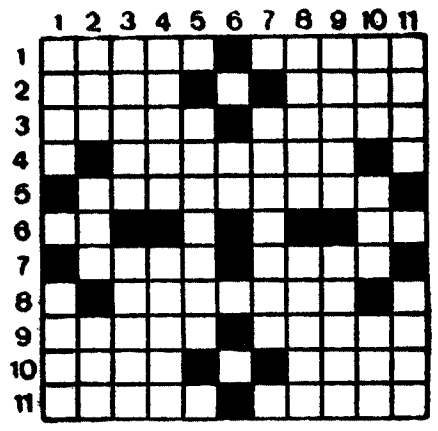
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5728

HORIZONTAIS: 1 — Aperfeiçoo. Estimara. 2 — Covil. Aquela que depois de morta foi rainha. 3 — Poisa no mar (o avião). Freguesia do concelho de Guimarães. 4 — Sombrios. 5 — Comeríamos á ceia. 6 — Caminhar. Preposição. 7 — Azáfama. Rio da China. 8 — Género de mamíferos carnívoros, também chamados raposas pratea das. Contracção da preposição a e artigo definido a. 9 — No lado posterior. Aparelhos para pesca. 10 — Remam para trás. Quadro. 11 — Género de plantas liliáceas, da África tropical e da América. Adicionar.

VERTICAIS: 1 — Prendem. Caçada. 2 — Preposição. Istmo montanhoso que liga a Indochina á península de Malaca. Sinal ortográfico. 3 — Respeite. Pessoa curiosa ou de nariz afilado (fig.). 4 — Entrada de um porto. Fio de latão. 5 — Elegantes. 6 — Nota musical. 7 — Freguesia do concelho de Vila Nova de Barquinha. 8 — Olham atentamente. Defunto. 9 — Velho. Antigamente. 10 — Rente. Ente. Pronome pessoal. 11 — Pegas. Guarnecer de asas.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5727

HORIZONTAIS: 1 — MMMCC. Caim. 2 — Mamat. ANO. 3 — Rã. Selos. Dr. 4 — Ani. Somália. 5 — SECO. Regias. 6 — Alapa. Mas. 7 — Arábi. Se. 8 — Anais. Mas. 9 — Os. ANO. Aam. 10 — Meara. Apear. 11 — Escamada. DE.

VERTICAIS: 1 — Brasa. FOME. 2 — Anela. Sés. 3 — MM. Içara. AC. 4 — Más. Opinara. 5 — Crês. Abanam. 6 — Calor. Alio. 7 — Tomem. Ad. 8 — Sagas. Apa. 9 — Aa. Lis. Mãe. 10 — India. Damas. 11 — Morasses. Re.

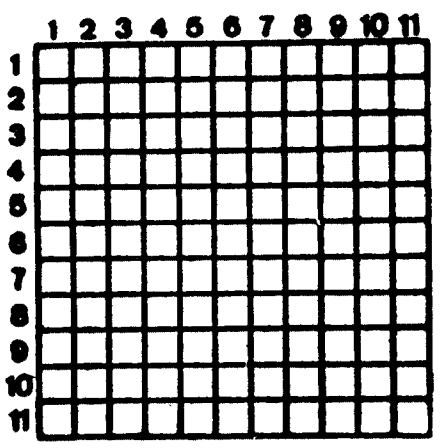
Provérbio: ANO SECO, ANO DE FOME.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9571

HORIZONTAIS: 1 — Pertences. Antiga cidade de Monte Albano (Itália). Em a. 2 — Cidade do Brasil. Representar por gestos. 3 — Nome de homem. Encolerizada. 4 — Permanecer. Espécie de turquês de madeira, usada pelos penteeiros (pl.). 5 — Satélite de Júpiter. Pequenos barcos de recreio. Abreviatura de Santíssima. 6 — Post scriptum. Campeão. 7 — Cobalto (s. q.). Cabelos brancos. Interjeição de dor. 8 — Colocado. Cidade do Estado do Pará. 9 — Érbio (s. q.). O mais. Nota musical. Mil e cinco em romano. 10 — Tombara. Combinai. 11 — Gorgulhos tropicais. Naipe das cartas de jogar.

VERTICAIS: 1 — Nome da ilha de Egina. Comete pecados. 2 — Grande saia. O mesmo que alcorão. 3 — Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. Colocou. Carminar. 4 — Campo ou horta de favas (pl.). Rio de Itália. 5 — Cidade de Espanha. Ónes. 7 — Falsifique. Freguesia do concelho e distrito da Horta. (Açores). 8 — Elegante. Divindade bramânica, deusa do Inferno. 9 — Doença. Transpiro. Comparecen. 10 — Flutuas. Mano. 11 — Lavrasse. Vila e concelho do distrito de Portalegre.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9570

HORIZONTAIS: 1 — Arrependido. 2 — Teima. Aires. 3 — Rotar. Troas. 4 — Ala. Ais. 5 — Co. An. 6 — Ais. Tem. Coa. 7 — Aero. Avós. 8 — Nas. Tas. 9 — Fatia. Artur. 10 — Iria. Rama. 11 — Morra. Casão.

VERTICAIS: 1 — Atraca. Afim. 2 — Rea. Oiã. Aro. 3 — Rita. Sentir. 4 — Emaia. Raiar. 5 — Pará. Tosa. 6 — Pé. 7 — Nata. Mata. 8 — Dinia. Varra. 9 — Inós. Costas. 10 — Dea. Aos. Uma. 11 — Assina. Grão.

EDITAL

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE

FARO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «SANEAMENTO DE ARMAÇÃO DE PERA — ESGOTOS DOMÉSTICOS»

Faz-se público que, no dia 18 de Dezembro de 1970, pelas 15 horas, no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, localizado na Rua Rebelo da Silva, n.º 69-1.º, se procederá à abertura das propostas para a arrematação da empreitada acima referida.

A base de licitação é de Esc.: 5.187.751$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, o depósito provisório de 129.694$00, mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes segundo modelo que figura no processo do concurso;

b) Que o concorrente esteja inscrito como empreiteiro de obras públicas na 4.ª subcategoria da 5.ª categoria e na 2.ª classe, subclasse B, ou na 5.ª categoria e na 2.ª classe, e subclasse B, ou superior, estabelecida pelo regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956.

O depósito definitivo será de 5 % do valor da adjudicação.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio sob registo ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, por forma a serem recebidas até às 17.30 horas, do dia anterior ao da abertura das propostas e devem ser acompanhadas dos demais documentos legalmente exigidos.

As condições e mais elementos para esta empreitada encontram-se patentes no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve e na Direcção dos Serviços de Salubridade da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização (Rua Conde do Redondo, 8 — Lisboa) todos os dias úteis, durante as horas do expediente.

Faro e Comissão Regional de Turismo do Algarve, em 23 de Novembro de 1970.

O PRESIDENTE

a) **José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo**

O ADMINISTRADOR-DELEGADO,

a) **João Luís Olias Maldonado**

ALGARVE/OUTONO
PASSE O PRÓXIMO FIM DE SEMANA EM ALBUFEIRA
INSTALE-SE NO
HOTEL BALTUM
— Situado no centro da vila
— Todos os quartos com banho, aquecimento e telefone
— Administração e direcção portuguesas
— Modicidade de preços. Casal (Pensão completa 277$50 + taxas)
— Faça as suas reservas pelos telef. 306/307 — Albufeira — Apartado 22

FUTEBOL

JOGO VITÓRIA DE SETÚBAL-BENFICA

A empresa de Camionagem «JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, Lda.», assegura o transporte nas suas carreiras entre CACILHAS - SETÚBAL, com partidas de 15 em 15 minutos, destas duas localidades.

Também está assegurado o transporte com partidas de LISBOA (Alcântara-C. C. N.), ás 7,30; 7,50; 8,30; 8,45 e 13,00 horas.

Igualmente há uma partida de LISBOA da Av. 5 de Outubro, 54-C, ás 8,00 horas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo VII — Concurso para fornecimento de especialidades farmacêuticas, durante o ano de 1971.

Até ás 17,30 horas, do dia 10 do próximo mês de Dezembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13,30, as condições para o fornecimento em referência.

Lisboa, em 25 de Novembro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

Projecto de Lei de Imprensa apresentado (por dois deputados) à Assembleia Nacional

Os deputados Sá Carneiro (Porto) e Pinto Balsemão (Guarda) subscrevem o projecto de Lei de Imprensa ontem apresentado na Mesa da Assembleia Nacional, após aprovação das Comissões parlamentares competentes.

O importante documento que a seguir reproduzimos na íntegra, baixou à Câmara Corporativa para apreciação. Estava redigido desde 22 de Abril, altura em que os seus autores declararam publicamente a sua intenção de o apresentar.

ARTIGO 1.º

1. A liberdade de expressão do pensamento pela Imprensa será exercida sem subordinação a qualquer forma de censura administrativa, autorização, caução ou habilitação prévia, nos termos da presente lei e com os únicos limites decorrentes dos seus preceitos e daqueles que a Lei Geral impõe aos actos das pessoas, em ordem a impedir a perversão da opinião pública, na sua função de força social e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos.

2. O direito de livre expressão do pensamento pela Imprensa inclui a liberdade de obtenção e divulgação de informações.

3. Entende-se por Imprensa todas as reproduções impressas, aptas a serem difundidas, que serão designadas por publicações, com excepções dos impressos correntemente utilizados nas relações sociais.

ARTIGO 2.º

A Imprensa exerce função de carácter público, por virtude da qual não poderá recusar, em assuntos de interesse nacional, a inserção de notas oficiosas que lhe sejam enviadas pelo Governo.

ARTIGO 3.º

1. Não serão criadas categorias especiais de crimes para punição dos actos exercidos por meio de Imprensa, mas este exercício será sempre considerado como circunstância agravante.

2. A responsabilidade criminal será exigida ao autor do escrito, nos termos da lei geral; será tido como autor quem exercer as funções de director da publicação no caso de o escrito não ser assinado.

3. A punição, investigação, instrução e julgamento dos actos delituosos cometidos por meio da Imprensa será feita nos termos da lei geral; o julgamento, que é da competência exclusiva dos tribunais ordinários de jurisdição comum, terá prioridade sobre o de todos os demais processos.

4. No caso de difamação é sempre obrigatória a prova da verdade dos factos imputados.

5. Os crimes cometidos por meio da Imprensa contra autoridades públicas consideram-se sempre praticados na presença delas.

ARTIGO 4.º

A responsabilidade civil será exigível nos termos do n.º 2 do artigo anterior, mas as empresas proprietárias, editoras e noticiosas serão sempre solidàriamente responsáveis pela reparação do dano.

ARTIGO 5.º

As empresas proprietárias, editoras e noticiosas poderão ser aplicadas sanções nos termos desta lei, delas não sendo passiveis as tipografias em que tenha sido impresso o escrito incriminado, nem quaisquer entidades que intervenham na sua difusão.

ARTIGO 6.º

Só o tribunal competente para o julgamento do crime cometido através da Imprensa pode ordenar a apreensão da publicação que contenha o escrito incriminado e determinar as medidas que julgar adequadas para obstar á sua difusão, como preliminar ou incidente do respectivo processo, nos termos da lei geral que o regule.

ARTIGO 7.º

1. As publicações podem ser periódicas ou unitárias.

2. Consideram-se publicações periódicas as que se realizem em série contínua sem limite definido de duração, sob o mesmo título, abrangendo período de tempo determinado, com conteúdo predominantemente informativo ou de opinião.

3. As publicações unitárias são aquelas que têm conteúdo normalmente homogéneo e são editadas na totalidade de uma só vez, ou em volumes ou fascículos.

ARTIGO 8.º

1. As publicações unitárias conterão a menção do autor, do editor e do estabelecimento em que foram impressas.

2. As publicações periódicas conterão na primeira página e em todos os números, a indicação do período de tempo a que respeitam, os nomes do director e o do proprietário, a indicação da localização da administração, da redacção, das oficinas e do estabelecimento em que são impressas.

3. Não poderão circular, nem serem expostas, vendidas ou de qualquer modo difundidas as publicações a que falte qualquer destas menções.

ARTIGO 9.º

1. Qualquer pessoa ou autoridade que tenha sido nomeada ou designada em periódico tem o direito de exigir que este publique uma resposta, enviada ao director em carta registada com aviso de recepção, que será inserta num dos dois números seguintes se se tratar de diário e em número próximo se se tratar de periódico não diário, de modo a que entre a recepção da resposta e a sua publicação não decorra mais do que o dobro do intervalo de publicação do periódico.

2. O conteúdo da resposta será limitado pelo seu fim, não podendo a sua extensão exceder vinte linhas a uma coluna ou a do escrito respondido, se for superior, nem conter expressões desprimorosas ou que envolvam responsabilidade civil ou criminal, que, neste caso, só ao autor da resposta poderão ser exigidas.

3. A publicaçdo será feita gratuitamente, no mesmo local e com os mesmos carácteres do escrito que a tiver provocado, sem quaisquer comentários, de uma só vez, sem interpolações nem interrupções.

4. O direito de resposta deverá ser exercido dentro do mês seguinte á publicação do escrito que o provoque, podendo o director recusar a publicação da resposta quando ela for contrária ao disposto no n.º 2, mediante carta registada com aviso de recepção expedida nos dois dias seguintes á recepção da resposta.

5. No caso de o direito de resposta não ter sido satisfeito ou de haver sido infundadamente recusado, poderá o interessado recorrer a juizo, sendo nesse caso o periódico obrigado a publicar no mesmo número, e nos prazos fixados no n.º 1 contados da data da decisão do tribunal, o teor desta e a resposta.

6. Independentemente da responsabilidade civil a que houver lugar, o director do periódico que não acatar a decisão do tribunal que ordene a publicação da resposta responderá pelo crime de desobediência qualificada

7. Requerida a notificação judicial do director do periódico que não tenha dado satisfação ao direito de resposta, será o mesmo notificado por via postal para contestar no prazo de dois dias, após o que será proferida em igual prazo a decisão, da qual não há recurso; só será admitida prova documental, sendo todos os documentos juntos com o requerimento inicial e com a contestação.

ARTIGO 10.º

1. É livre a fundação de empresas jornalísticas, editoras e noticiosas com vista á elaboração, edição e difusão de quaisquer publicações e notícias sem subordinação a autorização, caução, habilitação prévia ou outras condições que não sejam as constantes desta lei.

2. Só as pessoas que possuam nacionalidade portuguesa, residam em Portugal e se encontrem no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos poderão fundar e fazer publicar quaisquer periódicos.

3. A publicação de periódicos far-se-á sempre por conta dos seus proprietários, sen-

(Continua na 24.ª página)

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Noventa e seis deputados estavam ontem presentes na abertura da segunda sessão da X Legislatura da Assembleia Nacional. Reencontro a um tempo festivo e fúnebre. A denominada «Assembleia Nova» começava um novo ano de actividade parlamentar, um ano decisivo, com uma sessão que porá à prova as suas funções especiais, pois sendo por direito próprio constituinte, irá decidir das alterações à Constituição. Pelo menos das que o Governo irá propor. E, provàvelmente, das que alguns deputados vierem a apresentar. Funções extraordinárias, responsabilidades redobradas.*

★ Reencontro festivo de uma Assembleia assaz diminuída. Por isso reunião que assumiria, desde logo, um tom solene e grave. Recordação dos deputados mortos no desastre da Guiné. Homenagem à memória dos que ali pereceram: Pinto Bull, Leonardo Coimbra, Vicente de Abreu e Pinto Leite. Reencontro fúnebre. Evocação dos mortos «imolados no altar da Pátria» — como diria o deputado Cotta Dias.

★ *Aberta a sessão, o presidente, eng.º Amaral Neto, começou por anunciar que, nos termos legais, o deputado Giestetra de Almeida havia apresentado o pedido de renúncia. E que tinha na mesa a proposta do Governo da chamada «Lei de Meios» para 1971, e um projecto de «Lei de Imprensa» subscrito pelos deputados Sá Carneiro e Pinto Balsemão, já com parecer favorável das respectivas comissões. Ia ser enviado à Câmara Corporativa.*

★ O presidente abriu a série de discursos do período antes da ordem do dia aludindo a «tristes acontecimentos». E acrescentou: «Do falecimento do Presidente Salazar, na evocação que vem a propósito dos seus altíssimos serviços ao País, espero que nos ocupemos amanhã com adequado destaque. Porque nos feriu na própria substância da Assembleia, e aliás se antecipou na ordem do tempo, cabe, porém, dedicar este primeiro momento do nosso reencontro a uma palavra de respeito e saudade pelos deputados James Pinto Bull, José Pedro Pinto Leite, José Vicente Abreu e Leonardo Coimbra, desaparecidos na província da Guiné...»

★ *Assim se fez. Nesse sentido falaram, da tribuna, os deputados Almeida Cotta, Sá Carneiro, Lopes Frazão, Almeida Garrett e Cotta Dias. Disse o «leader»: «Ao prestarmos aos nossos colegas, mortos ao serviço da Pátria, a nossa mais sentida homenagem, penso ser grato à sua memória e ao legado que nos deixaram, aliarmos às suas as nossas preces, pedindo a Deus que, ao recebê-los em Seu selo, nos conceda a graça da paz e da reconciliação da grande Família Portuguesa.»*

★ O deputado Sá Carneiro evocou, com particular desenvolvimento, a desaparecida figura de Pinto Leite, «figura simpática e combativa, animada de uma veia política rara de encontrar, que o levava a não desesperar do combate. Por tudo isso ele tinha à sua frente largos anos de actividade, na vasta obra de reformas a empreender». E a propósito: «Muito se falou da novidade desta Assembleia, na realidade profundamente renovada na sua composição. Mais do que mudança das pessoas, era em especial a introdução de representantes de correntes de pensamento diferente que se louvava ou combatia, era desse pluralismo político que muito se esperava ou tudo se receava.»

★ *Voltando a Pinto Leite, recordou a sua actuação como deputado, «as resistências que encontrou, os entusiasmos que suscitou, os resultados que conseguiu. A política que ele aqui notàvelmente defendeu no seguimento da sua campanha eleitoral, foi uma política de verdade, uma política de progresso, uma política do concreto. Foi-o na definição inicial da sua própria posição* — não me trazem aqui intenções de celebrar um passado recente ao qual, em muitos pontos não adiro — *inteiramente coerente com as orientações que anteriormente expressara, assumindo a responsabilidade de pùblicamente manifestar as suas divergências.»*

★ Coube ao deputado Almeida Garrett fazer o especial elogio de Leonardo Coimbra, acentuando a certa altura: «A sua notabilíssima obra de protecção à criança socialmente em dificuldades, de promoção da sua defesa contra a crueldade e o abandono, e da sua readaptação quando "interiormente empobrecida" e incapaz, por isso, de "se adaptar por si própria ás duras exigências" da vida — essa notabilíssima obra já constitui hoje um marco inapagável da passagem pela terra nortenha da personalidade verdadeiramente apostólica de Leonardo Coimbra Filho.»

★ *Terminadas as palavras «de respeito e saudade», entrou-se na ordem do dia, para eleição da mesa, com excepção do presidente, eleito para toda a legislatura. Houve só uma lista, cuja votação se traduziu pela reeleição da mesa anterior. O único significado desta eleição poderá residir no número de votos obtidos. Assim, o dr. Melo e Castro foi eleito 1.º vice-presidente, por 81 votos; o almirante Reboredo e Silva, 2.º vice-presidente, por 107, e o dr. Almeida Garrett, 3.º vice-presidente, por 106 votos. Secretários: drs. Serras Pereira (108 votos) e Mota Amaral (84 votos).*

★ Nos «Passos Perdidos» encontramos o dr. Sá Carneiro, a quem perguntámos se o envio do projecto de «Lei de Imprensa» à Câmara Corporativa, com parecer favorável das comissões parlamentares, significava que não seria já apresentada a proposta anunciada pelo «leader» na sessão anterior.

— *Julgo que não. Significa apenas que o nosso projecto de lei vai ser discutido.*

Não percebemos muito bem como isso poderia ser. Mas, de certo, a exposição que o Presidente do Conselho vai fazer brevemente à Assembleia, para justificar as anunciadas propostas legislativas e alterações à Constituição, aclarará totalmente aquele ponto.

MANUEL DE AZEVEDO

SETE DEPUTADOS EVOCARAM SALAZAR

Com sete deputados inscritos para usar da palavra, evocando o prof. Oliveira Salazar, antigo Chefe do Governo, falecido em Setembro último, prosseguiram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional.

Além do presidente, eng.º Amaral Neto, falaram os deputados João Manuel Alves (Viseu), Casal-Ribeiro (Lisboa), Themudo Barata (Timor), Ávila de Azevedo (Angra do Heroísmo), Ribeiro Veloso (Moçambique), Montanha Pinto (Angola) e o «leader», Almeida Cotta (Viseu).

Citando, amiúde, o prof. Marcello Caetano, o deputado Casal-Ribeiro traçou o elogio do antigo Presidente do Conselho.

«Como podem, com efeito, os demasiadamente impacientes ou os excessivamente jovens e inexperientes, negar aquilo que afirmou Marcello Caetano, que tantos pretendem seguir apressadamente, alguns a quererem dar a impressão de que nunca confiaram em mais ninguém? Para quê e com que fim se, serenamente, o seu guia também «sabe o que quer e para onde vai» e, sobretudo, com quem pode e deve contar? — perguntou, em certo passo do seu discurso.

E mais adiante:

«Depois do que foi dito e escrito quando da morte do Presidente Salazar eu, humilde deputado pelo círculo de Lisboa, que do regime nada recebi, antes pelo contrário, algum esforço dei, algumas horas de vida trabalhosa e difícil e, sobretudo, em holocausto á Pátria, o meu filho mais velho, não encontrei, para sintetizar o meu pensamento e a minha amarga saudade, nada mais significativo e certo do que referir principalmente, e baseando aí algumas conclusões, as palavras e o sentir de quem, a partir de 27 de Setembro de 1968, aceitou sobre os seus ombros, voluntária e patrióticamente, o encargo de prosseguir, para bem da Pátria, na política que tantas benesses trouxe á nossa terra e ás suas gentes, elevando-as internamente e no conceito das Nações; terra e gentes essas que, tendo como padroeira a Virgem Maria, a Ela devem erguer preces para que as continue a proteger no momento crucial que a Humanidade atravessa, quando o espírito, a ordem, a moral e a própria Igreja parecem subverter-se num verdadeiro caos, para o qual não se descortina bom fim!»

Actualidade internacional

SERVAN-SCHREIBER, que foi atacado por elementos da extrema direita francesa, durante um comício

SERVAN-SCHREIBER ATACADO POR ELEMENTOS DAS DIREITAS

ANGERS, 26 — (F. P.) — Durante um comício em que Servan-Schreiber, secretário-geral do Partido Radical Socialista, devia tomar a palavra, este foi molestado por um grupo do movimento de extrema direita «Restauração Nacional».

A soco e á matraca o grupo de uns sessenta indivíduos abriu caminho na sala até atingir o estrado, para atacar Servan-Schreiber.

Quando a Polícia interveio, os discolos puseram-se em fuga.

O secretário do Partido Radical, embora molestado, a camisa toda rasgada, pronunciou o seu discurso.

CONTROVÉRSIA MUNDIAL SOBRE A AUTENTICIDADE DAS «MEMÓRIAS» DE K

LONDRES, 26 — (R.) — Svetlana Alliluyeva, a filha de Estaline, será bem acolhida se regressar alguma vez á União Soviética, segundo afirma Nikita Kruchtchev no ultimo capítulo das suas «memórias», publicado hoje no «Times».

Kruchtchev declara que a fuga de Svetlana para os Estados Unidos em 1967 não seria utilizada contra ela se voltasse á U.R.S.S.

Embora criticando Svetlana por ter fugido para o Ocidente, Kruchtchev acusa Estaline de ter torturado a filha e diz que a sua fuga fora parcialmente culpa das autoridades soviéticas por terem revelado falta de respeito por Svetlana como uma cidadã russa.

No capítulo de hoje do livro «Kruchtchev Recorda», a ser publicado no próximo mês nos Estados Unidos, o antigo primeiro-ministro soviético continua com os seus viciosos ataques contra Estaline.

Recorda os intermináveis banquetes de Estaline, durante os quais o ditador se embriagava e encorajava os seus companheiros a fazerem o mesmo.

Entretanto, continua ainda acesa a controvérsia mundial sobre a autenticidade das reminiscências. O próprio Kruchtchev negou tê-las escrito e Svetlana manifestou duvidas de que sejam genuínas.

A VIAGEM MAIS LONGA DO PAPA PAULO VI

CIDADE DO VATICANO, 26 — (R.) — O Papa Paulo VI iniciou hoje a mais longa e fatigante viagem ao estrangeiro de todo o seu reinado apesar de um destacado membro do Sacro Colégio, o cardeal Eugene Tisserant, ter declarado ontem á noite que o Pontífice se encontra doente.

Entrevistado na televisão francesa, o cardeal Tisserant disse que Paulo VI estava visivelmente doente e teve de ser apoiado na semana passada ao abandonar a basílica de S. Pedro após a audiência geral.

Esta inesperada declaração sobre o estado de saúde do Pontífice que conta 73 anos, foi porém imediatamente desmentida pelo Vaticano que anunciou ter o dr. Mário Fontana, médico pessoal do Papa, autorizado a partida após um exame completo do Pontífice.

Ao perguntarem-lhe na sua entrevista se o Papa tinha planos para se retirar, o cardeal Tisserant respondeu: «Isso tem sido dito e repetido, mas o seu estado de saúde é tal que poderá acontecer que o Papa não tenha necessidade de tomar uma decisão a esse respeito».

De qualquer forma, o Pontífice partiu esta manhã ás 8 e 55 T.M.G. num avião especial para iniciar a sua viagem de 45 000 quilómetros que o levará a vários países da Ásia e á Austrália, prolongando-se por 10 dias quase sem descanso.

A primeira paragem será em Teerão esta tarde e depois em Dacca, onde permanecerá apenas uma hora, o tempo suficiente para manifestar o seu interesse pelas vítimas do ciclone no Paquistão Oriental.

A seguir, o Papa parte para Manila e dali vai a Samoa, Sydney, Djakarta, Hong-Kong e Ceilão, regressando a Roma no dia 5 de Dezembro.

Durante a viagem, o Papa pronunciará cerca de 40 discursos, o mais importante dos quais na conferência episcopal de Manila, apertará milhares de mãos e dará a bênção apostólica vezes sem conta.

A viagem é extremamente fatigante e porá á prova a resistência física do Pontífice, mas alguns observadores pensam que o cardeal Tisserant, que conta 86 anos e também acompanha o Papa, poderá não resistir tanto como Paulo VI.

Os jornalistas que anteriormente acompanharam o Papa nas suas viagens á Terra Santa, a Bombaim, ás Nações Unidas, a Fátima, a Bogotá, a Genebra e ao Uganda, recordam que ele regressou sempre cheio de vigor de cada uma dessas missões.

Por outro lado, os observadores do Vaticano ao terem conhecimento das afirmações do cardeal Tisserant recordaram que o Pontífice há três dias publicou um decreto reformando compulsóriamente todos os cardeais com mais de 80 anos a partir do próximo dia 1 de Janeiro. O cardeal Tisserant é um dos 25 cardeais afectados por essa medida, que parece não ter sido bem recebida por alguns deles.

O AVIÃO DO PAPA

O avião utilizado pela Alitália para o voo do Papa é um DC-8/62 com as novas cores da Companhia. Ao lado de cada uma das duas portas para o embarque de passageiros está um escudo pontifício.

A antecâmara da frente mantém-se na versão normal e não fica á disposição dos passageiros, mas a cabina de Sua Santidade foi preparada, no sentido de frente para trás, da seguinte maneira: uma fila de poltronas duplas de primeira classe, á disposição da Secretaria; um reposteiro divisório; a área reservada ao Papa, composta de uma zona leito á direita dividida do corredor mediante um reposteiro longitudinal e de uma zona de trabalho, á esquerda, formada por duas poltronas duplas, viradas uma para a outra e separadas por uma secretária. Também este espaço fica isolado do corredor por um reposteiro.

Envio egípcio de armamento para a República da Guiné

CAIRO, 26 — (A. N. I.) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, declarou perante a Assembleia Nacional que o seu país decidiu enviar mais armas e munições para a Republica da Guiné.

Informou que a Organização para a Unidade Africana convocará para 9 de Dezembro uma sessão de emergência em Lagos para discussão da situação naquele país.

«O Governo da Republica Árabe Unida decidiu enviar um importante auxílio de armas e munições á Republica da Guiné como símbolo da sua amizade para com o povo que defronta actualmente uma traiçoeira agressão imperialista» — disse Riad.

Acrescentou ter recebido relatos da Embaixada egípcia em Conakry segundo os quais navios agressores se encontram ainda nas águas territoriais da Republica da Guiné, tendo feito nova tentativa de desembarque de mercenários na terça-feira á noite.

«Porém, o Exército da Republica da Guiné fez malograr a tentativa» — disse Riad, acrescentando que a Republica Árabe Unida enviará igualmente uma missão médica e material sanitário para Conakry em auxílio das vítimas da «agressão [illegible]»

«NÃO PEDIMOS UM INQUÉRITO»

DAKAR, 26 — (F. P.) — «Não pedimos ás Nações Unidas um inquérito, mas o envio imediato de uma força [illegible] internacional para repelir a agressão e salvaguardar a independência, a paz e a segurança de um Estado membro da O.N.U., o que constituía para esta o melhor meio de honrar as suas obrigações.»

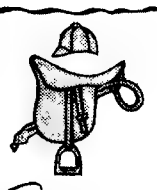
Foi nestes termos que a «Voz da Revolução» guineense relatou e comentou a audiência concedida pelo presidente da Republica, Sekou Touré á missão especial do Conselho de Segurança das Nações Unidas chegada ontem ao fim da tarde a Conakry para se inteirar da situação.

«Não pode haver duvidas quanto ás vias e aos meios a utilizar em circunstâncias como as presentes» — acentuou a rádio, que concluiu: «Mas, felizmente, a África não precisou de esperar pelo resultado de um inquérito para manifestar a sua solidariedade activa á Guiné, vítima de uma inqualificável e criminosa agressão. Felizmente também, no domínio da solidariedade internacional, muitos países amigos por esse mundo reagiram vigorosa e espontâneamente a favor do povo africano da Guiné que goza da simpatia universal, seguro do seu direito e da justiça da sua resistência legítima que acabará seguramente por triunfar».

DUZENTOS MIL MORTOS NO PAQUISTÃO

DACCA, 26 — (R.) — Receava-se agora que tivessem morrido, pelo menos, 200 000 pessoas em consequência do ciclone e do maremoto que devastaram no dia 13 a costa do Paquistão Oriental, segundo afirmou a noite passada nesta cidade um informador oficial.

Esse numero ultrapassa em mais de 30 000 o anterior total oficial de 168 000 mortos.



Convite

Venha, de 26 de Novembro a 2 de Dezembro, á Perfumaria Eduardo Martins, na Rua Nova do Almada ou na Rua Garrett. Espera-o, todas as tardes e ao sábado, durante todo o dia. Nem você sabe quanto é importante o que tenho para lhe dizer. Venha... até ao dia 2 de Dezembro.

Na Perfumaria Eduardo Martins, há também uma prenda para si. Uma prenda que English Leather lhe oferece.

Se não puder vir, peça-lhe... a ela, que venha.

Miss English Leather

OEIRAS

✝

MARIA MADALENA BARBOSA XAVIER

José João de Oliveira Xavier, Maria Ivone da Fonseca Barbosa Xavier, Adelaide Maria da Conceição Oliveira Pina, Rosa Luísa da Fonseca Barbosa Marques Pereira, Fernando do Carmo Marques Pereira, Judite da Fonseca e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito estimada filha, neta, sobrinha e parente e que o funeral se realiza, amanhã, da Capela de St.º Amaro de Oeiras pelas 11 horas, para o cemitério local.

ESTUDIOS 70 ACTIVIDADES FOTOGRAFICAS, LDA.

Certifico que, por escritura de 25 de Agosto de 1970, lavrada de fl. 81 a fl 82 v.º do livro, n.º 569-A de notas do 8.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do notário licenciado Inácio Justino do Rosário Santana de Sequeira Nazaré, foi constituída entre José de Oliveira Tavares e Álvaro Eduardo Tavares uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se há-de reger pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Estudios 70 — Actividades Fotográficas, Lda., tem a sua sede e domicílio na Rua dos Bombeiros Voluntários de Algés, lote 18, rés-do-chão, em Algés, freguesia de Carnaxide, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é o comércio de actividades fotográficas e qualquer outro ramo em que a sociedade acorde e seja legal

3.º

O capital social é de 50 000$, inteiramente realizado, em dinheiro, entrado na caixa social e representado por duas quotas iguais, de 25 000$, uma de cada sócio.

4.º

A cessão de quotas é livre entre sócios; a cessão a estranhos é proibida sem o consentimento da sociedade.

5.º

A gerência da sociedade, dispensado de caução, será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, mas a sociedade só se obriga com a intervenção dos dois gerentes.

Está conforme com o original.

8.º Cartório Notarial de Lisboa, 26 de Agosto de 1970.

O Primeiro-Ajudante,
Odete de Lemos Figueiredo

O primeiro-ministro francês visita a Polónia

VARSÓVIA, 26 — (R.) — O primeiro-ministro francês, Jacques Chaban-Delmas, chega hoje de avião a esta capital para conversações com chefes comunistas polacos sobre problemas da segurança da futura Europa.

Será a primeira visita oficial de Chaban-Delmas ao estrangeiro desde que se tornou primeiro-ministro e a primeira efectuada por um chefe de Governo francês á Polónia.

Chaban-Delmas, acompanhado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, avistar-se-á com o primeiro-ministro polaco, Jozef Cyrankiewicz, o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Stefan Jedrychowski, e o chefe do Partido Comunista, Wladyslaw Gomulka, durante a sua visita de três dias.

Numa notícia publicada nos jornais de hoje a agência noticiosa oficial polaca PAP descreve a visita como um acontecimento importante no desenvolvimento de um diálogo político e da cooperação económica, cultural e científica entre as nações.

Fontes bem informadas disseram que as actuais diligências para uma reconciliação entre a Polónia e a Alemanha Ocidental serão discutidas provàvelmente durante as conversações, que se registam uma semana depois de Varsóvia e Bonn rubricarem um tratado de normalização das suas relações marcadas pela guerra.

O príncipe Carlos apaixonado?

LONDRES, 26 — (R.) — Correm com insistência rumores em Londres de que o príncipe Carlos, herdeiro do trono, se encontra pela primeira vez sèriamente apaixonado.

A jovem em questão chama-se Bettina Mary Lindsay, tem 20 anos — menos dois do que o príncipe — e é filha de um alto funcionário do Governo conservador.

Actualmente, frequenta um colégio de Londres, depois de ter optado pela carreira de professora.

dom quixote

LANÇAMENTO DE NOVEMBRO

SUÉCIA — MITO OU REALIDADE?

...A conclusão tem muito mais a ver connosco do que á primeira vista pode parecer...
Colecção «Cadernos D. Quixote», volume 30, Esc. 30$00

A CIBERNÉTICA E O HOMEM
Por Aurel David

Futuro: Computadores e ordenadores cada vez mais... humanos?
Uma introdução ao estudo de um assunto «na ordem do dia».
Colecção «Universidade Moderna», volume 11.
Esc. 60$00

O CONFLITO DAS GERAÇÕES
Por Margaret Mead

É de natureza nova, é planetário e universal, este abismo entre as gerações. — Mas é preciso transpô-lo.
Colecção «Diálogo», volume 11. Esc. 25$00

CHILE — REFORMISMO OU REVOLUÇÃO?

Informar o leitor «em cima dos acontecimentos».
Colecção «Documentos D. Quixote», volume 3.
Esc. 7$50

REEDIÇÕES

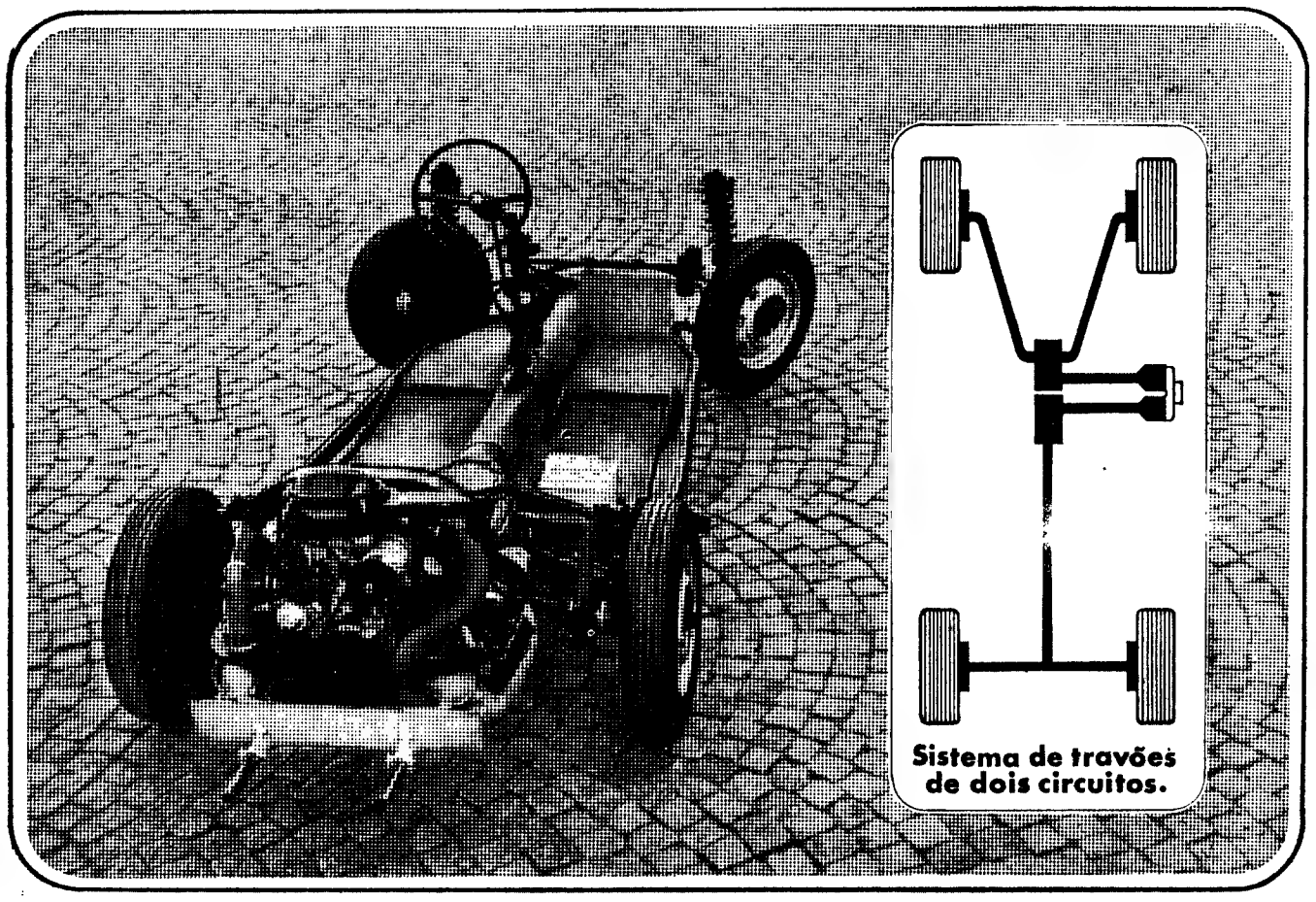
OS TESTES MENTAIS
Por Pierre Pichot

2.ª edição de uma obra indispensável para todos os estudantes de Psicologia.
Colecção «Universidade Moderna», volume 2.
Esc. 35$00

Rua Luciano Cordeiro, 119 - Lisboa

mais de 500.000 viaturas nas estradas de Portugal...

...a segurança faz parte do equipamento de série de todos os modelos VW



Nenhum VW fica mais caro por ter excepcionais condições de segurança... que implicam os materiais mais resistentes, as técnicas mais evoluídas, testes aperfeiçoadíssimos.
A Volkswagenwerk considera a segurança fundamental e não a sacrifica por nenhum imperativo económico.
Os seus Carochas, à semelhança de veículos muito mais caros, estão equipados com um sistema de travões de duplo circuito, completamente independentes e de uma eficácia a toda a prova. Na hipótese remota de um circuito falhar, o que é quase impossível, entraria imediatamente em acção o outro circuito independente!
Na Volkswagenwerk também é conhecido o nosso provérbio: mais vale prevenir do que remediar. Simplesmente, lá, não é um provérbio: é um princípio de concepção técnica!

VOLKSWAGEN é SEGURANÇA

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L. — Av. da Liberdade, 12 — Telef. 36 67 51/7 — 37 01 71/5 — Lisboa.
FILIAIS E AGENTES: Arrifana, Aveiro, Beja, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa (Av. Padre Manuel da Nóbrega e R. da Escola Politécnica), Mirandela, Ponte de Sor, Portalegre, Porto, Régua, Santarém, Santiago do Cacém, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Viseu, Angra do Heroísmo, Bissau, Cabo Verde, Funchal, Horta, Ponta Delgada e S. Tomé.
OFICINAS AUTORIZADAS: Amadora, Bombarral, Caldas da Rainha, Cova da Piedade, Estremoz, Guimarães, Moura, Parede Portimão, Porto e S. Tirso.
«STANDS» DE EXPOSIÇÃO: Abrantes, Espinho, Ovar, Penafiel, S. Tirso, Torres Novas e Vila Franca de Xira.

Projecto de Lei de Imprensa apresentado na Assembleia Nacional

(Continuação da 21.ª página)

do esse o fim estatutário das sociedades que a essa publicação se dediquem, o qual só poderá ser cumulado com o de edição de publicações não periódicas.

4. No caso de o periódico pertencer a uma sociedade anónima todas as suas acções terão de ser nominativas, o mesmo se observando quanto ás sociedades anónimas que sejam accionistas daquela que é proprietária do periódico.

5. As empresas jornalísticas terão pelo menos dois terços de capital português e ficarão em tudo sujeitas exclusivamente ás leis portuguesas, revertendo a favor do Estado, independentemente de outras sanções, as partes de capital que, excedendo um terço do total, pertençam a estrangeiros.

6. Os administradores das empresas e sociedades jornalísticas serão necessáriamente pessoas físicas nacionais, no uso pleno dos seus direitos civis e políticos.

7. Exceptuam-se do disposto nos n.os 2 a 6 as pessoas que se dediquem á publicação de revistas de carácter exclusivamente técnico ou científico.

ARTIGO 11.º

1. Nenhum periódico poderá publicar-se sem que tenha um director, que terá de ser jornalista de nacionalidade portuguesa, no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos, que não desempenhe funções em qualquer outro periódico e não tenha sofrido condenação por crime doloso.

2. Ao director cabe a orientação, superintendência e determinação do conteúdo do periódico, no que poderá ser coadjuvado por subdirectores ou directores adjuntos; junto da direcção existirá um conselho de redacção com funções consultivas que a assistirá em todas as matérias da sua competência.

3. Cabe também ao director a representação do periódico perante quaisquer autoridades em tudo quanto diga respeito a matérias da sua competência e ás funções inerentes ao seu cargo.

4. Em caso de impedimento o director será substituído pelo subdirector, director adjunto ou chefe de redacção.

5. O director será designado pela empresa proprietária do jornal e os membros do conselho de redacção eleitos pelos jornalistas que trabalhem no periódico, segundo regulamento por eles aprovado e homologado pelo director.

6. O exercício do cargo de director é incompatível com o desempenho de função pública e com o exercício de actividade privada que possa afectar a sua liberdade e independência.

7. Os chefes de redacção serão designados pelo director com voto favorável do conselho de redacção

ARTIGO 12.º

O exercício da profissão de jornalistas depende das condições e requisitos que forem fixados em regulamento aprovado pela Corporação da Imprensa, que fixará também as condições em que os jornalistas estrangeiros poderão exercer as suas funções em Portugal e regulará o caso previsto no artigo 14.º, 2.º.

ARTIGO 13.º

1. Em todas as notícias deverá ser indicada a origem da informação; na falta de indicação considerar-se-á ter sido ela obtida pelo seu autor, como tal sendo considerado o director do periódico se o escrito não estiver assinado.

2. Toda a publicidade inserta no periódico terá de ser identificada de modo inequívoco e de conter o nome do anunciante.

ARTIGO 14.º

1. Aos jornalistas será facultado livre acesso ás fontes de informação por todos os órgãos e serviços da administração, dentro dos limites legais.

2. Os directores e jornalistas não são em caso algum obrigados a revelarem as suas fontes de informação, estando os primeiros vinculados aos segundos por sigilo profissional, nos termos do regulamento previsto no artigo 12.º

ARTIGO 15.º

As empresas jornalísticas, editoras e noticiosas em cujas publicações ou notícias tenham sido cometidos delitos, ou que tenham infringido as disposições desta lei, poderão os Tribunais que os julgarem aplicar multas até 500 000$00 e sanções de suspensão até um ano, sendo a sentença respectiva susceptível de recurso até ao Supremo Tribunal de Justiça.

ARTIGO 16.º

1. Enquanto perdurar a guerra nas províncias ultramarinas a publicação e difusão de quaisquer notícias de carácter militar fica sujeita á consulta prévia obrigatória de comissão que funcionará junto do Ministério da Defesa Nacional, cuja composição será fixada pelo Governo.

2. A aprovação da comissão implica a inexigência de responsabilidade criminal com base na divulgação da notícia.

3 Entende-se que a aprovação é dada se a Comissão se não pronunciar no prazo de 24 horas.

4. A infracção do disposto neste artigo determina a aplicação das sanções previstas no artigo 15.º além da responsabilidade criminal exigível do seu autor.

ARTIGO 17.º

As publicações estrangeiras difundidas em Portugal ficam sujeitas aos preceitos da presente lei.

ARTIGO 18.º

Esta lei entra em vigor seis meses depois da sua publicação.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.440$
Obrigs. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	550$	565$
Externo 1.ª Série c.	—	550$	555$
Externo 3.ª Série	—	—	720$
Externo 3.ª Série c.	—	710$	—
Cautelas 3.ª Série	142$	140$	145$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	500$
A. P. T. 5% 56	—	—	845$
A. P. T. 5% 58	—	—	845$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	900$	—
C. U. F. 6%	905$	900$	905$
C. U. F. 6% 68	—	900$	—
Gás Elect. 4% 48	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect. 5% 52	820$	820$	—
Gás Elect. 5% 58	—	—	—
Gás Elect. 5% 59	—	—	—
Gás Elect. 5% 62	—	920$	—
Gás Elect. 5% 63	—	915$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	930$	—
M. E. A. Alentejo 5%	—	750$	—
M. E. Cávado 5%	—	750$	—
M. E. Cávado 6%	—	—	955$
M. E. Douro 5%	715$	700$	725$
M. E. Douro 6%	—	—	950$
M. E. Norte Port 5%	—	860$	—
M. E. S Estrela 6%	—	920$	930$
M. E. Zêzere 5% 55	—	750$	—
M. E. Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	950$	—	960$
Metropolitano 4%	890$	—	900$
Mertopolitano 5 3/4%	890$	870$	900$
Moçambique 5%	—	700$	800$
Nac Elect 5%	—	760$	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	910$	—
Sacor 5% 60	—	800$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	750$
Sonefe 5%	—	820$	—
T. A. P 4%	—	—	900$
Termoelect Port 5%	—	—	750$
U. E. P 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	88$	87$	89$
U. E. P 1/2%	—	90$	—
U. E. P 5%	70$	69$	70$
U. E. P. 5% 60	—	—	750$
U. E. P 5% 63	—	830$	850$

Ultramarinos	Efec	Compra	Vendo
Buz	73$	72$5	74$
Cabinda	200$	200$	212$
Diamantes Angola	2.280$	2.270$	2.290$
H. E. Revué	—	630$	650$
Ilha do Príncipe	—	800$	900$
Moçambique	180$	179$	180$
Sonefe n.	415$	415$	418$
Sonefe p.	425$	420$	430$
Zambézia	—	76$5	79$
Diversos			
Cidla	—	8.000$	—
Cim Leiria	4.500$	4.420$	4.600
Cim Tejo	—	—	—
Cs Navegação	1.450$	1.440$	—
C. U. F.	—	—	1.600$
Inc Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.550$	3.600$
Petroquímica	—	1.630$	1.660$
Port e Colónias	—	—	1.350$
Port Celulose	—	—	4.500$
Port Pesca	—	1.030$	1.040$
Port Tabacos	—	682$	695$
Sacor	3.800$	3.700$	3.850$
Siderurgia Nac	2.500$	2.490$	2.505$
Sonefe	3.200$	3.180$	3.220$
Tabacos de Portugal	1.640$	1.610$	1.640$
Tabaqueira	6.600$	6.500$	6.700$
U. F. Azoto	—	740$	770$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
C. P. Electricidade	1.183$	1.183$	1.184$
C. P. Electricidade nom	1.170$	1.170$	1.175$
C. P. Electricidade 1969	—	—	—
Eléct. Beiras	1.665$	1.650$	670$
Gás Electr	415$	414$5	415$
H. E. Alto Alentejo	177$5	177$	178$
H. E. Norte Portugal	235$	233$	237$
H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U. E. P.	—	185$	185$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	194$7	200$5
F. I. D. E. S.	—	121$7	125$4

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	19/11/70	25/11/70	26/11/70
GERAL	143,5	145,2	145,7
METROPOL.	137,8	138,9	139,6
ULTRAM.	185,3	191,7	190,6

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7

Teleg.: ALMEIRO ——— Telex: 1471, ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.225$	2.220$	2.230$
Alentejo	1.117$	1.116$	1.118$
Angola	3.535$	3.530$	3.540$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	8.600$	8.700$
E. Santo	—	22.750$	23.200$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	20.000$
Fomento	2.520$	2.520$	—
L. & Açores p.	—	6.700$	6.800$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.380$	6.360$	6.390$
Portugal n.	—	3.050$	3.150$
Portugal p	—	3.700$	3.900$
Totta Aliança	—	5.900$	—
Ultramarino n.	3.350$	3.320$	3.340$
Ultramarino p.	3.750$	3.730$	3.750$
Seguros			
Alentejo	151$	150$	151$
Douro	—	—	—
Mundial	1.010$	1.005$	1.015$
Sagres	—	1.850$	2.000$
Tranquilidade	—	57.000$	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	785$	780$	790$
Ag. Cassequel	640$	635$	645$
Ag. Incomat	—	1.700$	1.900$
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	260$	—
Boror	—	145$	—

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rands	34$50	37$00
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América		
— Dólares, de 1 a 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$41,5
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra—Libra Isabel	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 Tel. 231273

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

Quanto a Odete Santos, muito mais favorecida pela câmara (para cuja atenção, seja dito de passagem, reunia melhores condições, estivemos perante uma angústia não sei se existencial, se bíblica, se quê, talvez até se possa falar numa cósmica relacionação, numa (esperem, esperem, quero procurar uma frase digna da Hora K. que vivemos) telurica pesquisa da inquietação absurda (não sei bem o que é que eu quis dizer, mas reconheçam que é muito bonito). Tudo ficará compreendido, porém, diante de uma quadra interpretada por Odete Santos:

O choro regou a terra
cresce a flor do sofrimento
logo, no mar ou na terra,
quero vento, só o vento.

Espero que os meus leitores compreendam toda a beleza em especial dos primeiros versos: neles se vê como as lágrimas nos aparecem como anteriores a todo o sofrimento, o que imediatamente nos leva à conclusão kierkegaardiana de que o homem está, de raiz, devotado ao sofrimento, á engustia, ao Terror. As lágrimas não seriam uma consequência, mas uma Ameaça: o homem chora porque é, de condição, choramingas. A seguir, mas só a seguir, vem a razão das lágrimas. O homem chora e quando chora — estão a topar? — é que rega a flor do sofrimento.

Afinal — como as coisas são! Era meu intuito não me referir aos fados de ontem e acabei por me deixar dominar pela razão, pela beleza pela filoso. Só pela filoso, porque hoje não se fia. Era o que faltava!

De maneira que todos havemos razão para estar gratos aos fadistas que, através da televisão, de tal modo adornam o nosso espírito com as coruscantes lantejoulas do pensamento.

●

FILOSOFIA OU FADO?

Não foram Vitor Moreira e Odete Santos, no entanto, os unicos que, no programa de ontem, adornaram o nosso espírito com. A mesma obra de misericórdia coube aos intervenientes na rubrica «Crónica» ontem intitulada «Lisboa na hora K.»

Este K é o de Kafka. «Cronica», muito simplesmente queria lembrar como a nossa querida tranquila e amável cidade se encontra varrida por uma onde kafkaniana: aí temos o «Processo» em livro, em peça e em fita

Foram chamadas a intervir personalidades muito conhecidas dos telespectadores portugueses, entre os quais Artur Ramos (com repetição de parte da sua presença no «Curto-Circuito»), David Mourão-Ferreira. Luís Francisco Rebello e Luís Pina.

A complexidade da literatura de Kafka foi posta em pratos limpos, de uma penada, por dois insignes pensadores, dotados com um tão extraordinário poder de síntese que não recuam diante da tarefa de dizer meia duzia de palavras a propósito. Com a devida vénia se transcrevem declaracões das ilustres telepresenças:

De Mourão-Ferreira «(...) a situação do autor frente aos outros homens já não é a de um espectador ou de uma testemunha. mas a de acusado, a de um culpado, a de um réu no processo que dia a dia a História move contra nós.»

Francisco Rebello: o «Processo» é uma alegoria transparente da situação do homem moderno no mundo dominado pela técnica, o mundo desumanizado, o mundo em que o homem se vê como que enredado, enleado, nas malhas de uma teia apressada que ele contribuiu, com a sua indiferença, com a sua resignação, para que se criasse, para que se construisse e que, por isso mesmo, só ele poderá desfazer.»

Não vamos aqui discutir as afirmações autoritàriamente propiciadas pelos insignes pensadores. Lamentamos apenas que a tantos falte o bom-senso, o juizinho, a ponto de pretenderem encaixar o «Processo» em meia duzia de palavras apressadas.

Ah, não!, não. Cantai lá, Vitor e Odete. Prefiro os vossos fados.

MÁRIO CASTHIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

GRUPO V (O DE PORTUGAL)

BÉLGICA, 2 - DINAMARCA, 0
MAS OS BELGAS MERECIAM MAIS

Dezassete mil pessoas assistiram, em Bruges, á vitória da Bélgica sobre a Dinamarca, por 2-0, em jogo a contar para o Campeonato da Europa de Futebol — Grupo V. Como se sabe, este é também o «Grupo de Portugal» — que por sua vez também triunfou sobre os dinamarqueses (1-0) em encontro disputado em Copenhaga.

A vitória dos belgas corresponde absolutamente á sua superioridade durante todo o encontro (muito longe do que aconteceu com Portugal...) — e peca, apenas, por escassa, pois foram muitos os golos que ficaram por marcar.

Devrindt foi o autor dos tentos, ambos na primeira parte (18 e 36 m.), e, depois deles, os dinamarqueses acantonaram-se na sua área, com a unica preocupação de evitar que o marcador ganhasse maior expressão.

Portugal jogará com a Bélgica em 17 de Fevereiro próximo — e, entretanto, a classificação é a seguinte:

	J.	V.	D.	B.	P.
BÉLGICA ..	1	1	—	2-0	2
Escócia	1	1	—	1-0	2
Portugal	1	1	—	1-0	2
Dinamarca ..	3	—	3	0-4	0

PUGILISMO

CUSTÓDIO PEDRA E JOSÉ LUÍS EM EVIDÊNCIA

Mais uma vez a falta do sentido das responsabilidades dos dirigentes clubistas e dos pugilistas forçou ás habituais alterações do programa.

Os combates foram todos disputados em assaltos de três minutos e tiveram os seguintes resultados:

«Ligeiros» — José da Costa (Alvalade) venceu aos pontos Luís (União Banheirense) por larga margem. António Nogueira (Sporting) bateu, também por pontos, Domingos Almeida (B. Boavista), demonstrando superioridade nos três assaltos.

«Plumas» — José Luís (E. Amadora) venceu por pontos José Patrício (Amadora) no melhor combate da noite. António Mondim (Rio de Janeiro) venceu aos pontos Eduardo Rendeiro (Sporting), que se apresentou com peso a mais.

«Meio-médios» — João Gomes (Alvalade) foi declarado vencedor por falta de comparência do adversário.

«Meio-médios» — Nogueira Gonçalves (Sporting) venceu por pontos João Luís (Bairro da Boavista) por larga margem.

«Médios» — António Maximino (União Banheirense) foi declarado vencedor em virtude do adversário ter peso a mais. Podia não combater, pois a diferença excedia os 500 gramas. Por respeito ao publico e por desportivismo subiu ao ringue, mas teve de desistir no primeiro assalto. O publico tributou-lhe forte ovação.

«Meio-médio ligeiro» — Custódio Pedra (União Banheirense) venceu por pontos Carlos Martins (Alvalade), porque embora principiante, conduziu o seu combate com inteligência e soube tornear a dificuldade de um adversário «canhoto».

Os combates foram dirigidos pelos srs. Mariano Pedro, Carlos Matos, Bernardino Ladeira e Raul Reis, que também actuaram como juizes.

PATRICIO ALVARES

Taça das Feiras
DUAS VITÓRIAS ALEMÃS

O Bayern de Munique e o F. C. Colónia, da Alemanha Federal, venceram os jogos respectivos da primeira mão da terceira eliminatória da Taça das Feiras de Futebol.

O Bayern, em «casa», ganhou ao Sparta, da Holanda, por 2-1, e o Colónia triunfou sobre os checoslovacos do Spartak Trnava, por 1-0.

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Palmela e Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de S. Pedro e de S. Sebastião, respectivamente nos concelhos de Palmela e Setúbal, de uma linha aérea a 30 kV com 3643 metros de comprimento incluindo um troço já existente com 2162 metros, entre o posto de seccionamento 30-25 e o posto de transformação da COMETNIA - Companhia Metalúrgica Nacional.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Novembro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

A FORÇA DO FUTEBOL

Milhares de portuenses em Lisboa

A comissão pró-sede do F. C. Porto está a organizar várias excursões (avião, autocarro e comboios especiais) que, sábado e domingo, levarão milhares de adeptos do clube azul-branco a Lisboa para assistir ao jogo Sporting-Porto. Os comboios especiais partem de Campanhã ás 14 e 50 de sábado e ás 7 e 11 de domingo e os autocarros partem da sede do clube, na Praça do Município, ás 7, 14 e 24 horas de sábado. Numerosos adeptos deslocar-se-ão em aviões nas carreiras normais.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Quinhentos contos para o Belenenses

O ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo do Desemprego, um subsídio de 500 contos ao Clube de Futebol Os Belenenses.

O subsídio é concedido como comparticipação nos encargos de mão-de-obra com a execução de diversos trabalhos no seu campo de jogos.

DO VARZIM

Devido a divergências de opinião relacionadas com assuntos internos do clube, Fernandes da Silva, tesoureiro do Varzim, acaba de pedir a sua demissão.

SPORTING: voto de confiança

O Plenário leonino, reunido ontem votou pela continuidade:
— Reconduzidos para o biénio de 1971/72, nos cargos em votação, os drs. Amado de Aguilar e Silva Gonçalves (Assembleia Geral), drs. Brás Medeiros e Pereira da Silva (Direcção) e Oliveira Romero e dr. Alves de Carvalho (Conselho Fiscal e Disciplinar);
— Aprovado o orçamento para 1971.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Açores — 11X 11X 1X1 21X2; Badaladas — 112 1X1 11X 1122; Beira Baixa — X11 112 111 1112; Rádio Porto — 11X 111 1XX 111X; Brados do Alentejo — X11 111 1XX X212; Cantinho Ricardo Lemos — X11 112 111 XXX2; Cardeal Saraiva — X1X 111 11X X112; Cavalgada do Ritmo — X11 11X 1XX 111X; O Comércio de Portimão — 211 111 111 1112; O Comércio do Porto — 111 111 111 1112; Correio dos Açores — 111 111 11X 2112; Correio de Coimbra — X11 111 111 21X2; Correio do Vouga — X11 111 111 1112; A Defesa de Espinho — 112 111 111 11X1; Diário de Coimbra — X11 112 111 X112; Diário do Minho — 211 111 111 X111; Diário do Norte — 111 112 11X 111X; Diário do Sul—211 112 1X2 11X1; O Distrito de Setubal — 111 1X1 1X1 2XXX; Ecos de Cacia — 211 111 111 1X12; Emissora Oficial da Guiné Portuguesa — XX1 11X 111 1X22; Clube Asas do Atlântico (N. R.) — X1X 112 11X X112; Estrela da Manhã — X11 11X 1X2 X112; Eu sei tudo — X21 1X1 111 2112; Folha de Domingo — 111 1XX 111 2X12; Dos Fracos não Reza a História — 2X2 111 11X X111; A Gazeta das Caldas—XX1 112 111 X112; Gazeta do Sul — 211 1X2 111 XXX2; Ideal Rádio — 111 11X 111 X1X2; As 10 espera por nós — 111 111 111 1111; A Ilha — 111 11X 1X1 X1XX; Imagens Piedenses — 21X 112 1X2 1112; Jornal das Aves — 212 112 X21 X112X; Jornal da Beira — X1X 11X 112 X112; O Jornal da Lixa — 112 111 111 1112; Jornal de Viseu - 111 111 1X1 2112; A Lição do Menino Quim — 1X1 11X 111 1111; Linhas de Elvas — 211 11X 1X1 1112; Litoral — 11X 11X 11X X1X2; Maria da Fonte — 111 111 111 2112.

Momento do Totobola — 111 111 111 1111; Notícias de Chaves — 11X 1X1 11X 11X2; Notícias de Felgueira — X1X 111 11X X1X2; Notícias de Guimarães — 211 111 1XX 1122; Notícias de Évora — X1X 112 11X 1112; A Ordem—X17 111 122 1122; Penalti—21X 111 111 XX12; Passatempo — 211 111 111 111X; Passatempo J. J. — X12 111 111 21X2; Povo Algarvio — X1X 111 111 1212; Prog. Electro Mecânico — 111 11X 11X 1X12; A Rabeca — 211 111 1XX 21XX; Rádio Altitude — X1X 11X 111 1X12; (Auto Rádio) — 111 111 111 X11X; Revista de Som—111 11X X11 1X12; Campeão Português — 111 111 1X1 11X2; Rádio Sports — 111 111 111 111X; Reconquista — 111 111 111 X112; Repórter do Dia — X1X 11X 111 X112; Repórter do Dia (Angola) — 111 112 112 111X; O Sorriso da Hora do Almoço — X2X 1X2 X12 2XX2; O Telégrafo — 21X 11X 1X1 X112; O Templário — 11X 111 1X1 X112; Terra Alta — 211 1X2 11X 1112; A Voz Desportiva — X11 11X 1X1 2X12; A Voz de Lamego — 111 1X1 121 X122; A Voz de Palmela — 2X1 111 1X1 X112; A Voz dos Ridículos — 112 11X 111 1111; O Comércio de Guimarães — X11 121 212 1X21; A Voz de Domingo — 11X 111 121 2112; Boletim Desportivo T. A. — 112 11X 112 1121; O Comércio de Leixões — 111 111 111 1112; Miscelânia Musical T. A. — 2X1 1X2 1X2 X111; Comarca de Arganil — X1X 11X 111 2112; Programa das Forças Armadas — X22 121 1X2 1122; Rádio Oceano — 211 1X1 1X1 11X2; Notícias de Penacova — 1XX 121 111 X112; Jornal do Fundão — 111 111 X12 1X21; A Defesa—X11 11X 111 X11X; Montra do Êxito T. A.—X21 11X 12X 211X.

Mosaico—111 211 111 1211; Musica e Desporto — 111 111 11X 2112; O Norte Desportivo — 1X1 111 11X X1X2; Vamos á bruxa — 211 11X 11X 21X2; Programa da Manhã T. A. — X1X 1X1 111 211X; Programa sem nome — 111 111 111 1111; Rádio Clube do Norte (E.N.R.) — 22X 1X1 11X 12XX Rádio Placard E. N. R. — 111 111 111 1112; Rádio Placard — 111 111 1X1 X1XX; Rádio Placard (F.C.P.) — 111 111 111 2112; Resenha Desportiva — XXX 11X 111 211X; Só-Rádio — 2X1 1X1 1X1 1121; Colina Sagrada — 21X 11X 1X1 2X12; Jornal de Notícias—12X 11X 111 111X; Peça que não maça — X11 111 111 XX1X; A Republica — XXX 112 111 1X12; De tudo um pouco — 211 111 11X 11X2; Jornal A Voz — X12 1X1 1X1 X112; O Mundo Desportivo — X11 11X 111 XX12; Diário da Manhã — 11X 111 111 1112; Os Belenenses — X12 1X2 11X XX11; Ecos do Desporto — 111 11X 111 X112; Jornal do Sul — 21X 11X 11X X11X; Renovação — X11 11X 111 111X.

Diário—X11 11X 111 2112; Canal 18 — 11X 11X 1XX X111; Comércio — 211 111 11X 2112; A Nossa Chave — X1X 11X 1X1 X112; Ronda da Noite — X1X 111 11X 2112; Estádio — XX1 111 X2X X1X2; Ultimo Palpite — X2X 11X 111 1111; Café da Noite — 11X 11X 111 2112; Panorâmica — 1X2 112 111 2112; Vida e Musica — X12 112 11X 2112; Notícias do Totobola — X11 11X 121 X11X; Bondiazinho — 122 112 111 XX11; Cidade 70 — 211 212 1X1 X111; Diário de Moçambique — 2X1 111 113 2112; Domingo Alegre — 211 212 1X2 2211; Jornal Desportivo — X1X 11X 121 XX2X; Passatempo — X11 212 2X2 2111; Roteiro Sonoro — XX1 112 1X1 1111; Terceiro Programa — 221 212 111 2111; Vamos jogar no Totobola — 211 XX1 1X2 X1X1; Revista Desportiva — XXX 112 11X 11XX

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 12 da 10.ª época

CONCURSO N.º 12
10.ª ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Boavista-Guimarães	48	47	30	5	4	3
2. Sporting-Porto	100	16	9	10	1	1
3. Cuf-Belenenses	76	35	14	7	3	2
4. Académica-Tirsense	119	1	5	10	1	1
5. Varzim-Barreirense	105	17	3	10	1	1
6. Setubal-Benfica	62	37	26	6	4	2
7. Farense-Leixões	118	5	2	10	1	1
8. Gouveia-Famalicão	85	32	8	8	3	1
9. U. Leiria-B. Mar	79	31	15	8	3	1
10. Vizela-Marinhense	51	43	31	5	4	3
11. Portimonense-Olhanense	99	21	5	9	2	1
12. Tramagal-Oriental	88	25	12	9	2	1
13. T. Novas-U. Tomar	25	24	76	2	2	8

E a chave lógica será: 111 111 111 1112

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

«RECORD»

Vinte e um anos após o lançamento do seu primeiro numero o nosso prezado colega desportivo «Record» mantém-lo, activo, na senda que a si próprio traçou.

Aniversariante uma vez mais, aproveitamos o ensejo para, na pessoa do seu director, endereçarmos felicitações a quantos trabalham no prestigioso bi-semanário.

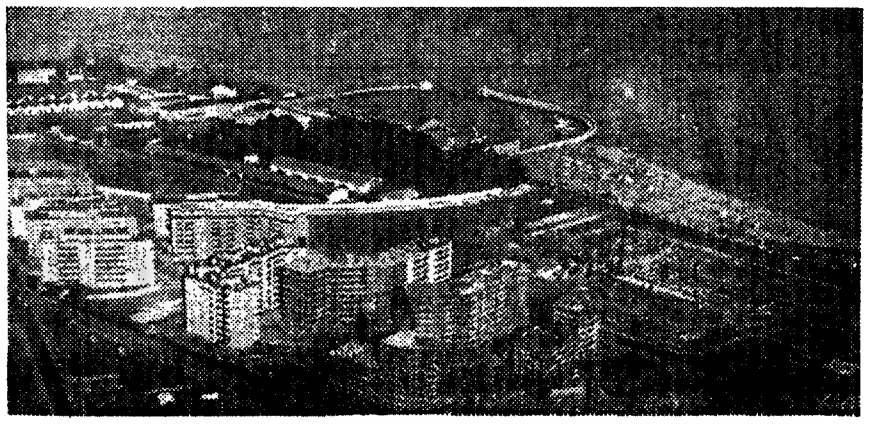
PENSE NO FUTURO

EM PROPRIEDADES O SEU DINHEIRO VALORIZA-SE

APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE
150 CONTOS

5 000 CLIENTES SATISFEITOS

J. PIMENTA, S.A.R.L.



Vista aérea de Paço de Arcos — Nó de ligação à Marginal e conjunto de piscinas para construção imediata

Andares de 2 a 10 divisões assoalhadas

UMA CASA PARA CADA CASO

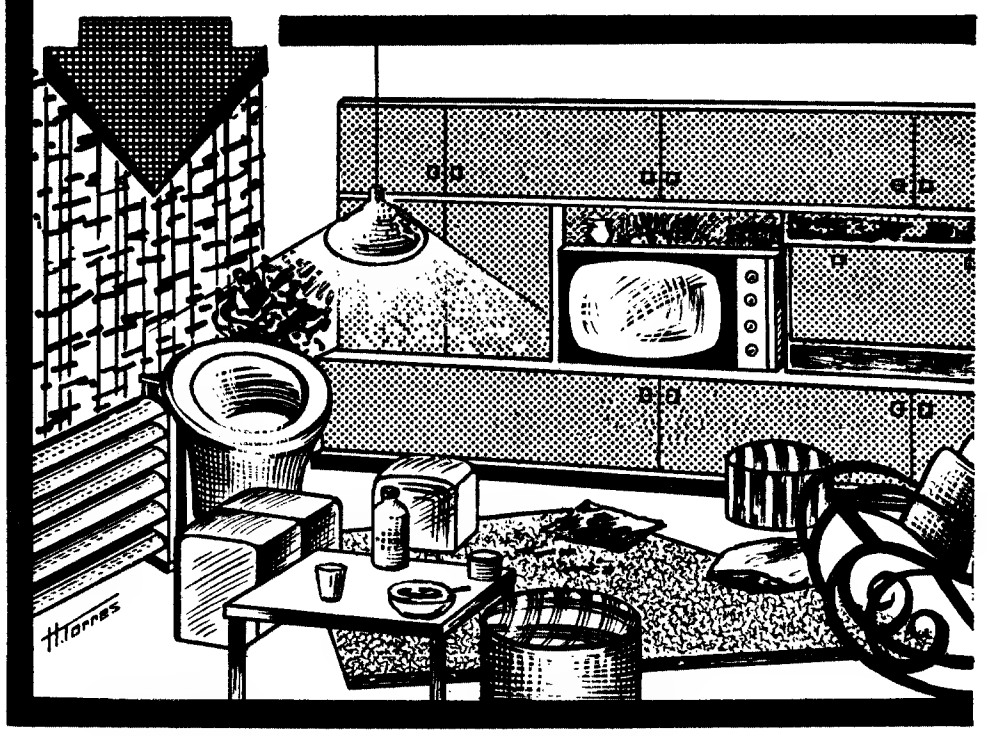
LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefone 95 20 21/22
REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS — Bairro Comendador Joaquim Matias — Tel. 243 35 11
CASCAIS — R. Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

Modernize a sua casa, equipando-a com todos os aparelhos eléctricos que tornam a vida fácil e agradável.

Peça a colocação de um

"C"

CONTADOR "C"
Símbolo do Conforto



COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

TELEFONE — 5370 21

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«BEIRA»*	10 de Dezembro	Directo a: Lobito, L. Marques, Beira, Nacala e Moçambique
«LEIXÕES»*	11 de Dezembro	Directo a: Luanda, Lobito e Cabinda.
«S. TOMÉ»*	16 de Dezembro	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	21 de Dezembro	Directo a: Luanda e Lobito.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telefs. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almada em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia da Costa da Caparica, no referido concelho, de uma linha aérea a 15 kV com 989 metros, do apoio n.º 27 da linha mista Sobreda-Dunas ao posto de transformação n.º 1-203.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 19 de Novembro de 1970.

O Engenheiro Chefe
GUILHERME MARTINS

A C. P. E OS FERIADOS DOS DIAS 1 E 8 DE DEZEMBRO

A C. P. informa-nos de que, por motivo dos feriados dos dias 1 e 8 de Dezembro, os bilhetes de «FIM-DE-SEMANA», vendidos a partir das 17 horas do dia 27 de Novembro e do dia 4 de Dezembro (sextas-feiras), são válidos respectivamente, na viagem de regresso, até ás 24 horas dos dias 2 e 9 (quartas-feiras).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL 218/70
VENDA DE TERRENOS

Em 18 de Dezembro de 1970, às 10 horas, realizar-se-á no Pavilhão dos Desportos a venda em hasta pública dos seguintes lotes de terreno:

Lotes	Locais	Área aproximada m. q.
	LOTES DESTINADOS A MORADIAS UNIFAMILIARES	
1586	Estrada do Forte à Avenida das Descobertas-Encosta do Restelo	1.644,90
1587	Estrada do Fonte à Avenida das Descobertas-Encosta do Restelo	2.026,80
127-A	Rua Cidade de Tete-Célula B dos Olivais Sul	249,40
127-B	Rua Cidade de Tete-Célula B dos Olivais Sul	302,40
127-C	Rua Cidade de Tete-Célula B dos Olivais Sul	365,10
132-A	Rua Cidade de Porto Amélia-Célula B da Malha de Olivais Sul	216,60
137	Rua Cidade de Porto Amélia-Célula B da Malha de Olivais Sul	138,35
	LOTE DESTINADO A EDIFÍCIO DESTINADO A TEATRO E ESCRITÓRIOS	
1607	Avenida Dr. António José de Almeida	1.697,00
	LOTES DESTINADOS A EDIFÍCIOS PARA HABITAÇÃO	
1534	Rua da Academia Recreativa de Santo Amaro	288,20
539	Rua Cidade da Beira-Célula B-Olivais Sul	220,00
540	Rua Cidade da Beira-Célula B-Olivais Sul	220$00
1383	Rua «A» à Azinhaga da Fonte	272,80
1582	Rua «A» à Azinhaga da Fonte	260,80
1583	Rua «A» à Azinhaga da Fonte	260,80
1489	Pracetas 2 e 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	391,70
1490	Pracetas 2 e 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	406,35
1492	Pracetas 2 e 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	408,30
1569	Praceta 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	408,30
1570	Praceta 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	406,35
1572	Praceta 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	408,30
	LOTE DESTINADO A EDIFÍCIO PARA INSTALAÇÕES DE CARACTERÍSTICAS OFICINAIS (ARTESANATO) E ARMAZÉNS	
1488	Praceta 3-Rua A da Zona a Nascente da Avenida Marechal Carmona	430,50

As condições serão oportunamente publicadas no Diário Municipal, estando patentes com as respectivas plantas topográficas na 2.ª Repartição da D. S. F. — Paços do Concelho — 3.º andar.

Paços do Concelho de Lisboa, 23 de Novembro de 1970.

O PRESIDENTE,
FERNANDO AUGUSTO SANTOS E CASTRO

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — A FÚRIA DO CANGACEIRO — E D E N
OS HIPPIES E OS GANGSTERS — POLITEAMA

MONUMENTAL
Tel 555131
Às 15.15 e 21.30 (Adultos)
O EXÉRCITO DA SOMBRA
com *Lino Ventura* e *Simone Signoret*

QUINZENA CRIME USA
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
HARPER, DETECTIVE PRIVADO, de Jack Smight com Paul Newman e Lauren Bacall
Dia 30: **Homicídio em São Francisco** (Adultos)

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
Hoje às 15.15 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
CHAMAM-ME MISTER TIBBS!
Um filme de garra!
com **Sidney Poitier — Martin Landau**

das 13 as 14.30 h.
MÚSICA E CINEMA
diàriamente um program diferente
Preço unico: 5'00
Serviço especial de bar na hora do almoço a baixo preço
(M 12 anos)

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
Um turbilhão de violência!
O CLÃ DOS HOMENS VIOLENTOS
Salvatore Adamo Elisabeth Wiener — Michel Constantin
EASTMANCOLOR

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
6.ª SEMANA DE SUCESSO!
As 15.15. 18.30 e 21.45
Richard Burton e Geneviève Bujold num filme de apaixonante interesse
RAINHA POR MIL DIAS
(Panavision Technicolor)

LUMIAR
Tel. 795296
Às 21.30 (M. 12 anos)
O CAPITÃO NEMO E A CIDADE SUBMARINA
NUNCA DIGAS SIM

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Eastmancolor
TARCISIO MEIRA e ROSSANA GHESSA em
A FÚRIA DO CANGACEIRO
As 15.15 e 18.30
Ultimas exibições — (Adultos)
ESTES SIMPÁTICOS CAVALHEIROS DO GATILHO

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134-5
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
A obra-prima de Sidney Polack
OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM
com JANE FONDA

ESTÚDIO
(Adultos)
As 15.30. 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
CINEMA NOVO
CINEMA VERDADE
O CERCO
de António da Cunha Telles com Maria Cabral, Rui de Carvalho e Miguel Franco

BERNA
(À Av Marquês de Tomar)
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
Alain Delon e Jean Paul Belmondo no extraordinário filme em Technicolor de Jacques Deray
BORSALINO
A história de dois homens á conquista do Mundo!

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30
Um dos melhores «Westerns» com **John Wayne**
CHISUM — O SENHOR DO OESTE

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
SAIAS ACIMA
BRINCADEIRAS PROIBIDAS

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel 326305
HOJE. AS 21.30 (Eastmancolor)
ESTREIA DO EXTRAORDINÁRIO FILME DE ACÇÃO
OS «HIPPIES» E OS GANGSTERS
com EDDIE CONSTANTINE e JOHNNY HOLLYDAY
NO PALCO: Apresentação do notável e moderno conjunto musical «EKOS»

HOJE. AS 18.30 — S E S S Ã O CLÁSSICA com a famosa comédia picante **«QUARTO PARA DOIS»** (Adultos)

ODEON
(M 12 anos) Tel. 426283
As 15.15 18.15 (p r e 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO TOTAL
UMA EXCEPCIONAL COMÉDIA QUE ENTUSIASMA
com **Conchita Velasco e Manolo Escobar**
QUE CANTA ESPANHA?
MARAVILHOSO FESTIVAL DE CANÇÕES
Grandiosa realização de **José Luiz Saenz de Heredia**

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
Michel Duchaussoy Caroline Delier e Jean Yanne
um dos mais extraordinarios e emotivos filmes do ano!
REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO
Obra-prima em eastmancolor de **Claude Chabrol**
AR CONDICIONADO
(á Av Frei Miguel Contreiras)

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
DESTINO. SUCESSO
AEROPORTO
Dean Martin - Burt Lancaster - Jean Seberg

IMPERIAL
(M 17 anos Tel 45933
As 21.30
A MULHER JAPONESA
O OUTRO LADO DA VIDA

TIVOLI
(M 17 anos Telef. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
4.ª SEMANA
SOPHIA LOREN e MARCELLO MASTROIANNI na película de Vittorio de Sica filmada na Russia
O ULTIMO ADEUS

RESTELO
(M 17 anos) Tel 610375
Às 21.30
Nada fascina tanto como um crime misterioso
QUE IMPORTA MORRER
com **Kirk Douglas**

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 86545
O DESTINO MARCA A HORA SANGUE TOUREIRO

CONDES
(M 17 anos) Tel 322523
As 14.15. 16.30, 18.45 e 21.45
A ternura de um grande amor!
A ferocidade de um comando em acção!
PROBABILIDADE ZERO
c/ **Henry Silva e Katia Christina**

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme ousado e actual em versão portuguesa
MAL D'AFRICA
Technicolo Technicope

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21.0 M 17 anos.
MARINHEIRO FANTÁSTICO
UMA RÉSTEA DE AZUL

CASINO ESTORIL
Às 17 e 21.30 (M. 12 anos)
O OURO DE MACKENNA
com **Gregory Peck**

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15 .o 1.30
Technicolo:
com **Marcello Mastroianni e Monica Vitti**
CIUME, CIUMES... E CIUMENTOS

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Technicolo:
com **Marcello Mastroianni e Monica Vitti**
CIUME, CIUMES... E CIUMENTOS

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30. 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
ORSON WELLES realizou
O PROCESSO
de **Frank Kafka**
com **Anthony Perkins, Jeanne Moreau e Romy Schneider**

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Lar» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na língua» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cobras» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O Processo» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: O Inocente» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «O caso da janela roubada» (12 anos).
PARIS — Às 21.: «Spartacus» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 9: «Hércules e a rainha» (12 anos)
OLIMPIA — Às 9: «Joe procura um sítio para morrer» (17 anos)
ARCO IRIS — Às 21: «Boa sorte Gringo» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Submarino X-1» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Guerra e paz» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Jogo perverso» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «Aquele dia frio no parque» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Missão Batanga» (12 anos)

● PORTO

TEATROS

SA DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O vison voador» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «Fim de festa», pelo T. E. P. (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Borsalino» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Um clube só para homens» (17 anos)
RIVOLI — Às 2 e 30: «Perseguidos no escuridão» (17 anos)
TRINDADE — Às 2 e 30: «John e Mary» (17 anos)
ESTUDIO—Às 21 e 30: «O Cerco» (17 anos)
BATALHA—Às 21 e 30: «O cego desejo» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O ás vale mais!» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Borsalino» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Alvorada de Fogo» e «Hércules contra Roma» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 2. e 30: «A minha tara é o dinheiro!» (17 anos
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Aprendiz de gangster» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O Expresso de Istambul» (17 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «My Fair Lady» (17 anos).
AVENIDA — Às 17 e 45: «O Sétimo Selo» (17 anos) e ás 21 e 30: «O que há de novo, gatinha?» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «O Sinal da Cruz» (17 anos).
SOUSA MARTINS — Às 21 e 30: «A Estrela do Sul» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — SATDIUM — Às 21 e 30: «O Gendarme casa-se» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 2.. «As areias ardentes do Kalahari» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e ás 2 e 30: «O ouro de Mackenna» (12 anos)
PALÁCIO — Às 2. e 30: «Das Ardenas ao inferno» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Stiletto»

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 5 «O homem dos pistolas de ouro» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O grande restaurante» (12 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 2.: «Um homem» e «O Leão» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 2 e 5: «Pistoleiro profissional» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 2. e 5. «Banse (Paixão impossível)» e «Agente Secreto FX-15» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE CHABY — As 21 e 30: «O preço da herança» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (Telef 776905) * **Aeroporto**, Av Gago Coutinho, 0'-D (á Av D Rodrigo da Cunhal (722384) * **Rio de Janeiro**, Av Est Unidos da América — (721409)

ALMIRANTE REIS — Castro, Av Almirante Reis, 76-A (44373)

ALTO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa 235-A (á Alameda) (728277)

ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av da Republica, 58-D-E (77'66') * **Figueiras**, Av Marquês de Tomar, 20 (44995) * **Novais**, Av Luís Bivar, 11--13 (44324)

ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 52-A-B (534027)

AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478)

ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 91-E (844350)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 4 (3'12'6)

BA'XA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros, 126 (326575)

BELÉM — Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (6''454)

BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira 31-A (704828) * **Vitex**, Est de Benfica 373-B (780548) * **J. Ribeiro**, Estrada da Luz, 199-A (780969)

CAMÕES — Sanitas, Pr Luís de Camões, 24 (Tel 322798.

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R de Campo de Ourique, 3 - 33 (686640) * **Elmo**, Rua D Maria Pia, 358-A (686'76 * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, -9 (662838)

CAMPO SANTANA — Silmar, Rua de S Lázaro, 128 (42829)

ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr Francisco de Morais, 1 (771469)

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R Possidónio da Silva, 62-A (Tel. 669485) * **Mota Capitão**, Rua de São Félix, 45-A (660720)

CAMPO GRANDE — Cabrita C Grande, 220-222 (772397) * **Curie**, Av Madame Curie, 5-A (Tel. 778439)

CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Gaiinheiras (790969)

GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 6 (862074) * **Branquinho**, Rua dos Sapadores 87 (842725)

ESTEFÂNIA — Pancada, R Rebelo da Silva, 9 (Tel 43340)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (662327)

LUMIAR — Central do Lumiar, R do Lumiar, 1 (790480).

MARQUES DE POMBAL — Liberal, Av da Liberdade, 219 (43641)

OLIVAIS — Central dos Olivais Rua Alferes Barnabaro Ruas, 7-C, Olivais-Norte (3 5539) * **Antunes Rosas**, R C 1 para a Praça Cidade do Luso. Olivais-Sul (3'36'0)

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa 6-A (Tels 728395--720709).

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (68'947)

REGO — Laranjeiras, R Filipe da Mata 60-62 (76'0d5)

RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A (á Encosta do Restelo) (612248).

SANTO AMARO — Gomes, Sucs., Rua da Junqueira, 326 (638'93 * **Costa**, Rua dos Lusíadas 32 (Tel 636704) * **Dileno**, Rua Alfange Operário 49-A-B (636620)

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (Tel. 38 279

S. BENTO — Fénix, Rua da Cruz dos Poiais, 52 (Tel 67853'1)

● Linha de Cascais

ALGES — Branco, Av Conde G Guerra, 29 (Tel. 212081)

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro -A (T. 242839

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)

OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)

PAREDE — Assis, Av Gago Coutinho — B das Caixas de Previdência (1 2472948

ESTORIL — S. João, S João do Estoril (T 261166).

MONTE ESTORIL — Ostende — R de Espinho, 1 (Tel 260391)

CASCAIS — Cordeiro, Av Comb G Guerra 40, (Tel. 281419) * **Nova**, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 28 044)

● Outra Banda

ALCOCHETE—Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef 234137)

ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis 30 224020

ALMADA — Algarve, R Fernão Lopes, 1 (270271).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrado Nacional 2 -B (22441)

BARREIRO — Avenida, Av Alfredo da Silva 88 (T 2273207)

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est dos Barrocas, 90-A (Telef. 2760'82)

MOITA — Silva Rocha, P da República 6 (Tel. 239029

MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel 230370).

SESIMBRA — Leão, Av Salazar (Tel 22947')

SETÚBAL — Oliveira, L.º da Misericórdia (Tel 22488)

SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telefone 2218560).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco— Rua Elias Garcia, 209 (Tel. 9300 9 * Flama — Rua Elias Garcia, 18-B (Telefone 932485) * Confiança— Av D Nuno Alvares Pereira, 5-A (Tel 938 49)

DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9-A (Te 970528)

QUELUZ — Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950045) * Correia — Lg.º do Mercado, 3 (T 950905).

CACÉM — Central, Rua Elias Garcia, 55 (29400344).

MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins, 285 (Telefone 29'00'2)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim Telef 980456)

SINTRA — Misericórdia, L. Dr Gregório de Almeida 2 (Te 980391)

COLARES—Colares, Abreia (Tel 299088)

● PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 04 (Telefone 35075) * **Comercio**, Rua do Heroismo 30 (Telefone 52583 * **Cancveiro**, R. da Restauração 53 (Tel. 60754. * **Confiança**, R de Santa Catarina 960 (Tel. 22884) * **Costa Cabral**, R. de Costa Cabral 632 (T. 40780) * **Figueiredo**, Rua de Cedofeita, 45 (T 2620) * **Fonte de Moura**, R de Tanger 463 Tel 68444) * **Monte dos Burgos**, R. do M dos Burgos 902 (T. 52279) * **Monte Cativo**, R. do Monte Cativo, 444 (Tel 4687) * **Nova Avenida**, Av Fernão de Magalhães, 692 (Tel 52250) * **Padrão**, L. do Padrão, 342 (Te 52049) * **Pesente**, R das Flores, 04 (T. 20610) * **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Tel 30235) * **Sé de Bandeira**, R de Sá da Bandeira, 236 (Tel. 36687) * **Nacional**, R Senhora da Luz, 56

● COIMBRA

Solum — Rua D. Carolina Michaëlis (tel. 33120) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (telef 22605) * **Santa Isabel** — Avenida Sá da Bandeira (telef. 24916)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado, com nuvens médias e altas, e o vento era fraco a moderado de Sueste por influência conjunta de um anticiclone localizado sobre a Europa Central e de uma depressão centrada a oeste dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 7°; Faro, 7°, Funchal, 17°; Lisboa, 14°; Penhas Douradas, 6°, Portalegre, 4° e Porto 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 16°,5; na água do mar: 16°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

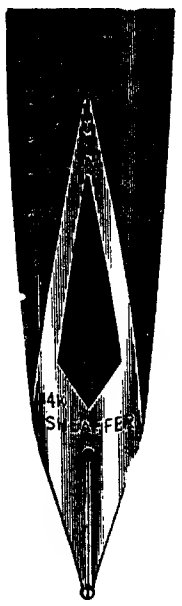
Períodos de céu muito nublado no Norte e Centro e pouco nublado no Sul; vento moderado de Sueste; aguaceiros dispersos; subida de temperatura.

Amanhã
Nascer ás 8 e 31
Ocaso ás 18 e 17

Dia 28 Dia 5 Dia 12 Dia 20

MARÉS:

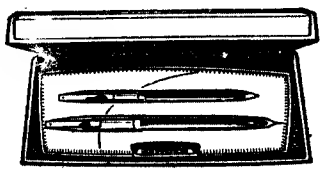
PREIA-MAR: **Hoje** — 2 e 9 (3,6 m); 4 e 34 (3,6 m) **Dia 27** — 2 e 58 (3,7 m); 5 e 13 (3,7 m). **Dia 28** — 3 e 33 (3,8 m); 5 e 22 (3,8 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e 05 (1,4 m), 20 e 22 (1,2 m). **Dia 27** — 8 e 40 (1,2 m); 20 e 57 (1,1 m) **Dia 28** — 9 e 20 (1,1 m); 21 e 36 (1, m)



Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Lisandra ELECTRODOMÉSTICOS, LDA.
NÃO SOMOS A MELHOR CASA, MAS **PROCURAMOS** SER DAS MELHORES.
Pomos ao dispor dos nossos Ex.mos Clientes os **25** anos de experiência dos sócios gerentes **JOÃO LOURENÇO** e **JOÃO PEIXOTO.**
SELECCIONAMOS qualidade e continuidade.
RUA ANDRADE, 55 (Junto ao cinema Lis)

COMBOIOS ESPECIAIS

Previnem-se os Srs. Militares de que, **a partir do dia 8 de Novembro de 1970**, o comboio para militares, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) nas noites de domingo, volta a circular com o horário constante do Cartaz datado de 2 de Outubro de 1969.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE DE MODELOS ANTIGOS E MODERNOS
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 255 — LISBOA

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

PERTO DE SANTARÉM

Morreram três militares num desastre de viação

SANTARÉM, 26 — Às 2 e 45 de hoje na estrada que liga Santarém a Tremês precisamente nos Casais da Barroca, uma viatura da Escola Prática de Cavalaria desta cidade, conduzida por um soldado, devido a encandeamento ou possível avaria mecânica, chocou de frente com um muro.

O embate foi violentíssimo. Tiveram morte imediata o alferes miliciano Carlos Alberto Caetano Viegas e o soldado-miliciano Abel Saraiva, ficando ainda em estado grave um outro soldado-miliciano Carlos Raimundo Peixoto que veio a falecer no caminho para o Hospital Militar de Lisboa, onde deram entrada dois feridos: o cabo-miliciano Henrique Oliveira Leal e o instruendo António José da Costa Rodrigues que a despeito de apresentarem fracturas, estão considerados livres de perigo.

Uns trabalhadores que estavam próximo do local do desastre, num lagar de azeite, pediram socorros para os bombeiros voluntários desta cidade, os quais utilizaram uma ambulancia. Como uma só viatura não chegasse, alertaram a Escola Prática de Cavalaria de onde saiu outra ambulancia.

Os corpos dos dois primeiros mortos deram entrada na casa mortuária do hospital desta cidade.

PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO DE QUÍMICA FISIOLÓGICA DA FACULDADE DE MEDICINA

Terminou hoje, na Reitoria da Universidade de Lisboa, o concurso para provimento de uma vaga de professor extraordinário de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina. Concorreram os drs. Lopes do Rosário, Manuel Halpern e Carlos Manso.

Os candidatos prestaram, esta manhã, a última prova ás 9, 10 e 11 horas, pela ordem em que indicamos acima os seus nomes. Terminada a leitura, apreciação e discussão (com o arguente) da prova prática de cada candidato, o júri reuniu para deliberar.

Cerca das 13 horas, deu a conhecer a sua decisão: aprovados todos os candidatos pela ordem seguinte — 1.º, dr. Carlos Filipe Manso; 2.º, dr. Manuel Halpern; 3.º, dr. Lopes do Rosário.

DR. CARLOS MANSO

MORTE TRÁGICA DE UMA MULHER NUMA PASSAGEM DE NÍVEL

PORTO, 26 — Esta manhã, cerca das 10 e 30, foi atropelada, mortalmente, pelo comboio que saíra de Campanhã para Aveiro, uma mulher que aparenta 40 anos e cuja identidade ainda se desconhece.

A triste ocorrência deu-se na passagem de nível, sem guarda, chamada da China, ao fundo da Rua Barão de Nova Sintra, quando a vítima pretendia atravessar a via férrea conduzindo um tabuleiro com bananas á cabeça.

A ambulancia «115», logo transportou a infeliz para o Hospital de Santo António, onde os médicos se limitaram a verificar o óbito.

De vez em quando

Determinada zona da auto-estrada entre Lisboa e o estádio foi ontem perigosa ratoeira para os automobilistas que a utilizaram. As águas da chuva empoçaram (sim, sim, o piso da auto-estrada tem numerosas poças) e provocaram o despiste de pelo menos quatro automóveis. Num destes acidentes encontrou a morte a jovem que ia ao volante do seu carro e passou naquela zona cerca das 12 horas. Acontece, porém, que já às 8 da manhã — numa atitude louvável — o serviço de noticiários do R. C. P. avisava os automobilistas do perigo que corriam. Mas foi só — pois ao longo de quatro horas não se destacou para o local um único representante da autoridade competente com a missão de prevenir quantos ali passavam. E, como se sabe, no dizer do próprio Presidente do Conselho, a missão da tal autoridade competente é mais preventiva que repressiva.

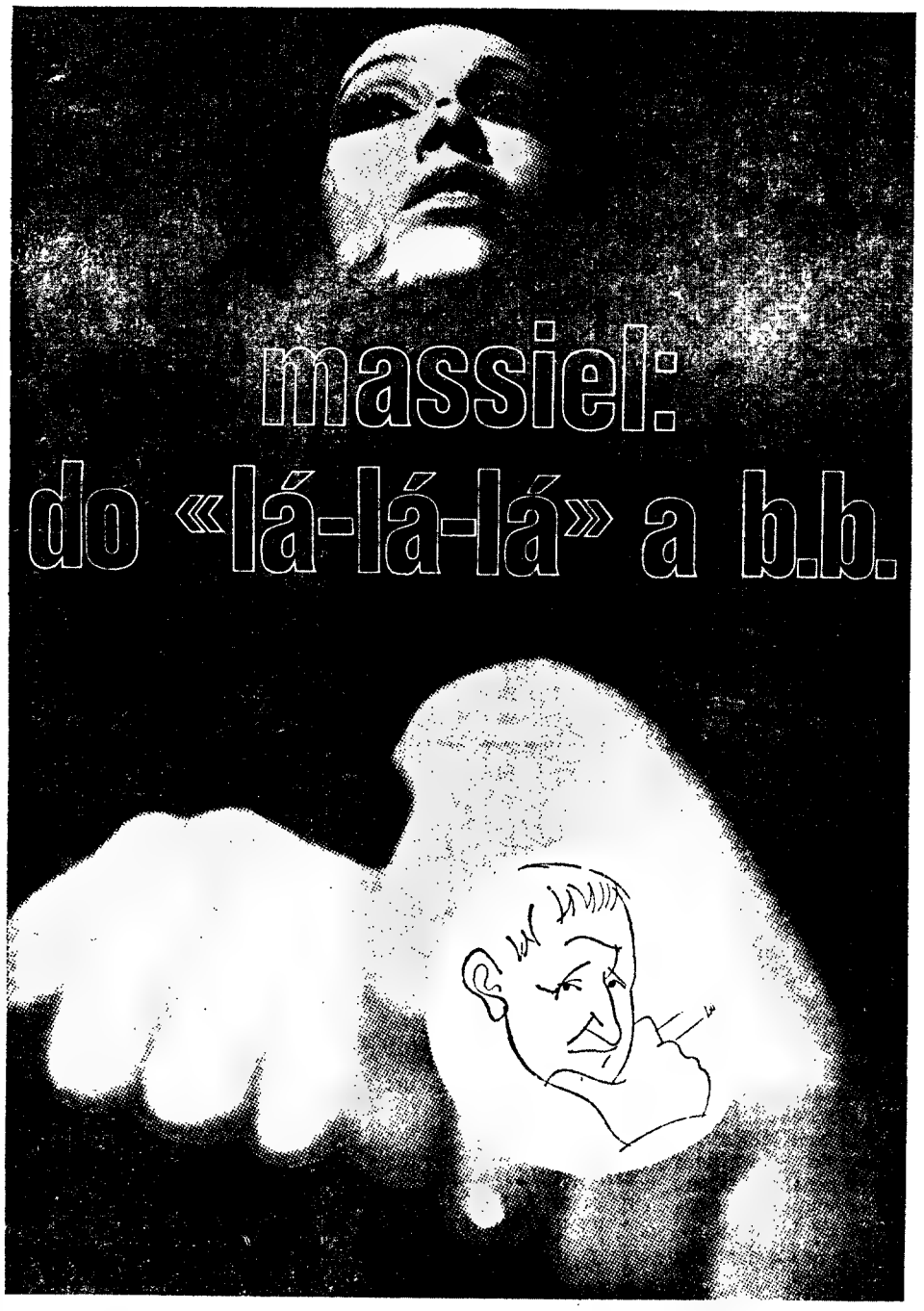
V. D.

AMANHÃ
NÚMERO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE
motor
TODAS AS SECÇÕES HABITUAIS
E AINDA
UM NOVO SUPLEMENTO DO MAIOR INTERESSE
GUIA DO COMPRADOR
Além de apresentar os preços e características dos veículos à venda em Portugal, incluirá ainda uma súmula dos diversos «road-tests» e «impressões de condução» referentes aos modelos já ensaiados pelos nossos redactores
RESERVE JÁ O SEU EXEMPLAR
2$50

SUPLEMENTO LITERÁRIO

639 ■ 26 DE NOVEMBRO ■ 1970

massiel: do «lá-lá-lá» a b.b.



por Carlos Porto

MASSIEL é alguém **em Espanha. A sua fotografia corre as revistas de grande tiragem e a sua história de jovem vista por milhões de europeus e vencedora do mais popular certame internacional do cançonetismo enche de sonhos os corações das** chicas **irmãs. Pois esta Massiel deu um salto que não será exagero considerar mortal: passou da cançoneta ligeiríssima de exportação televisa para os poemas de Bertold Brecht postos em música por homens como Kurt Weil e Hans Eisler. Massiel teve um companheiro nessa aventura: Fernando Fernán-Gómez, outro nome bastante popular na Televisão e na comédia espanholas. Lauro Olmo, o dramaturgo de «O Tinteiro», adaptou os textos e António Diaz Merat, discípulo de Tamayo, dirigiu.**

«A los hombres do futuro, yo, Bertold Brecht» — eis o nome do recital estreado por Massiel e Fernán-Gómez no Teatro Belas-Artes, depois de uma semana de expectativa motivada pela retenção da censura de alguns dos poemas seleccionados.

Agora que sobre o nome e a obra de Brecht se insinua, cai, pesa uma conspiração de silêncio fomentada, em parte, por aqueles que dizem compartilhar dos projectos ideológicos do dramaturgo alemão, é bom ver um espectáculo em que o verbo de B. B. larga as páginas dos livros que envelhecem à sombra das bibliotecas e das livrarias e faz-se voz para que os homens melhor possam entendê-lo. Durante duas horas, centenas de pessoas — e muitas outras se seguiram e seguirão — puderam escutar, na sua maioria pela primeira vez, os ecos que continuam vivíssimos e actualíssimos de uma consciência que acreditava na transformação do mundo mas pedia a indulgência dos vindouros para as nossas faltas de homens vivendo tempos obscuros, porque também a ira contra a injustiça enrouquece a voz.

Este o primeiro aspecto positivo do espectáculo: dar um Brecht vivo para pessoas vivas (embora não aquelas que deveriam ouvi-lo). O segundo, repousa na personalidade dos seus intérpretes. A popularidade de Massiel e de Fernando Fernán-Gómez é factor fundamental para rebentar com os circuitos demasiado reduzidos em que a obra de Brecht habitualmente circula.

É claro que a estes aspectos positivos do espectáculo há a contrapor um aspecto negativo que, em parte, diminuiu e desvirtua o seu interesse e impacto: B. B. foi bela e alegremente traído nesta interpretação dos actores espanhóis. Não nos surpreendamos com isto. É que a obra de B. B. não é apenas um conteúdo que se atira para o público. É também uma forma que para ser interpretada exige uma técnica nova de representar (ou de dizer e de cantar). Para ser justo, devo distinguir o trabalho dos dois intérpretes. Foi em Fernando Fernán-Gómez que os erros de concepção e de criação (de que, òbviamente, cabem grandes culpas ao director do recital) mais visivelmente surgiram. A sua interpretação dos poemas do autor alemão foi um festival de efeitos bem intencionados mas que, pelo seu próprio dramatismo identificador, reduziam a sua força e intencionalidade. O que caracteriza qualquer texto de Brecht é, exactamente, o contrário da linha seguida pelo actor espanhol. Esses textos exigem que o espectador seja posto em causa na sua própria maneira de estar no mundo: devem ser apresentados ao espectador como um material com que este elabora a sua própria crítica a essa maneira de estar no mundo.

«Aqui para nós, esse ofício parece-me desprezível: limitais-vos, representando num palco, a comover os corações preguiçosos. (...) O olho embaciado, a testa em suor, tensas as pernas, os espectadores drogados seguem as vossas exibições. Não surpreende que comprem os seus bilhetes aos pares. Não espanta que amem a obscuridade onde se escondem» («Teatro das Emoções»). Ora, sentimentalizar esses textos é, evidentemente, esvaziá-los dessa condição material. Não estou a dizer com isto que representar Brecht implica uma total despersonalização, ou uma negação das vivências que amplamente subjazem nos seus textos. Suponho que o actor brechtiano terá que estar a meio caminho entre uma interpretação puramente científica, planificada, controlada e uma interpretação pessoal, com certeza de signo stanislavskiano, em que o actor contribua com as suas próprias vivências, embora submetidas a uma óptica distanciadora. Actor e público identificam-se no mesmo impulso emocional em que todas, ou quase todas as possibilidades de compreensão dos fenómenos denunciados por Brecht se perdem. Embora, B. B. é suficientemente grande e suficientemente vastos os seus ensinamentos para não sair destruído deste combate. O mais curioso é que o espectáculo começa sob o signo da distanciação brethiana. Uma simples rotunda, o actor dirigindo-se aos técnicos e, depois, aos espectadores e, logo, dizendo o poema: «A iluminação»: «Electricista, luz para o palco! Como podemos nós, autores e comedantes, apresentar na penumbra as nossas reproduções do mundo? A meia luz crepuscular adormece, e nós precisamos de espectadores acordados, vigilantes mesmo.»

A crítica a Massiel deve ser mais nuançada. A própria música ajudou a cantora a escapar, ou quase, ás armadilhas em que o seu colega caiu. A sua bela voz entendeu essa música e conseguiu mesmo por vezes, atingir a emoção que serve as palavras e a música das canções e não é servida por elas. E a beleza da sua figura no palco ajudou a criar um clima que me pareceu próximo do contexto teatral em que as canções se inscrevem. Compreende-se, assim, que os responsáveis pelo espectáculo tenham esperado um ano por Massiel para o criar.

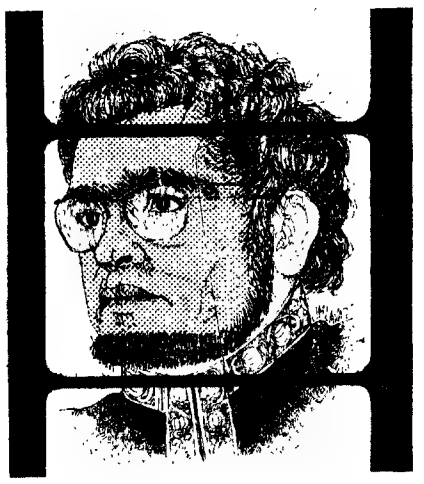
Este recital foi directamente inspirado num outro organizado por Giorgio Strehler para o «Piccolo Teatro di Milano», o que é desde logo uma garantia. Compunha-se de duas partes sem que os poemas se intercalavam com as canções, dando-nos um seu conjunto um instantaneo do itinerário poético e ético de Brecht. Os textos vão de 1918 e 1956, servindo de eixo do programa — na expressão de Lauro Olmo — o poema fragmentado «Aos homens futuros»: Vós que emergeis da torrente na qual nos afogamos pensai quando falardes das nossas fraquezas nos tempos obscuros de onde havereis saído».

A meu ver todo os artifícios usados ao longo do recital, nomeadamente os guerra deveriam ter sido dispensados. Entre os poe-

Cont. na pág. 6

Massiel e Fernán-Gómez: popularizar B. B.

ARRABAL NO CINEMA: UF!...



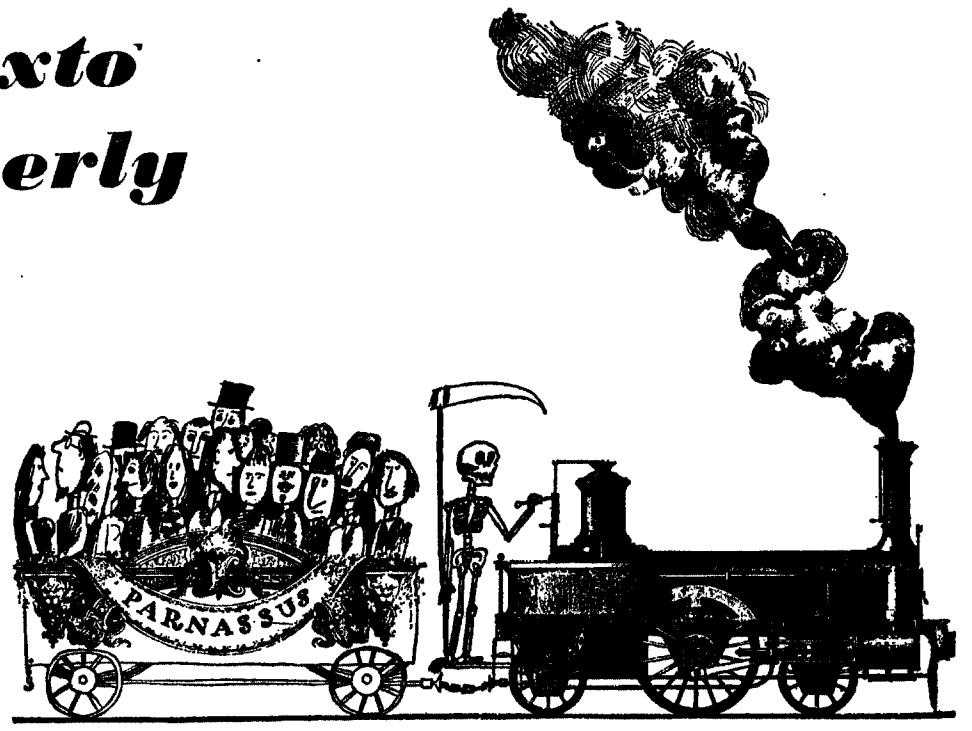
BAAL BABYLONE, de Arrabal (ed. portuguesa: «Estampa», trad. de Ernesto Sampaio), passou ao cinema. Realizador: Arrabal, ajudado, na direcção técnica, por Jack Poitrenaud, autor de uma recente curta-metragem sobre o dramaturgo «pânico» e os seus famosos retratos.

O filme, a cores e a preto-e-branco, foi inteiramente rodado na Tunísia. Mas o que será o cinema de Arrabal? Responde Colette Renard, enviada especial do «Le Monde»: *Um «happening» quotidiano: Arrabal em calção e camisa arrastando toda a equipa na organização dos seus delírios: ziguezagueando pela Tunisia, descobrindo nela uma aldeia espanhola ou paisagens lunares, inventando imagens fabulosas sem levar em linha de conta os imperativos da câmera. Jack Poitrenaud e a sua sólida equipa técnica, entre a imprecisão tunisina e o «happening» arrabaliano, conseguiram guardar, senão o sangue-frio, pelo menos a coragem.*

«Matei-me a provar-lhe todos os dias — disse Poitrenaud — que é impossível filmar ao mesmo tempo o que se passa no interior e no exterior dum quarto fechado». Na circunstância, Arrabal respondia: «Como vês, não gostas de mim...»

Para celebrar o fim do calvário que foi a rodagem de *Baal Babylone*, Arrabal ofereceu uma festa franco-tunisina (vinho á descrição e dança do ventre) num hotel troglodita escavado na montanha. Passado que foi o vendaval *pânico*, devem os tunisinos ter suspirado: Uf!...

Sobre um texto de Ana Hatherly



SE HÁ FACTO que mais tenha caracterizado a «formação ideológica» que à burguesia configura essa é, precisamente, a real impossibilidade de se manifestar como ideologia. O que também se expresse, por outras palavras, numa fundamental e [illegible] discurso em que pretende *dizer-se*. E isto porque ao mostrar-se como ideologia, ela teria de deixar em aberto os pressupostos que a essa ideologia sustentam, o que, evidentemente, seria contraditório ao nível do sistema em que se alicerça.

O discurso burguês — sobretudo aquele em que se disfarça uma pretensa actividade teórica — tem sido e será sempre uma tentativa sem fim para ocultar os próprios pressupostos em que se fundamenta. Ao deixar oculto o seu modo de produzir-se, pretende esse discurso evitar todo o tipo de rupturas ou desvios que do exterior lhe poderiam advir.

Isto, como compreenderemos, porque ele não é suficientemente maleável para suportar a constante reactualização desses pressupostos, sem deixar bem expressas as inevitáveis rupturas que tal reactualização lhe viria por certo a causar. A actividade crítica que do exterior o ponha em causa terá, fundamentalmente, de preocupar-se com a elaboração de um método de leitura sistemática que tenda, sob o emaranhado dos «conceitos», a tornar legíveis os seus essenciais fundamentos.

De toda esta ambiguidade discursiva, o texto com que Ana Hartherly responde à nota de crítica que sobre o seu livro eu aqui publiquei, é um exemplo bem pequenino. Isto porque ao pretender dizer, *não diz*. Porque ao pretender responder, *não responde*. Porque ao pretender justificar-se, *não se justifica*. O seu texto é, enfim, a clara manifestação do *não expresso*, quer dizer, de um vazio fundamental. O que o organiza como *texto* é a sua própria ilegibilidade, a tentativa sem fim para dizer esse vazio em que se articula, ou seja ainda, o absoluto nada.

Tentemos pois ler, com algum esforço, esse *algo* em que tenta fundamentar-se.

1 — O texto pretende *servir* a leitura do livro *ANAGRAMÁTICO* «*sobretudo naqueles casos em que faltem aos leitores ou aos comentadores as condições que consintam uma sua leitura adequada*». Trata-se portanto de um livro que, *à priori*, exige da parte do leitor um certo número de *condições*. Que *condições* sejam não nos é dito. Mas nós todos entendemos. A *culturazinha*, decerto, Ana Hatherly não se esquece de no-la apontar. A frase está aliás de acordo com esta outra: «*em dado momento da história um autor suficientemente caracterizado, teve de lutar contra a estreiteza e o reaccionarismo dos seus contemporâneos e para ser ouvido teve de falar com as próprias armas deles*». Evidentemente que, para esta senhora, *reaccionários* são todos os não contagiados ou contestadores da culturazinha burguesa que ela representa e divulga. É por isso que afirma: «*um autor suficientemente caracterizado*». Não temos dúvidas.

Caracterizam-na todo o processo de elaboração das suas «obras», os «textos teóricos» em que pretende *explicar-se*, as conferências aqui e no estrangeiro em que se divulga, os belos salões literários e culturais e, enfim, o arrojo de considerar «revolucionária» toda esta actividade.

Não temos dúvidas, pois. Estamos todos a brincar uns com os outros. Publicamos livros com páginas em branco, fazemos experiências que outros fizeram há *séculos* e na devida altura, e queixamo-nos depois do *reaccionarismo* dos nossos contemporâneos.

2. O livro reúne, segundo Ana Hatherly textos em «*estilos diferentes*», o que pela definição de estilo não se vê bem como seja possível. (Confrontar as páginas iniciais dos *Écrits* de Lacan).

3. — «*Um autor é já um ser sincrético*»

— «*cada autor usa um formulário*».

— «*um autor é sempre um gerador de formas*».

— «*sei também que ser autor é uma forma de ser atleta*».

— «*uma das características básicas do autor*»

— «*um autor suficientemente caracterizado*».

Pretendem mostrar estas transcrições a importância que Ana Hatherly ainda deposita na noção de *autor*. A palavra aliás, em texto tão breve, aparece inscrita dezoito vezes. Não deixa pois de nos espantar que uma actividade que a si mesma se apresenta como «revolucionária» possa ainda conceder uma tal importância a uma noção que sistemàticamente tem vindo a ser posta em causa pela crítica mais actualizada, sobretudo a de formação materialista (confront. por ex. alguns dos textos insertos em *Theorie d'Ensemble*, ed. du Seuil, pág. 137 por ex.).

O que é uma «*característica básica do autor*»?

Não concorda Ana Hatherly que a questão não tem sentido? Ou será que o *autor* é ainda para si o *proprietário privado* da *obra*? Não reconhece que é tempo de acabarmos a *fétichização* de alguns termos que tanto utiliza como *autor, obra, livro, época, forma*, etc.?

4. «*Muitos dos que têm tribuna e se arvoram (a que título?) em juízes e policiais do trabalho dos outros (...)*».

4.1. Significará a frase interrogativa «*a que título?*» que A. H. pretende pôr em causa o direito de mùtuamente nos contestarmos? Tal não é de crer por parte de quem também afirma: «*não é minha intenção sobrepor-me aos juízos de valor (sic.) que esse meu trabalho possa suscitar*».

Contradições todos as temos. Mas assim maldosas só as que se apoiam em esquemas de pensamento na sua essência desonestos;

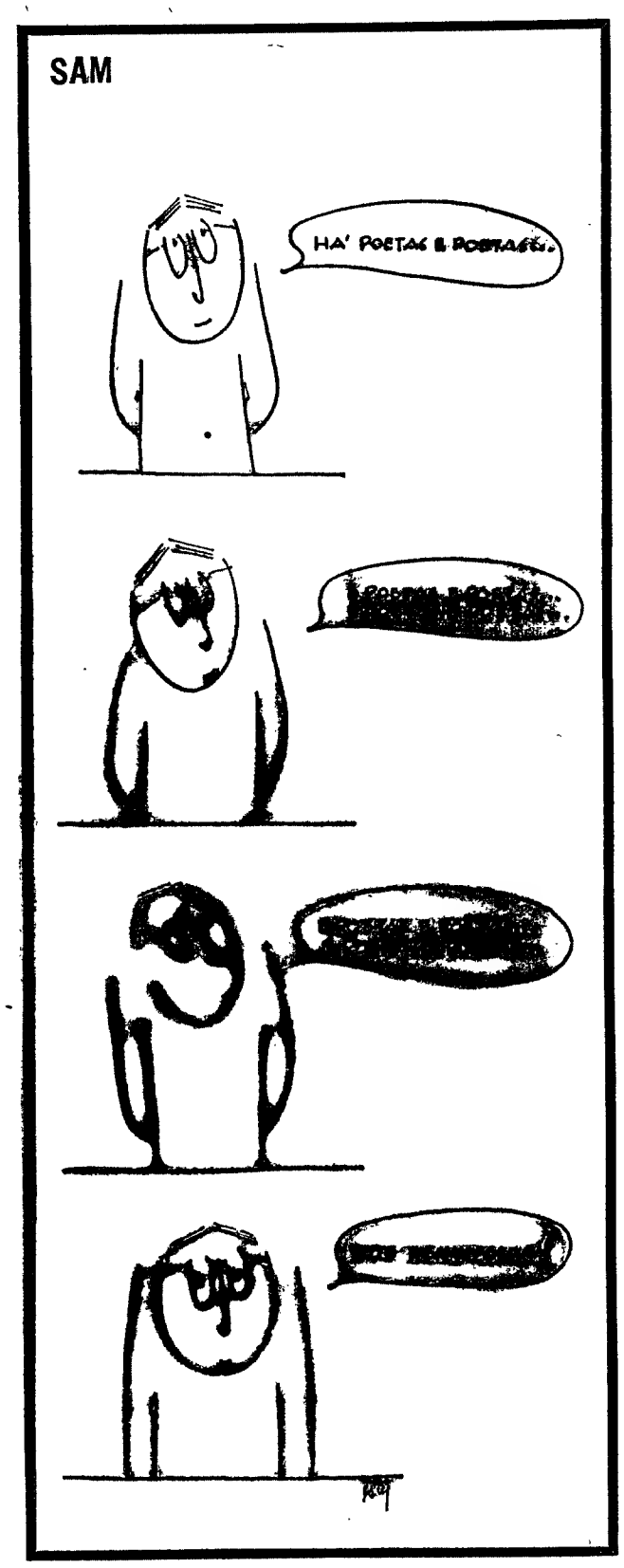
4.2. Quanto ao facto de alguns terem *tribunas* e outros não, só há na verdade uma coisa a fazer. Creio aliás que a solução é idêntica para todos os casos similares: conquistar as tribunas. Quererá fazê-lo, Ana Hatherly? Por mim, apoiá-la-ei. Também sou contra as *tribunas*.

4.3. Releia pois atentamente a frase que escreveu e sinta o ridículo de tê-la escrito.

5. Sei que Ana Hatherly me acusa de *incultura*. Tal é aliás bem *legível* no seu texto. Devo portanto esclarecê-la que a minha posição correcta (pelo menos aquela que *trabalho* para manter) é, mais exactamente, a de um *aculturalismo*.

6. Debrucemo-nos então um pouco sobre o que nos diz Ana Hatherly acerca do seu livro *ANAGRAMÁTICO* para o qual na minha crítica,

Cont. na pág. 7



A água que turva minh'alma
a minha é água turva
turva água a minha
a minha água que turva
turva
a

Que é isto? Um poema do mais fino gosto. Mas

O sabonete alaranjado
a laranja assabonetada
sabonete que é laranja
toda a laranja sabonete
toda
a

POESIA

E
M
T
M
E U
P
O

Que é isto? Outro poema em que se revelam as mais recentes correntes estéticas de modo clarificante. O primeiro chama-se «Alma na Sombra» e o segundo «O Universo Laranja Sabonete». Aberto a todas as tendências rebolo-me por cima destas coisas, encharco-me, empapo-me nelas. Sinto-me mais feliz, mais de acordo com o mundo circundante. Lembro-me das cabeleiras românticas dos vates do século passado, digo «Bah! Aquilo era uma choraminguice!», recordo os revolucionários de princípio e medos deste e sai-me a apreciação «Que pretensiosos!» E estendo-me, deleitado, na poesia do meu tempo.

Sim, eu próprio tive veleidades poéticas. Mas, como isso vai longe! Passou como passam as borbulhas ao nascer da barba. Não insisto. Não conseguiria os notáveis êxitos fonológics e experimentais da era presente. Ficaria como um pássaro empalhado no meio do movimento vivo de um bando de aves excitadas e inventivas.

Não quero ser um bota-de-elástico. Quero acompanhar tudo isto, estar a par da poesia do

É certo que há detalhes que me escapam. Porém creio que acontece a toda gen a te. Esforço-me (Oh! Se me esforço!) por que não digam: aquele é do tempo da Maria Cachucha. Desejo estar de bem com todos os meus concidadãos, especialmente os poetas e literatos, que muito considero.

MANUEL DE CASTRO

DESPOLETAR A LINGUAGEM

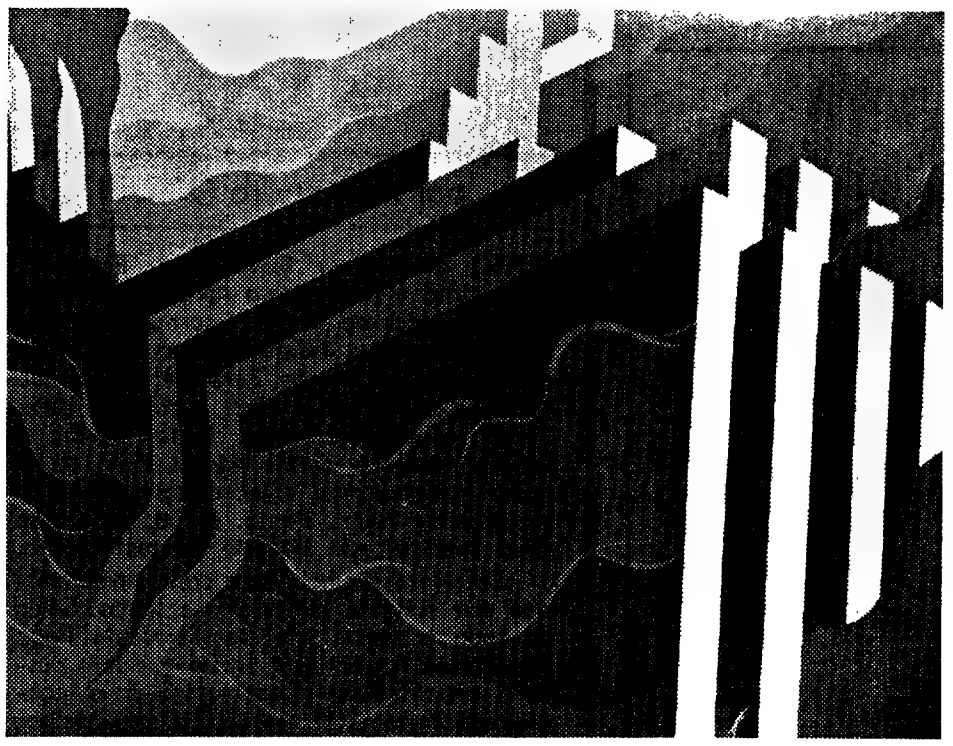
por Rocha de Sousa

DE FORMA IMPREVISTA, com um silêncio aristocrático, a Galeria S. Mamede ignorou o Salão de Verão, para o qual tinha sido convidada, e prescindiu portanto da sua participação nessa importante retrospectiva da actividade das galerias. Atitude aparentemente reprovável e absurda, sobretudo se relembrarmos o indiscutível interesse do programa largamente cumprido pela S. Mamede. Essa atitude poderia, no entanto, justificar-se no plano de um desinteresse pela técnica de exposição seguida no Salão de Verão, pela deficiente apresentação das obras numa montagem árida e amadorística, pela manifesta ausência de relações que na altura se verifica. Seja como for, essas seriam então razões suficientemente fortes para se exprimirem em resposta escrita ao convite formulado, a fim de que a discordância se transformasse numa crítica dinâmica e construtiva. E adianta-se este comentário porque nos parecer que o actual programa da Galeria. S. Mamede, do qual já destacámos a exposição de Eurico Gonçalves, começa a revestir-se de novo de uma probidade exemplar, cuja representação no balanço da temporada em curso se nos afigura mais uma vez indispensável

CARLOS CALVET
Galeria S. Mamede

A exposição de Carlos Calvet vem confirmar, com algumas alterações de escala e de conteúdo a que faremos aqui uma breve referência, o sentido geral da sua pesquisa desenvolvida nos últimos anos.

Até há relativamente pouco tempo, sobretudo na exposição que efectuou na Galeria Buchholz, Carlos Calvet apropriava-se das coisas referenciando-as num contexto absurdo. A sua visão dilatava-se e recaracterizava-se á medida que o pintor se aproximava dos objectos e dos detalhes, integrando-os numa proporcionalidade absurda e construindo-os segundo uma monumentalidade enfática que os separava definitivamente da sua significação imediata. Num tempo imobilizado, chiriciano, o rigor da representação revestia-se de uma acidez ao mesmo tempo irónica e soturna. A viagem de Carlos Calvet referia-se naturalmente, por vezes com uma eficácia inquietante, ao comportamento estético motivado pelo surrealismo, sobretudo, na medida em que rompia com as coordenadas temporais, com a ordenação lógica do espaço e das coisas, separando-se das aparências e misturando o real e o imaginário, o exterior e o interior, coisificando as imagens subconscientes para além do mecanismo perceptivo comum. A dimensão dos próprios quadros com isso se relacionava, na medida em que o espaço pictórico, pela sua extensão, contribuía para uma leitura menos descomprometida, diante de um espectáculo inegável votado ao espanto e à agitação de sentidos sem fronteira. Nesse contexto, o pormenor elegia-se á condição de coisa ou de personagem, numa tensão que se estabelecia pela alteração da escala e da lógica das relações habituais, obrigando o espectador a sinalizar o mundo através da sua presença, decidindo uma determinada simbologia quando dela necessitava. Por outro lado, os objectos (e os pormenores) tinham tendência para não desligar a leitura da memória do mundo quotidiano, referindo irònicamente localizações, aparências e consumos que pressupunham uma recriação crítica de certos *cenários* sociais.



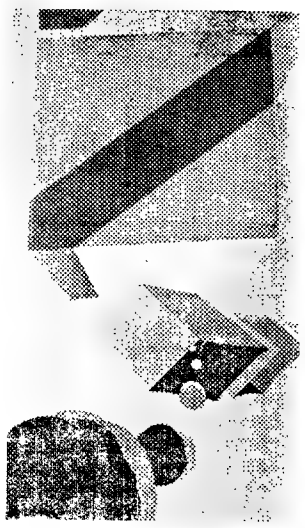
Calvet («Todas as noites, ao amanhecer...»): um certo mistério

SUMÁRIO DE ALGUMAS DIFERENÇAS

Numa formulação mais abstracta, a obra actual de Carlos Calvet conserva da sua proposta anterior apenas um certo mistério, a receita dos desencontros, as repetições, os cortes, as perspectivas absurdas. Os objectos e os pormenores tornaram-se (quase) irreconhecíveis, indiferenciáveis, reduzindo a dinâmica inventiva da leitura e portanto os movimentos criadores da actividade visual. Dantes, embora numa dimensão espacial diferente, a memória da visão absurda e metafórica de Chirico poderia em certa medida referenciar-se na pintura de Carlos Calvet. A sua *densidade* era pelo menos do do mesmo tipo. Agora é justamente a perda dessa *densidade* que nos distancia dos objectos, aí onde eles ganharam uma escala mais doméstica e uma claridade cromática mais decorativa, quase sempre alheia á dimensão inquietante do honho que sobrevive atrás da sua cortina enganadora.

Além disso, e apesar da atmosfera aliciante que a sua pintura comporta, Calvet insiste num comportamento oficinal que, na pequena escala, mais se afasta da eficácia. As tintas procuram-se planas, sem modulação textural, graduando-se por zonas tonais lisas que simulam as três dimensões, mas o exercício laborioso da mão e dos pincéis trai com frequência esse ponto ideal evidentemente perseguido. Dantes, Calvet não se esquecia de evitar essa contradição utilizando certos esquemas de tratamento que se reconheciam na deliberada afirmação pictórica dos meios. Agora esses meios encontram-se disfarçados por um apuramento esforçado, mas que a técnica (inapropriada) desvenda e não explica.

Ao retirar o detonador à sua construção pictórica mais característica, Carlos Calvet arrisca-se a produzir coisas preciosas como um fato requintado que não veste corpo nenhum. ■



Calvet (na S. Mamede): «Traz no seu seio nadas», ou o risco das coisas preciosas

OS CRÍTICOS E A TELEVISÃO

A MAIOR PARTE dos críticos de televisão parece estar de acordo quanto à forma de actuação dos críticos de artes plásticas no pequeno «écran». Essa forma é em geral condenada por não se adaptar às exigências de comunicabilidade que a televisão pressupõe, desde o sábio despojamento da palavra à invenção e dinâmica da imagem. No seu caso, os críticos de televisão têm consciência de que escrevem para um público vastíssimo, irremediàvelmente heterógeneo, circunstância ao mesmo tempo espinhosa e aliciante no que se refere â formulação da linguagem capaz de permitir uma comunicação eficaz. Nesse aspecto, os críticos de artes plásticas cometem de facto mais pecados: escrevem, na maior parte dos casos, em jornais de grande circulação e fingem ignorar a natureza do público a quem se dirigem. Antes se permitem acreditar na importância da sua forma, da sua invenção, mais do que no próprio papel social da crítica enquanto actividade capaz de estabelecer a ponte entre a obra de arte e o público. Por outro lado, os críticos de televisão decidem enfrentar a deprimente heterogeneidade de valores dos programas apresentados, mas os críticos de artes plásticas assumem a vantagem de uma produção menos regular, segregam e seleccionam conforme as circunstâncias e a doutrina.

Seja como for, o problema da actuação dos críticos de artes plásticas na televisão não pode colocar-se, quanto a nós, de forma tão esquemática. Reconhecemos que há uma deslocação da linguagem para um tom rebuscado, fazendo recurso de nomenclaturas em parte dispensáveis. No entanto, deve talvez dizer-se que o público (entidade abstracta, aliás) não precisa apenas da papinha feita à sua medida (qual?) e do seu grau de compreensão (qual?). Nem toda a música projectada pela TV é acessível a todo o público, nos seus níveis e preferências. A linguagem altamente técnica dos comentários desportivos é aceite como satisfatória e cremos que a sua aprendizagem por parte do público se deve sobretudo a uma grande prática de convívio com ela.

O problema é na realidade mais vasto e transcende o crítico provisòriamente feito comentador de TV. Esse faz o seu papel o melhor que pode, no seu campo, talvez diante do seu público, com os meios técnicos e o vocabulário indispensáveis a uma comunicação minimamente satisfatória. O problema da educação das populações, que resolverá o da opção estética e o da consciência crítica perante circunstâncias diversas, transcende efectivamente o âmbito das situações esporádicas em que têm actuado, na televisão, os críticos de arte. Nem todas as situações e posições podem ser didácticas. Mas talvez já possa caber à televisão, de acordo com o empenho do próprio Estado, empreender à escala nacional uma acção educativa de base no campo das artes visuais. Aí está: seria um grande erro convidar críticos de arte para tal tarefa.

GUIA DAS EXPOSIÇÕES

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN *Av. de Berna*	**Arquitecto RAUL LINO**	retrospectiva
GALERIA INTERIOR *R. Camilo C. Branco*	**SÁ NOGUEIRA, MARIA VELEZ, CHARRUA, A. SENA**	tapeçarias
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**GUILHERME PARENTE**	gravura
GALERIA S. MAMEDE *R. Escola Politécnica*	**CARLOS CALVET**	pintura
GALERIA 111 *Campo Grande*	**JORGE MARTINS**	pintura
GALERIA JUDITE DACRUZ *Rua do Alecrim*	**VIRGÍLIO DOMINGUES**	escultura
SALÃO DA S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO MOBIL**	pintura, gravura, escultura, objectos

(*) Este Guia assinala as exposições que nos parecem mais significativas, de acordo com a informação e a mobilidade de que dispomos.

CONCILIUM

REVISTA INTERNACIONAL DE TEOLOGIA

Acaba de aparecer a nova série em língua portuguesa, agora em edição das Editoras Vozes e Herder, a partir do n.º 51 (que é o primeiro do ano 1970).

Assinatura (10 números) ..... 440$00
Número avulso ..... 50$00

Distribuidora em Portugal:

MULTINOVA
UNIÃO LIVREIRA E CULTURAL, LD.

Av. Santa Joana Princesa, 12-E — LISBOA 5

A contradição na poesia de André du Bouchet

por António Ramos Rosa

PODEM-SE ENCONTRAR por certo na poesia portuguesa muitos exemplos de simplicidade que denunciam uma certa tendência lírica genuína, mas já encontramos menos aquela simplicidade que se torna paradoxalmente obscura e difícil por revelar uma relação com o real extremamente tensa, de que resultam, segundo a fórmula do grande poeta francês Pierre Reverdy, «esses cristais depositados após o efervescente contacto do espírito com a realidade». Esta simplicidade elemental, decorrente de uma redução em que todas as excrescências da relação eu-mundo desapareceram, revelando a nudez exemplar que o poema alcançou na sua luta com o real, pode apresentar-se, de facto, tão difícil como o mais complicado barroquismo de certos poemas modernos. O poeta francês André du Bouchet, que se insere numa corrente antidiscursiva que se iniciou com Reverdy e se reforçou com Guillevic e Jean Tortel, é o exemplo mais flagrante do que acabamos de afirmar. Todavia, o rigor e a simplicidade de Guillevic e de Tortel não possuem, pelo menos em tão alto grau, o carácter abrupto e imediato das formulações poéticas de André du Bouchet, de que damos este exemplo: *«Je vais droit au jour turbulent»*. Qualquer coisa de extremamente imediato nos revela a confrontação directa com o real no interior da própria acção poética. Aliás, as relações de interioridade-exterioridade, distância-proximidade, profundidade-altitude são as que neste poeta se apresentam mais amiúde com um carácter ambivalente, traduzindo a relação com uma realidade vivida que, longe de se oferecer, estática, já dada, é antes defrontada dinâmicamente na sua obscuridade real. A realidade é, de facto, *outra* transcendente à consciência irredutível à ilusão ou exaltação lírica, rebelde a todo o abandono, inacessível a uma percepção que de certo modo se não volte sobre si própria, sobre a fonte que a ilumina e a possibilita. Esta recusa de uma fácil adesão lírica do eu ao mundo, decorre da exigência de uma busca essencial, da necessidade de um verdadeiro contacto com o originário. A consciência da alteridade do mundo e da sua transcendência não resulta em negação da unidade, do «efervescente contacto entre o espírito e a realidade», de que nos fala Reverdy. A «démarche» de André du Bouchet resulta afirmativa, conduzindo ao desnudamento essencial de uma mútua implicação do homem com o mundo. Toda a orientação poética de du Bouchet conduz à eliminação da separação entre «ser» e «consciência de ser» (1), o que o leva à superação de uma poética do «olhar» e da percepção confiante na realidade aparente do objecto. *«Un chemin comme un torrent san souffle. Je prête mon souffle aux pierres. J'avance avec de l'ombre sur les épaules». «L'horizon est proche du seuil de la pièce où je suis perdu». «Je marche réuni au feu, dans le papier vague confondu à l'air, la terre desamorcée. Je prête mon bras au vent».* Vemos nestes enunciados a eliminação da distância entre sujeito e objecto, entre o eu e o real. A simplicidade dos poemas

Cont. na pág. 6

Junte-se ao
CLUBE EXPRESSO

...e poupe tempo na escolha e dinheiro na compra dos seus livros.

Criámos uma forma nova, mais cómoda e económica de escolher a sua biblioteca. Aceitamos como membros do Clube Expresso um número restrito de accionistas, titulares das nossas acções especiais e verdadeiramente interessados em investir na sua formação literária e cultural.

ESCOLHA! Oferecemos-lhe a produção de editoras altamente credenciadas — Estúdios Cor — Presença — Horizonte — Prelo — Delfos — Estampa — Seara Nova.
Vantagens especiais na aquisição das revistas «Seara Nova», «Vértice» e «O Tempo e o Modo».
APROVEITE! Enviamos-lhe semestralmente um catálogo completo que inclui obras de todos os tipos, da Literatura à Sociologia, da Política à Arte. Enviamos-lhe também um suplemento mensal informativo dos novos títulos acabados de sair e a publicar no próximo mês.
Damos-lhe assim, a vantagem de **escolher comodamente** em sua casa os livros que preferir e de os receber pelo correio através de pedido por um simples postal RSF.
APROVEITE AINDA os preços especiais, exclusivos para os membros do Clube Expresso: passe os olhos pelo catálogo e compare...

INSCREVA-SE! É fácil. Basta adquirir uma acção especial, nominativa, **apenas por 100$00**. Passará automàticamente a poupar **sempre** tempo na escolha e dinheiro na compra dos seus livros.

CLUBE expresso

Apartado 21.100

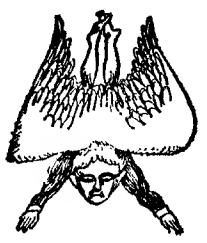
Lisboa

É favor enviarem-me, sem compromisso, o vosso catálogo semestral e informações para inscrição como membro do CLUBE EXPRESSO

Nome .....

Morada .....

O testamento de Perso



por Alexandre O'Neill

PERSO quis fazer testamento. Fina dor para cima e para baixo no pescoço levou Perso à ideia de fazer testamento. Justa, a sobrinha, disse-lhe que não, que não, que aquilo era imaginação. Perso pegou na mão da cega e pousou-a sobre o coração dele, Perso. «Justa, sentes?». Justa leu-lhe o braille cardíaco e não sorriu, nem de si para consigo sorriu. «Seja como quiseres!», resignou-se Justa. Perso, então, sentou-se para meditar um bocado no testamento.

Em vinte e cinco anos concentracionários que juntara ele? Selos e livros. Selos de toda a parte, até da Terra do Fogo (República Argentina); livros que iam desde o «Assim falou Zaratrusta» à «Mecânica do Automóvel em 10 lições». Melhor seria vender selos e livros e depositar o dinheiro obtido em nome da cega, sua única herdeira. «Herdeira presuntiva!», rectificou, para si mesmo, Perso. Contemplou Justa. A cega, pela primeira vez naquele dia, tenteava um sorriso. «Em que pensas, Justa?». «Estava a lembrar-me do tempo em que me descrevias os selos. Recordas-te do pássaro Quetzal? E do antropóide de Java? E da coroação da rainha de Inglaterra?». Perso teve grande pena. Pensou: «Que vai ser dela, coitadita, quando eu morrer?». Disse: «Ora, Justa, depois da operação hás-de ver tudo isso com os teus próprios olhos!». Perso de há muito sabia que a cega não recobraria a vista, mas mentia-lhe sempre. Justa, agradada, virou para o lado dele um sorriso quase gaiato. «Quando vem o médico americano?», perguntou Justa. «Mais mês, menos mês», respondeu Perso. «Sabes que este mês ainda não me apareceu **nada**?», disse Justa.

«Selos e livros...», recomeçou Perso, mecânicamente, a inventariar.

DA ROMA IMPERIAL AOS E. U. A.

«OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM»

por Lourenço Alves

Na Roma imperial antes de Cristo. Os homens que se vão matar só para divertimento da multidão entram no circo e, antes de iniciarem os combates, dirigem ao imperador a saudação da praxe: «Os que vão morrer saúdam-te, ó César!» Esses desgraçados eram chamados gladiadores.

«Os cavalos também se abatem»: *«novos gladiadores» para a evasão*

Nos E.U.A., em 1930. Aqui o circo tem outro aspecto: é um recinto coberto, decorado e iluminado vivamente como se se destinasse á mais alegre e saudável das festas. Tem uma pista de dança e, em círculo, bancadas para os espectadores. O imperador não estará presente, mas os jogos são obra sua. Quanto á saudação, essa, com o andar dos tempos, caiu em desuso. É aqui que os modernos gladiadores vão travar o seu combate, que, embora sem armas, nem por isso é menos cruel do que as medonhas carnificinas da arena romana. Apenas uma diferença: trata-se duma competição realizada dentro das boas regras da civilização americana e os gladiadores não são «escravos», mas «jovens dançarinos» que «voluntáriamente» vão disputar um prémio de 1 500 dólares numa prova de resistência.

Os «jovens dançarinos» são um velho marinheiro, uma desgraçada mulher em adiantado estado de gravidez, o seu marido, tão desgraçado como ela, uma jovem suficientemente lúcida para compreender que caminha para o matadouro, e uma multidão de deserdados da grande sociedade da abundância.

Depois, depois... é a inacreditável abjecção a que o ser humano pode ser reduzido, a mais desapiedada indiferença pelo sofrimento, o escarro lançado á humanidade, o homem tornado coisa cuja finalidade é proporcionar lucro.

Tudo se pasa no terreno da mais estrita legalidade. Há um médico (que médico!)... e enfermeiras de serviço permanente para prestarem assistência aos «dançarinos» em caso de necessidade (fala-se de aspirinas e de pomadas para os pés...) e há até bandeiras (pelo menos uma) dos E.U.A. a ornamentarem o salão. Quem quiser pode abandonar a prova. Enquanto ela dura, são fornecidos gratuitamente alimentos aos «dançarinos», oferta que não é extensiva ao par vencedor, pois este terá de pagar as despesas que fez.

São centenas de horas vividas «voluntáriamente» numa sala de tortura, até sobrevir o esgotamento ou a morte. E, quando esta surge, apenas há um responsável: a vítima. Porque ela estava empenhada numa competição e colocou o «seu orgulho», a «sua vontade de vencer», a «sua ânsia de glória» acima das contingências duma fatalidade. O empresário e o médico «não podem» bem entendido, opor-se á legítima determinação dos concorrentes que querem vencer a prova. Estamos, pois, perante uma morte legal que não pode perturbar consciên-

Cont. na pág. 7

BOLOR

AUGUSTO ABELAIRA

Um escritor de primeiro plano da moderna literatura portuguesa

COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES | 2.ª Edição 40$00

uma edição LIVRARIA BERTRAND

APARTADO 37 - AMADORA

prontuário das letras

A Bolsa dos Esgotados no Porto

Temos feito aqui referências frequentes a livros usados e sua cotação. Mais curioso, desta vez, o 7.º catálogo de esgotados, que nos chega do Porto pela mão do alfarrabista Manuel Ferreira. Os preços são eloquentes, como vamos ver.

No sector das revistas anotem-se as colecções completas de *Afinidades*, por 1 000$00; *«Árvore»*, 1500$00; *«Athena»*, 2500$00; *«Atlântida»*, 2000$00; *«Aventura»*, 2000$00; *«Cadernos de Poesia»*, 1800$00 (as três séries, uma raridade); *«Graal»*, 900$00; *«Icaro»*, 600$00; *«Quatro ventos»*, 600$00; e *«Távola Redonda»*, 3000$00. Publicações de número único vão desde os 300$00 da *«Cassiopeia»* aos 2000$00 do *«Centauro»*. Chamamos também a atenção para a *«Revista de Comércio e Contabilidade»*, vol. I, Janeiro-Junho de 1926, que pela particularidade de ter Pessoa como colaborador atinge a bonita quantia de 1500$00. Aliás o poema em inglês *«Antinous»* do mesmo autor, 16 páginas na edição original (de 1918), vale... 2500$00.

Registámos outros títulos de outros autores, a saber: *«Praça da canção»*, de Manuel Alegre, 250$00; *«A engomadeira»*, de Almada Negreiros, 1600$00; *«Até amanhã»*, de Eugénio de Andrade, 200$00; *«Poesia»*, de Raul de Carvalho, 100$00; *«Confusão»*, de Adolfo Casais Monteiro, 450$00; *«Búzio»*, de João José Cochofel, 150$00; *«Notas de crítica literária»*, de Luísa Dacosta, 100$00; *«Mais e mais»*, de Saúl Dias, 250$00; *«Poemas»*, de Mário Dionísio, 300$00; *«Os poemas de Álvaro Feijó»*, 300$00; *«O caminho fica longe»*, de Vergílio Ferreira, 900$00; *«Eléctrico»*, de José Gomes Ferreira, 150$00; *«Um homem de barbas»*, de Manuel de Lima, 120$00; etc., etc.. Resta acrescentar que a esta hora muitos livros já desapareceram da prateleira: há um público, dizem-nos, particularmente interessado nas primeiras edições esgotadas.

Romance novo

A Prelo pôs à venda um novo romance de Álvaro Guerra: *«A Lebre»*. Revelado há anos pela mesma editora, Guerra trabalhou bastante tempo na publicidade até resolver dedicar-se exclusivamente à literatura. Está hoje radicado em Paris, de onde vem a notícia de que uma casa americana pretende traduzir-lhe pelo menos um livro.

Outras novidades

MURTEIRA, Mário — Professor universitário, antigo director do ISCEF, a Moraes publicou-lhe: *«Portugal, Anos 70»* (colecção Mundo Imediato).

MAGALHÃES, Joaquim — De seu nome completo Joaquim Antero Romero Magalhães, jovem licenciado em História pela Faculdade de Letras de Coimbra. É precisamente a sua dissertação de licenciatura — *«Para o Estudo Económico do Algarve no Século XVI»* — que agora veio a lume na Cosmos.

PEREIRA, Miriam Halpern — Desta historiadora, anuncia também a Cosmos a próxima publicação de *«Livre-Câmbio e Desenvolvimento Económico: Portugal na Segunda Metade do Século XIX»*, que foi a sua tese de doutoramento na Sorbonne.

GUIMARÃES, Dórdio — Um novo livro de poesia: *«Os Cinco Sentidos de Lisboa»*. Dono de um metaforismo exuberante, como escreve Urbano Tavares Rodrigues, Dórdio entrou agora no catálogo (reduzido em questões de poesia) da Galeria Panorama.

CORTESÃO, Jaime — O 19.º volume das suas obras completas está já nas livrarias: *«Eça de Queiroz e a Questão Social»* (Portugália).

Eça: estudado por Cortesão

M. de Lima: de 5 a 120

FLORIOT, René — Advogado e romancista, Armando Bacelar traduziu-lhe (e a Civilização deu à estampa) o volume de ficção: *«A Verdade por Um Fio»*. Personagem central: um erro judiciário

FONSECA, Lília da — Ou nova incursão nos domínios da literatura infantil, com *«Histórias de Animais»* (colecção Carrocel). Lília da Fonseca é também a animadora do Branca-Flor, um teatro de fantoches.

CHEVALIER, Maurice — Está vivo e canta. Também escreve: a autobiografia, claro. Êxito compensador, na edição original, o famoso escritor sairá em português com a chancela da Bertrand.

LARTÉGUY, Jean — Igualmente na Bertrand, e, para breve, um novo livro do autor de *«Os Centuriões»*. Título: *«Todo o Homem É Uma Guerra Civil»*.

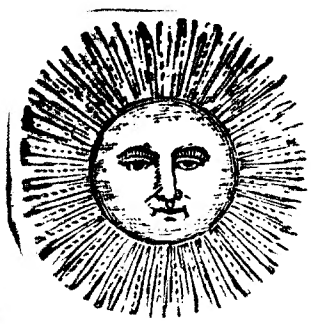
LEME, José da Câmara — Ainda na Bertrand, e na sequência de *«Chegar é já em si bastante»* e *«Repórter no Vietnam»* uma terceira obra: *«O Herói»*.

Nome de guerra: Signum

Signum é o nome de uma nova editorial portuguesa, com sede em Lisboa (Avenida António Augusto de Aguiar, 90, 7.º) e ambições precisos, a avaliar pelos primeiros lançamentos. Que ão: *«Maternidade e Biologia»*, de Jean Rostand, *«Os Novos Processos de Moscovo»*, de Jean-Jacques Marie e Carol Head, e *«Memória Destruída»*, de Rogério de Freitas. Um voto do Prontuário — escolha criteriosa de títulos, boas traduções sempre que possível (isto é, sempre) e a correspondente prosperidade.

Ruben A.

Terminamos com uma referência ao novo Livro de Ruben A., *«Páginas VI»*, que a Parceria A. M. Pereira lançou há dias no mercado. Experiências, viagens, leituras — deste cadinho vai a prosa pessoalíssima de um autor classificado pela sua editora como «caso singular das letras portuguesas» e que é, anos volvidos sobre a estreia, a mesma voz heterodoxa e viva.



A contradição na poesia de André du Bouchet

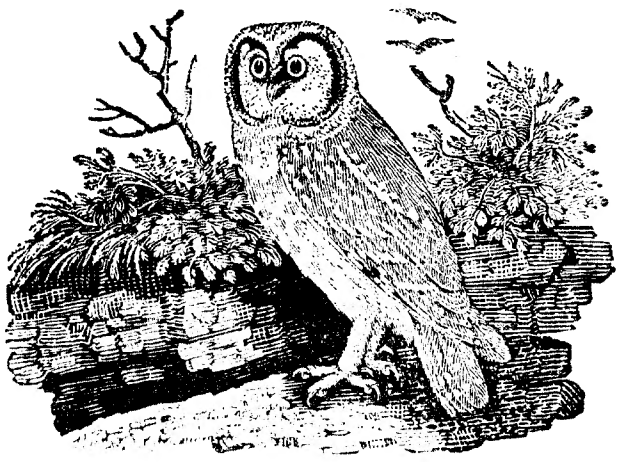
Cont. na pág. 4

de André du Bouchet não provém de uma observação objectiva e fria, porque a um tempo partem de e tendem para esse ponto extremamente indefinido em que o sujeito se confunde pela sua própria marcha com a realidade movente. O crítico Olivier de Magny comenta assim esta identificação: «O poema de André du Bouchet cria o lugar da sua verdade, um lugar em que se elimina toda a contradição entre exterior e interior, entre a altitude e a profundidade, entre o próximo e o longínquo, em suma, entre o *eu* e o real, entre a visão e a vida. O olhar, a visão só conhecem as dimensões do imediato (2).» Assim, o poeta, como afirma o seu melhor e mais exaustivo exegeta, Jean Pierre Richard «descobre ao mesmo tempo, pela marcha que o abre e que abre o mundo, o seu próprio ser e o ser do mundo.» (3) Por isso, o fogo ou a luz do dia não são vistos objectivamente através da distância separadora do *regard*, mas vividos na (con) fusão perceptiva, como nos revela esta frase: «ce qui nous précède dans l'été». Daí que o poeta possa falar de «le côté sourd du ciel, le côté que je n'avais jamais vu», de «la face de la terre qu'on ne voit pas», que estão a um tempo além e aquém de toda a visão nesse ponto indeterminável e indefinido que a acção poética tende a configurar. Leia-se este pequeno poema de André du Bouchet

PRÈS DE CE QUI T'ÉCLAIRE

Près de ce qui t'éclaire,
aussi loin que l'étendu où le malheur se démet, déjà j'entends, plus loin, le roulement de l'air sur la terre sèche. La rosée nous serre.

É evidente que se nos oferece aqui um espaço em que a tensão próximo-distante, aqui-além, foi resolvida admiràvelmente no seu ponto de concentração máximo: *«La rosée nous serre». «La rosée»* que *«nous serre»*, por mínimo que seja tal orvalho no seu volume real, condensa aqui, poèticamente, *o «près de ce qui t'éclaire»* e o *«aussi loin que l'étendue»*, e é através da expressão *«nous serre»* que se opera a transformação de um orvalho «visto» num orvalho que, na vivência recriada do poema, possui o poder dilatador de comprimir, manifestando correlativamente, a íntima proximidade e a comunhão do *«nous»* do poema com a natureza envolvente.



Segundo Jean-Pierre Richard, a poesia de André du Bouchet defronta permanentemente um obstáculo que, sob a forma de um muro ou do próprio ar, manifesta a dificuldade, ou impossibilidade mesmo, de a consciência se identificar à realidade exterior. O verdadeiro obstáculo é a própria consciência que se interpõe à inserção plena no real

Tal é a contradição desta poesia e o seu verdadeiro motor. Ela tende à máxima ausência da consciência como obstáculo para se entranhar na realidade e abolir toda a distância separadora entre o eu e o mundo. Tende, por conseguinte, à ausência (*in*consciência) «ausência que eu não posso, no entanto, conhecer senão estando lá para a sentir como tal, permanecendo de um certo modo presente à sua ausência» (4). É a mesma impossibilidade que o nosso Pessoa exprimiu também no célebre poema «A Ceifeira»: *«Ah poder ser tu sendo eu!/Ter a tua alegre inconsciência/e a consciência disso!»*. Sòmente, esta impossibilidade que Pessoa expressa no seu admirável poema, é em André du Bouchet experimentada na tensão permanente da sua poesia que parece, toda ela, absorvida pelo dilema da consciência, dilema este de certo modo comparável à aporia filosófica que consiste na dificuldade de conciliar a transcendência dos objectos reais, com o princípio de imanência a que se sujeita tudo quanto cai sob a alçada da consciência.

Tal obstáculo, porém, não é irremovível para André du Bouchet, como já se viu nos exemplos dados. O carácter abrupto e agressivo desta poesia apenas fornece ao leitor os elementos essenciais de um movimento de progressão constante, de uma marcha que não se detém perante o obstáculo. Daí uma poética da agressividade, da incisão, da penetração dolorosa: *«Labour c'est cette lame que je verrai, j'entendrai»*, *«Et le jour bêchera notre poitrine»*. Mas do mesmo passo, uma poética do espaço e do ar livre, da grande e aberta confrontação com os elementos, da grande vontade de presença no mundo, de uma verdadeira «experiência criadora do mundo» (5), como a define Olivier de Magny.

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Nota biobibliográfica de André du Bouchet: Nasceu em 1924, em Paris. Estudos na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Obtém o *Prix des critiques* em 1962 pelo seu livro *Dans la chaleur vacante* (Mercure de France). É co-director da importante revista *L'Ephémère*, com Gaëtan Picon, Yves Bonnefoy e Louis René des Forêts. Tem estudado particularmente a obra de Albert Giacometti e traduzido *Finnegan's Wake*, de Joyce, *Poemas*, de Holderlin e *A Tempestade*, de Shakespeare.

(1) In *Onze études sur la poésie moderne*, ed. Seuil, p. 236.
(2) *Écrivains d'aujourd'hui* (1940-1960), ed. Grasset.
(3) Op. cit., p. 235.
(4) *Id.*, p. 240.
(5) *Op.* cit., p. 141.

Massiel

Cont. da pág. 1

mas e as canções do recital não quero deixar de citar; além daquele poema; «Canto do autor dramático», «Recordação de Maria A.», «Da infanticida Maria Farrar», «Palavras de um camponês ao seu boi», «Balada do soldado morto», «Perguntas de um leitor operário», «O fuhrer vos dirá», «Maus tempos para a lírica», «O fumo»; «Na cama em que estamos, estaremos», «Balada da escravatura sexual», «Bárbara Song», «Jenny dos piratas», «A canção da mulher do soldado», «Balada de Maria Sanders», «Um cavalo se lamenta». No início da segunda parte ouviu-se a gravação da voz de Bertold Brecht cantando.

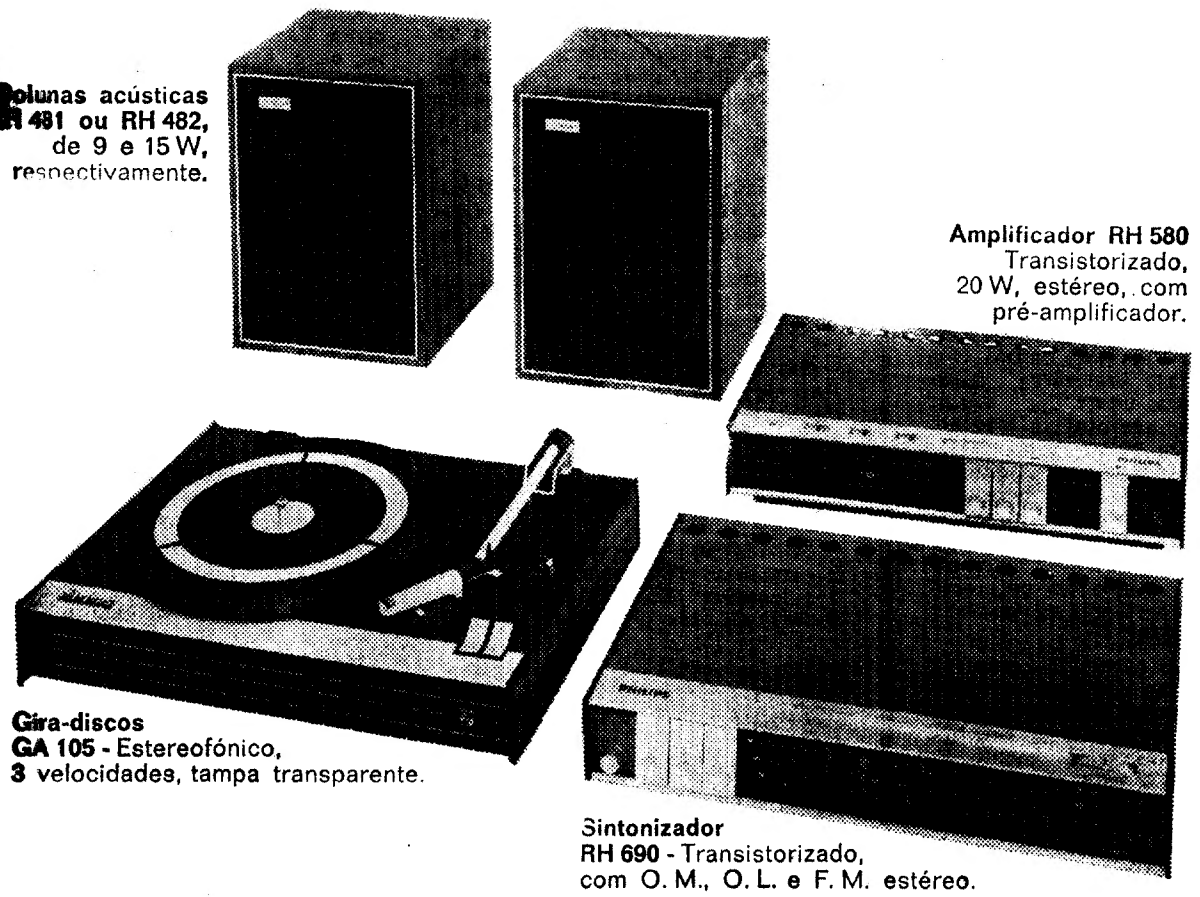
Esperemos que um dos nossos empresários, dinâmicos, audaciosos (e amigos da cultura!) tragam até nós este recital que, mesmo com todos os seus erros e carências, constitui uma bela experiência. ■

CARLOS PORTO

o Conjunto Compact Stereo Philips faz amigos e a inveja de muita gente

É natural. Basta olhar para este harmonioso conjunto para se sentir a presença de uma aparelhagem cuidadosamente estudada. Quando V. colocar o primeiro disco e o som estereofónico Philips encher a sua sala, olhe para a cara dos seus amigos: surpresa e admiração.

Para os invejosos, um bom conselho: comprarem também um conjunto Compact Stereo Philips.



Colunas acústicas RH 481 ou RH 482, de 9 e 15 W, respectivamente.

Amplificador RH 580 Transistorizado, 20 W, estéreo, com pré-amplificador.

Gira-discos GA 105 - Estereofónico, 3 velocidades, tampa transparente.

Sintonizador RH 690 - Transistorizado, com O. M., O. L. e F. M. estéreo.

PHILIPS

PHILIPS

VIAGENS it

85 itinerários - incluindo viagem aérea, 6 noites em hotel (c/banho) e excursão da cidade

De LISBOA preços a partir de

Para BERLIM	6.230$00
BRUXELAS	4.770$00
CASABLANCA	2.495$00
LONDRES	4.020$00
ROMA	5.360$00

UTILIZE O MULTICRÉDITO PARA PAGAR AS SUAS VIAGENS

multitur
E. PINTO BASTO
OREY ANTUNES
GARLAND, LAIDLEY
TURISMO MOCAMBIQUE
TAIT & C.ª L.da
E.V.A.-VIAGENS E TURISMO

Sobre um texto de Ana Hatherly

Cont. da pág. 2

tinha já apontado algumas propostas de *leitura*.

6.1. Em primeiro lugar, que é que autorizará A. H. a designar uma das partes desse livro como «*31 variações temáticas sobre um vilancete de Camões*» quando, no final desse vilancete apenas se utiliza do mote, ou seja, dos três versos iniciais?

6.2. Em que é ou a quem pensa A. H. que o seu livro *incomoda*? Só se ao tipógrafo que o compôs...

6.3. O livro chama-se *ANAGRAMÁTICO* «*porque nele é dado um lugar importante ao processo do anagrama*» como «*o leitor inteligente poderá observar*». «*Nele se observa, analisa, recria, desfigura, recompõe um considerável número de formas, algumas clássicas — como o anagrama, o hai-kai, a cantiga de amigo, passando pela tão vilipendiada poesia barroca e pelo poema concreto*».

Pena não poder aqui transcrever alguns poemas para o mostrar. Talvez o leitor mais atento (aquele que se vê forçado a suportar estas tricas que são às vezes meras perdas de tempo) se recorde dos que aqui têm sido transcritos.

6.4. A arte é uma «*forma de artifício, mesmo de fogo de artifício*». Está tudo explicado. E vamos para casa satisfeitos.

6.5. «*Diante de nós está o infinito, o infinito das possibilidades: o improvável*». O que nos mostra que, para além de todos os «*artifícios*», de toda a sua preocupação pelas «*formas*», a linguagem continua a *falar* para além delas e a *dizer-nos* esse espaço nebuloso e *metafísico* que essa preocupação formal intenta sem cessar recobrir e esconder.

7. Mas valerá a pena? Valerá a pena continuar a ocupar espaço dando importância a um livro e a um texto que a não têm? Valerá a pena continuar a pôr em causa uma actividade e uma posição que se acham já suficientemente caracterizadas?

7.1. Sobre alguns comentários da minha crítica, aqueles em que se apontam tremendos erros de teorização, não se refere Ana Hatherly. O seu texto visa apenas encobrir o livro como produto de uma actividade que nele se não manifesta.

7.2 Pensei inicialmente discutir o que A. H. pensa de noções como *forma* («*a história dos actos criadores é a história da evolução das formas*») *cultura, civilização, talento criador*, etc. e do modo erróneo e deformador como as manipula. Alonguei-me no entanto demasiado e seria pois fastidioso (para mim também) prosseguir nesse projecto

7.3. «*Todos os autores são e sempre foram intervenientes*». Sempre tiveram a necessidade de «*modificar o mundo, como dantes se dizia*». Claro, como dantes se dizia. Hoje mais «actualizados», mais «informados», mais «cultos» dizem assim:

Gostas da palavra litote?
é um tropo.
e não gostas da palavra tropolitote?
então diz comigo:
tropolitóóóóóóóte!
litote
tropope
tropolipope
tripopopote
tripolitripolitote
tripolitripolipoli
toliloli
tropopopoli
tripopeli
popoli
poplili
popli
poplitii...

Este poema, transcrito da página 20 de *ANAGRAMÁTICO*, é de facto o grande repositório das teorias de Ana Hatherly. Está lá tudo tropolitado. Quer dizer, é uma pequena metáfora (tropo+litotes — do grego *litos*, pequeno). Litotes, aliás, é uma forma de estilo que consiste em não dizer nada para dizer tudo, em

negar para afirmar, em dizer menos para dar a entender mais. O poema é evidentemente isso: o que ele não diz é o que de facto diz o que manifesta é o que oculta. O seu verdadeiro *sentido* está pois no que lá não está. É um vazio, uma ausência, uma página em branco. E é aliás isso o que fundamentalmente também caracteriza o texto com que Ana Hatherly responde à minha nota de crítica.

Ana Hatherly: pensar e não pensar

8. PRODUZO PENSAMENTO EM PALAVRAS POR SEGUNDO — Tão rápida deve ser de facto a produção de palavras que, às vezes, Ana Hatherly se esquece de pensar...

NELSON DE MATOS

«Os cavalos também se abatem»

Cont. da pág. 5

cias nem pôr em movimento a máquina judicial.

Nas bancadas, gente alienada que procura no sofrimento alheio um motivo de evasão aplaude, numa renúncia completa a todo o juízo crítico. O empresário explora cinicamente a miséria dos infelizes obrigados a aceitar o jogo e tira o máximo proveito da alienação social em que se vive. Pantomineiros, parasitas, ambiciosos sem escrúpulos, crápulas de todas as categorias ali estão encarnados na figura daquele empresário, que até selecciona a mercadoria humana, escolhendo a que lhe dará mais rendimento.

Não é por acaso que estas situações existem, nem existem devido a desigualdades naturais como pretendem certos ideólogos. Elas são pelo contrário o reflexo das contradições inerentes ao processo de desenvolvimento da sociedade capitalista e é nestas contradições que vamos encontrar concretamente a sua motivação e também o seu desenvolvimento. Assim, «Os Cavalos Também se Abatem» é uma vigorosa afirmação do humanismo materialista, porque mais uma vez o real desmascara e esmaga ideologias alienatórias.

Desenhado em traços enérgicos por um americano, este é o perfil social da América combalida dos anos 30. Uma América, dirão agora, a 40 anos de distância, que venceu as suas crises. Mas tê-las-á vencido? E, se as venceu, porquê este filme de produção recente?

Se, como é natural, não cabe no âmbito deste artigo analisar a actual

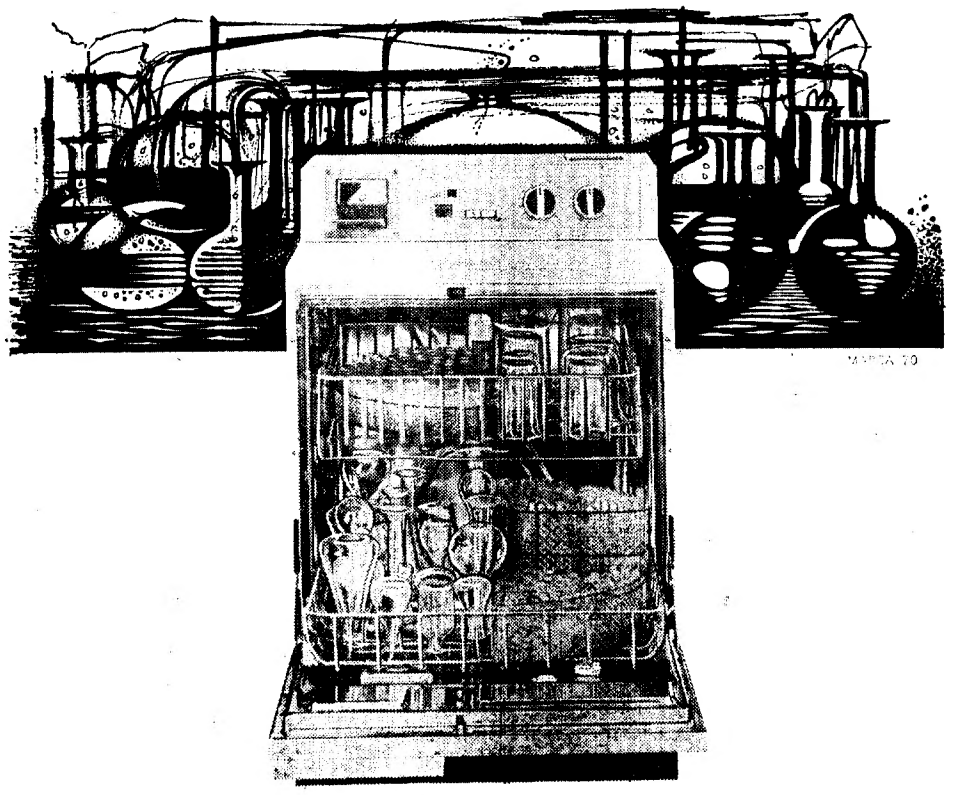
conjuntura socioeconómica dos E.U.A., não é renunciando á compreensão dessa ordem de fenómenos que poderemos apreender a intencionalidade do filme. A dificuldade, se a há, resolve-se se tomarmos em linha de conta que, quando um autor se volta para o passado, é para, através do que nele há de significativo, nos dar a sua visão do presente. Se juntarmos a este princípio obras literárias de criação mais recente (não esquecer que o filme é extraido dum romance que, ao que supomos, é muito posterior á crise económica que abalou os E.U.A.) como, por exemplo, *O Pão da Mentira*, do mesmo autor, a *Morte dum Caixeiro Viajante* e *A Estrada do Tabaco*, para falarmos, apenas destes e omitirmos a ensaística publicada sobre os mesmos problemas, verificamos que as estruturas ideológicas, jamais deixaram de apoiar e de favorecer o desenvolvimento da sociedade capitalista.

Ao nível da actuação compete ás estruturas ideológicas moldar a mentalidade das massas num determinado sentido, erguer conjuntos de mitos e criar necessidades artificiais, enquanto procura abolir outras que são de facto vitais (a *Morte dum Caixeiro Viajante* é exemplo típico) Por este processo, o indivíduo desprevenido é submetido á pressão do meio e aceita os valores que a ideologia vigente lhe propõe, como é o caso daquelas centenas de pessoas que enchem as bancadas do salão para aplaudir os desgraçados que vão morrendo aos poucos.

Deste modo, o ano de 1930 permanece actual em «Os Cavalos Também se Abatem»; porque a ideologia alienatória que se manifesta na acção é a ideologia que se tem prolongado, não obstante os sucessivos reveses que o real lhe tem infligido.

L. A.

Míele®
máquinas especialmente concebidas para
laboratórios·hospitais



G 19 LABOR Máquina automática para lavagem de vidraria de laboratório. Absoluta eficácia para quaisquer utensílios.
G 19 Máquina automática para lavagem de biberões. Lava, enxagua, neutraliza e seca 67 biberões de cada vez.
G 18 TD Máquina automática para lavagem e desinfecção de louças em clínicas e hospitais.
G 18 OP Máquina automática para lavagem de instrumentos cirúrgicos.

Distribuidor Exclusivo
CONCESSUS, S.A.R.L. Rua D. Francisco Manuel de Melo, 9, 9-A Tel. 66 24 06/7 — LISBOA 1

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
DAS MELHORES MARCAS
AUTOMÁTICAS
DESDE
4.750$00
OFERTA DE DETERGENTES PARA UM ANO
... E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS
JOVICA
LISBOA { Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

RAUL LINO RELIDO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

Raul Lino: no centro do movimento da «casa portuguesa»

ENTRE os malefícios da cultura portuguesa dos anos 20-30-40 e ainda 50 deste século avulta a «casa à antiga portuguesa». É mesmo possível que nos anos 60 alguma moradia assim tenha sido projectada e construída; e nos anos 70, talvez ainda tal fenómeno se verifique. A asneira tem dura a vida e não é a arquitectura nacional que nega tal truísmo — bem ao contrário!

«À antiga portuguesa», portuguêsmente suave, assim foram milhares de casas por esse país fora, filhas espúrias do movimento da «casa portuguesa» iniciado em finais do séc. XIX por directas razões ideológicas — a vergonha do ultimatum» inglês e o mais acentuado receio da industrialização que parecia começar, mesmo em já fatigada medida.

No centro de tal movimento — Raul Lino. À vista do resultado, esta classificação torna-se acusação. Mas injustíssima, que de antepassados escorreitos podem descender netos aleijados, como o próprio Raul Lino lembra. Injustíssima acusação, repita-se — e à luz da exposição que a Fundação Gulbenkian agora levou a efeito. Nela colaborei, com os arq. Diogo Pimentel e Pedro Vieira de Almeida e o dr. Manuel do Rio Carvalho, além dos próprios realizadores técnicos e estéticos da exposição, o arq. José Sommer Ribeiro e o pintor Fernando Azevedo.

EXPOSIÇÃO importante para o estudo da arquitectura tradicionalista da passagem do século XIX para o XX — e também para o entendimento da arquitectura moderna que em finais dos anos 20 deste século começou a definir-se. *Estudo* — insista-se, logo repudiando toda a confusão (que não deixou de ser feita) com *homenagem*. Homenagem é coisa que se presta a quem dela precisa, por razões de carreira, de influências ou de sentimentalismos; não a um homem como Raul Lino, com a obra que tem, e o significado que a essa obra cabe, no quadro sociocultural português. Também não me parece que seja motivo de homenagem ser ele o mais idoso dos arquitectos portugueses. Afonso Domingues, se fosse vivo, tinha mais cinco séculos que o século que Lino quase já conta — e a longevidade é fenómeno biológico com que ninguém bem educado tem que ver... Outra confusão que, porém, se fez...

Exposição de estudo, portanto; à qual duas outras deveriam seguir-se: uma ligando Ventura Terra e os neo-românicos todos da sua idade (Lino foi o *único* arquitecto da sua geração que não sacrificou ao neo-romanismo, em Portugal!), outra mostrando o trabalho dos pioneiros modernos, de Carlos Ramos a Adelino Nunes, de Cristino da Silva a Pardal Monteiro, de Cassiano Branco a Jorge Segurado, até à geração de Keil do Amaral.

Assim se cobriria, em três correntes paralelas, uma das quais mais tarde definida, o campo pràticamente desconhecido da arquitectura nacional. Oxalá assim a Fundação Gulbenkian queira fazer.

NO meio dessas correntes, Raul Lino foi um homem isolado (isolado e livre, como gosta de dizer e pôs no seu ex-libris) que das dezenas de discípulos que teve não reconhece nenhum. Escorreito é ele, e os outros aleijados — todos: Fulano, Cicrano e Beltrano, com seus beiradinhos, seus alpendres, seu gosto pequenissimo burguês suavemente lusitano.

Raul Lino apresenta-se como *o grande arquitecto de uma tradição portuguesa que se interroga e reinventa dinâmicamente*. Os outros, como os pequenos mestres de obras de uma tradição provinciana que se contenta e copia estàticamente. Essa a diferença e essa a razão de a sua obra merecer estudo e dar lição.

Lição de que género? De um inteligente assumir de raízes culturais, directamente buscadas, no terreno calcorriado; de um possível convite a novos entendimentos espacio-formais que a modernidade definiria. A sua obra é portanto analisável em termos do século donde partiu, e em termos do século aonde chegou. Que essa obra se detivesse, como proposta original, ao fim dos anos 20 ou princípio do declínio seguinte, é perfeitamente natural, e raras vezes assim não acontece na proposição de situações estéticas, ou mais latamente socioculturais. A uma geração, a si própria fiel, sucede outra que vai definir e defender a sua nova fidelidade. Outra virá depois, etc.

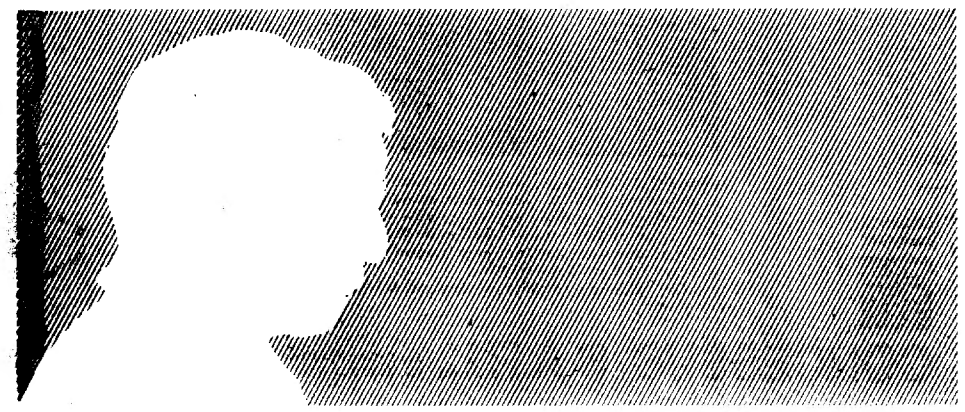
Mas não esqueçamos que isso é cronologia e não história. Que aceitar a sucessão de propostas topo a topo, com todo o seu teor polémico, é ingenuidade que o tempo se encarrega de resolver ou desiludir.

Entender as razões ideológicas de Raul Lino (que foram de homens como Afonso Lopes Vieira ou como António Sérgio, e para ambos trabalhou) leva a mais bem situar o «nacionalismo» português, desde 90, e a verificar a pouca densidade cultural dele, quando foi mais oficialmente forte. E leva também a rever os sistemas da modernidade e os seus padrões, vendo (como viu o notável estudo de Pedro Vieira de Almeida no catálogo) que, em relação a eles, Raul Lino teve uma função positiva — para além de toda a polémica que manteve e mantém, gostosamente, aos noventa anos) com formas, intenções e ilusões.

A presente exposição permite reler a sua obra e re-situá-la. Para isso servem as retrospectivas a que, aliás, não estamos habituados.

NÃO, não direi que os museus portugueses faltam ao seu dever de ser úteis à Nação, não fazendo as retrospectivas que deviam fazer. Não direi que eles se confundem burocrática e propositadamente com *latas de conserva*, e que assim mesmo é que, por alguma razão os querem. Desta vez, estou em Paris, a ver outras exposições retrospectivas e não direi nada!

Ainda Raul Lino



COMO INFORMAÇÃO complementar ao folhetim-artístico de José-Augusto França neste número publicado, parece-nos oportuno registar algumas passagens dos dois documentos, recentemente divulgados na Imprensa, em que mais de 70 arquitectos portugueses tomam posição sobre a figura e a obra do arquitecto Raul Lino, objectos de uma vasta exposição ora patente na Fundação Gulbenkian.

Do primeiro daqueles textos, salientamos:

(...) Estranham e lamentam (os signatários) *que, na actual exposição e no catálogo que a acompanha, se tenham feito omissões e interpretações tendenciosas procurando uma valorização artificial — e nem sempre legítima — da obra do homenageado*

Estranham e lamentam que se venha apresentar Raul Lino como «um arquitecto moderno», quando, em rigor, ele devotou toda a sua vida à defesa de aspectos e valores do passado e ao combate intransigente à floração de uma arquitectura moderna portuguesa

No segundo documento, assinado por 65 arquitectos (alguns signatários do primeiro texto), diz-se a certa altura:

(...) Ao evocar Raul Lino de forma historicamente isolada, separando a sua figura e a sua obra das várias gerações que o envolvem e evitando o respectivo confronto dum modo imparcial e sistemático, incorre-se na adulação de um personagem pela separação conceptual entre o homem e a sua prática sociocultural

O imobilismo ideológico em que Raul Lino se situa e a reacção que sempre fez exercer nas gerações de arquitectos portugueses mais progressivos, faz-nos repudiar a modernidade e a magistralidade que esta exposição pretende assinalar. Pela inexistência em Raul Lino de uma procura rigorosa e metódica na História e na Arquitectura, que racionalizasse e tornasse a sua acção transmissível como conhecimento e pedagogia, resulta um absurdo recuperar essa acção em termos de actualidade.

EDIÇÕES - 70

tem o grato prazer de informar que cedeu a distribuição exclusiva das suas edições:

«O QUE É A INFLAÇÃO»
(Porque sobem os preços)
de Armando Castro
— e —
«O TRIUNFO»
de J. K. Galbraith
— a —

EDUARDO R. FERREIRA, LDA.

EDUARDO R. FERREIRA, LDA.

LIVRARIA QUADRANTE

informa que, lhe foi entregue a distribuição exclusiva das edições:

«O QUE É A INFLAÇÃO»
(Porque sobem os preços)
de Armando Castro
— e —
«O TRIUNFO»
de J. K. Galbraith
— de —

EDIÇÕES - 70

A PRIMEIRA HISTORIOGRAFIA DA NOVA ARQUITECTURA MUNDIAL DESDE AS SUAS ORIGENS ATÉ À ACTUALIDADE

A PRIMEIRA BIBLIOGRAFIA GERAL DA HISTÓRIA URBANÍSTICA E ARQUITECTÓNICA MODERNA

UM ESTUDO SOBRE A SITUAÇÃO DA ARQUITECTURA MODERNA EM PORTUGAL

1.000 ILUSTRAÇÕES EM EXTRA-TEXTO E EM IN-TEXTO

«...Mas esta obra interessa, acima de tudo, a leitores das mais diversas profissões e formações que queiram entender os aspectos relevantes da revolução do seu tempo — porque é a aventura das respostas que em campo de aparência tão limitado, como o da arquitectar, procurou dar a fenómenos tremendos, como o da explosão das cidades e a ruína das suas estruturas tradicionais; como o da extensão a toda a população do direito a habitar, a educar-se, a tratar-se, a divertir-se, não apenas no sentido quantitativo que estas exigências tomaram mas, ao mesmo tempo, porque postulavam a reinvenção integral dos ambientes quase sempre degradados, utilitária e poèticamente, em que vivemos.
A generalidade dos leitores não retirará desta história apenas um aumento de cultura geral — o de conhecer os progressos bem contraditórios de uma actividade que orgulha ser importante para a vida de todos nós —, mas arriscar-se-á a pensar que ganhará um modo diferente de ver e entender o espaço em que se move, trabalha ou descansa, uma percepção mais aguda da não indiferença desse espaço para a sua quotidianidade, e, portanto, um progresso crítico que o tornará melhor interlocutor do arquitectura que se cria, e até melhor conhecedor do condicionalismo cívico que pode permitir ou sufocar o significado colectivo dessa criação.
Como instrumento de formação profissional para os que dão forma ao habitat, como instrumento de consciencialização cultural para os que habitam, a publicação em português deste «Clássico» era necessária.»

(do prefácio do Arq. NUNO PORTAS)

Esta HISTÓRIA DA ARQUITECTURA MODERNA é publicada em cerca de 15 fascículos, de 48 páginas, no formato 19 × 28 centímetros, impressos em papel offset de 100 grs. expressamente importado para esta obra, e extratextos impressos em couché mate de 150 grs.

Preço reduzido para assinaturas:

por fascículos, cada	20$00
em séries de 5 fascículos, pagamento adiantado	140$00
obra completa, pagamento adiantado	400$00

FAÇA, PREFERENTEMENTE, A ASSINATURA NA SUA LIVRARIA OU, ALTERNATIVAMENTE, JUNTO DOS NOSSOS SERVIÇOS, PARA O QUE BASTARÁ COLAR NUM POSTAL O TALÃO ABAIXO

A EDITORA ARCADIA, S. A. R. L.
Campo de Santa Clara, 160 — LISBOA-2

Solicito o envio do 1.º fascículo da HISTÓRIA DA ARQUITECTURA MODERNA, que devolverei no prazo de oito dias, caso não me interesse confirmar a sua assinatura.

NOME .....
.....
MORADA .....
LOCALIDADE .....